

MAPEANDO VIOLÊNCIAS EM PORTO ALEGRE



Violências contra pessoas idosas

Boletim nº 2 - ANO I - 2025



**Prefeitura de
Porto Alegre**

Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Sebastião Melo - Prefeito

Secretaria Geral de Governo

André Coronel – Secretário

Escritório de Prevenção às Violências

Gelson Guarda – Coordenador

Elaboração, Desenvolvimento, Design e Responsabilidade Técnica

Denise Araujo Villas Bôas -
Administradora - CRA RS-054071/O

Apoio Técnico

Luiz Alberto Turmina de Oliveira – Diretor de Gestão SMGG

Supervisão Gráfica e Revisão

Manuela Schroeder Kuhn – Coordenadora de Comunicação SMGG

Projeto Gráfico

Gabinete de Comunicação Social/PMPA

Colaborador

EPTC: Osman Miguel Bernardi

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

V79 Violência contra pessoas idosas [recurso eletrônico]. /
[elaborado por Denise Araujo Villas Bôas]. – Boletim n. 2,
ano I, 2. semestre, 2025. – Porto Alegre: Prefeitura
Municipal de Porto Alegre, Secretaria Geral de Governo,
2025.

recurso on-line: 72 páginas: ilustrações. – (Mapeando
Violências em Porto Alegre; 2)

1. Mapeamento de violências – Porto Alegre. 2.
Violência contra pessoas idosas. 3. Políticas Públicas I.
Villas Boas, Denise Araujo.

CDD 305.26

Catalogação na Publicação elaborada pela biblioteca da Escola de Gestão Pública
Bibliotecária: Gicele Farias Gomes - CRB 10/2195

Sumário

Apresentação	04
Aspectos demográficos	05
Violências no trânsito contra pessoas idosas	10
1. Centro Histórico	14
2. Sarandi	16
3. Partenon	19
4. Restinga	21
5. Petrópolis	23
6. Azenha	25
7. Floresta	27
8. Santana	29
9. Menino Deus	31
10. Cavahada	33
Crimes contra pessoas idosas	36
1. Estelionato	40
2. Ameaça	43
3. Furto simples	45
4. Furto celular	48
5. Furto qualificado	50
6. Roubo a pedestre	53
7. Furto de documento	55
8. Perturbação trabalho e/ou sossego alheio	58
9. Lesão corporal	60
10. Injúria	63
Violências contra pessoas idosas	66
1. Violência física	68
2. Negligência e/ou abandono	69
3. Tentativa de suicídio	70
Legenda de bairros	71
Mensagem de encerramento	72

Apresentação

Esta segunda edição do boletim “Mapeando Violências em Porto Alegre” tem como foco as violências contra pessoas idosas, um fenômeno crescente e muitas vezes invisibilizado, que exige um olhar atento, sensível e informado por evidências. O envelhecimento populacional, combinado com desigualdades sociais, fragilidades de cuidado e lacunas nas políticas públicas, impõe novos desafios à proteção e à dignidade dessa parcela da população.

O boletim busca evidenciar as diferentes formas de violência que atingem pessoas idosas em Porto Alegre, revelando tanto as dimensões quantitativas — por meio de dados de diferentes fontes— quanto os aspectos sociais e territoriais que contribuem para sua ocorrência. A intenção é transformar informações em instrumentos de ação, possibilitando que gestores, pesquisadores e a sociedade civil possam planejar intervenções mais eficazes e integradas.

Assim como na primeira edição, a proposta é mapear, compreender e agir. Cada dado apresentado é um convite à reflexão sobre como nossa cidade cuida, protege e valoriza seus cidadãos mais velhos. A violência contra a pessoa idosa, além de violar direitos humanos fundamentais, reflete um padrão estrutural que requer respostas intersetoriais, éticas e solidárias.

O Escritório de Prevenção às Violências (EPV) da Secretaria Municipal Geral de Governo (SMGG) reafirma, com esta publicação, seu compromisso com a produção de conhecimento aplicado e a elaboração de políticas públicas informadas por evidências. O objetivo é fortalecer uma cultura de prevenção e cuidado, capaz de promover o envelhecimento digno, seguro e respeitoso em todos os territórios da cidade.

Esta edição integra o esforço contínuo da Prefeitura de Porto Alegre para construir um ambiente urbano mais justo, inclusivo e protetivo, em que a longevidade seja acompanhada de qualidade de vida.

Enquanto ferramenta de diagnóstico, análise e priorização de políticas públicas de prevenção às violências, o EPV baseia-se nas melhores práticas de prevenção, atuando de forma horizontal, multissetorial e interinstitucional, de natureza consultiva, normativa propositiva, de investigação e pesquisa, sob a gestão direta da Prefeitura de Porto Alegre através da SMGG.

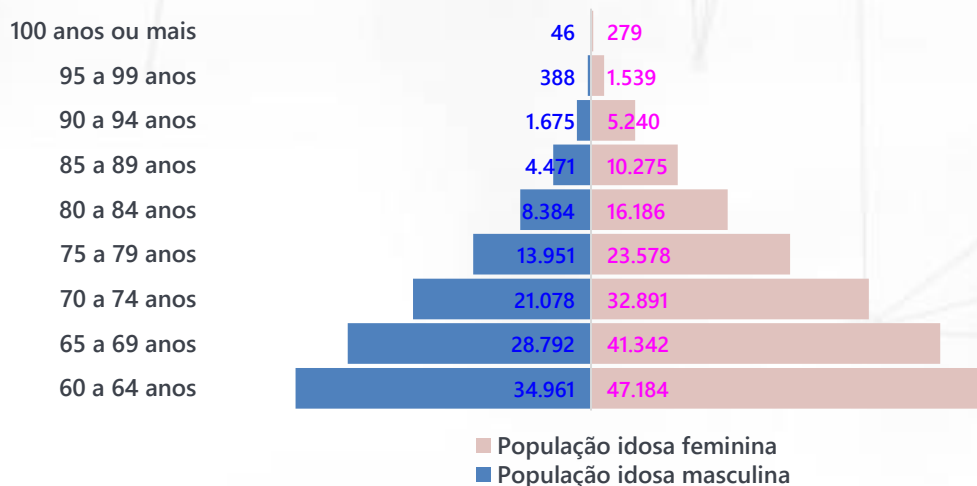
O EPV neste mês de dezembro está trabalhando com seus membros de diferentes áreas para efetivar Campanhas possíveis que nos permitam colaborar para o enfrentamento a violência contra a pessoa idosa.

Gelson Guarda e Carlos Simões
Coordenação do Escritório de Prevenção às Violências

Aspectos demográficos

Segundo dados do Censo de 2022, o número de idosos habitantes de Porto Alegre é de 292.260 **(21,93% da população do município)**. O maior contingente está no grupo etário entre 60 a 64 anos (82.145), seguido de perto por 65 a 69 anos (70.134) e 70 a 74 anos (53.969), conforme demonstra o gráfico a seguir:

Figura 1 – Distribuição da população idosa de Porto Alegre por grupos etários



Fonte: Censo demográfico 2022 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Porto Alegre apresenta um perfil demográfico típico de envelhecimento populacional impulsionado por fatores como o aumento da expectativa de vida e a redução das taxas de fecundidade¹.

A análise da população idosa de Porto Alegre revela tendências demográficas relevantes e desigualdades de gênero que merecem atenção. Nota-se, em primeiro lugar, a expressiva predominância feminina em todas as faixas etárias, com a disparidade se acentuando progressivamente nas idades mais avançadas. Essa evidência demonstra o fenômeno da feminização da velhice² que associa maior longevidade feminina a fatores biológicos, comportamentais e sociais³, mas também aponta para vulnerabilidades específicas no envelhecimento das mulheres.

As características apresentadas devem orientar políticas públicas intersetoriais voltadas para a saúde, o bem-estar e a inclusão das pessoas idosas, reconhecendo a heterogeneidade desse grupo etário e suas especificidades por sexo e faixa etária.

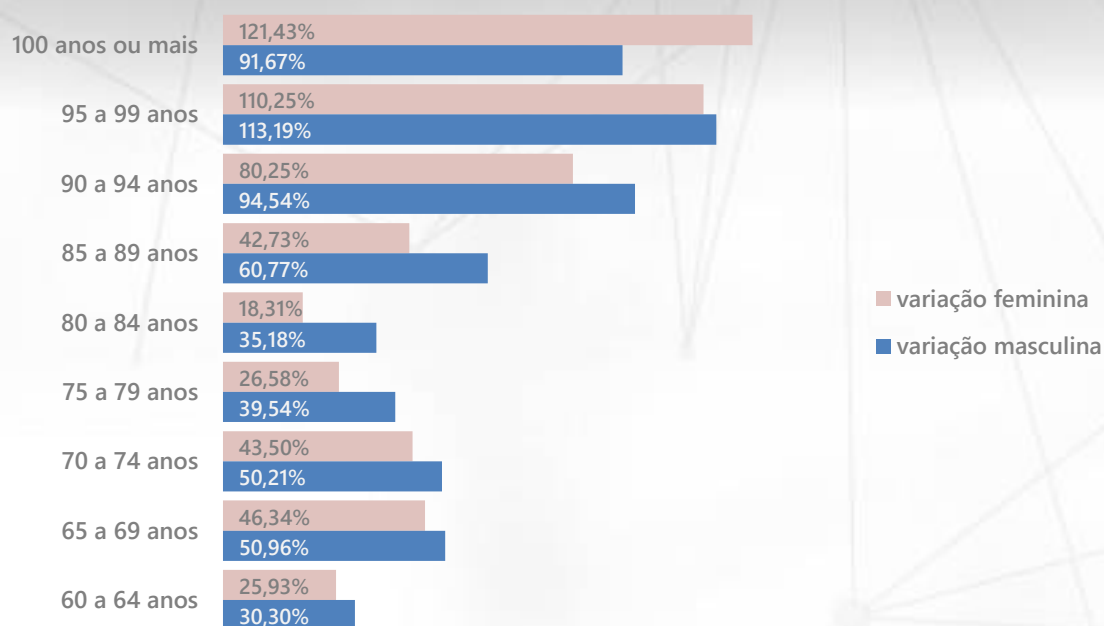
Comparando-se os dados do Censo de 2022 com os dados do Censo de 2010, temos as seguintes variações por grupos de pessoas idosas:

¹ Segundo a definição técnica do IBGE, a fecundidade refere-se à relação estatística entre o número de nascidos vivos e o contingente de mulheres em idade reprodutiva, sendo um indicador que expressa a intensidade da reprodução em uma população diferentemente da natalidade que representa a quantidade absoluta de nascimentos ocorridos em um determinado grupo populacional ao longo de um período específico.

² A feminização da velhice é um fenômeno demográfico e sociológico que descreve a predominância de mulheres nas faixas etárias mais avançadas da população. Isso ocorre devido à maior expectativa de vida das mulheres em comparação aos homens, resultando em uma proporção crescente de idosas à medida que a população envelhece.

³ MAXIMIANO-BARRETO, Madson Alan; ANDRADE, Larissa; CAMPOS, Lucas Bueno de; PORTES, Filipe Augusto; GENEROSO, Fernanda Karoline. A feminização da velhice: uma abordagem biopsicossocial do fenômeno. Interfaces Científicas – Humanas e Sociais, v. 8, n. 2, p. 239–252, 2019.

Figura 2 – Variação da população idosa de Porto Alegre por grupos etários



Fonte: Censos demográficos de 2010 e 2022 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

A análise das variações percentuais por sexo das pessoas idosas evidencia um padrão de crescimento expressivo nas faixas etárias mais avançadas, especialmente entre os centenários. Enquanto as mulheres apresentam um aumento de 121,43% entre aqueles com 100 anos ou mais, os homens registram 91,67%, indicando a maior longevidade feminina e sua predominância nos estratos etários mais elevados. Esse fenômeno se conecta a fatores biológicos, sociais e culturais que historicamente favoreceram a sobrevivência feminina em maior escala.

Nos grupos etários intermediários, como de 85 a 89 anos e de 80 a 84 anos, observa-se um ritmo mais acentuado de crescimento masculino (60,77% e 35,18%, respectivamente) em comparação ao feminino (42,73% e 18,31%). Esse dado sugere um processo de recuperação da presença masculina em idades avançadas, ainda que sem superar a predominância das mulheres. Tal dinâmica pode estar relacionada a melhorias recentes nas condições de saúde, acesso a políticas de prevenção e transformações nos padrões de mortalidade masculina.

Por fim, na faixa de 60 a 74 anos, os percentuais de crescimento são relativamente equilibrados entre os sexos, com leve vantagem para os homens, o que pode indicar um processo de envelhecimento mais homogêneo nessa base da população idosa.

Em síntese, os dados revelam tanto a persistente feminização da velhice quanto uma aproximação gradual da presença masculina nas idades avançadas, o que impõe desafios diferenciados às políticas públicas de saúde, previdência e cuidado, considerando as especificidades de gênero no processo de envelhecimento.

Já considerando-se o percentual de pessoas idosas entre as capitais do país verifica-se que Porto Alegre lidera esse ranking com 21,93% sendo a capital com maior população idosa do Brasil:

Figura 3 – Percentual da população idosa entre as capitais do Brasil



Fonte: Censo demográfico 2022 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

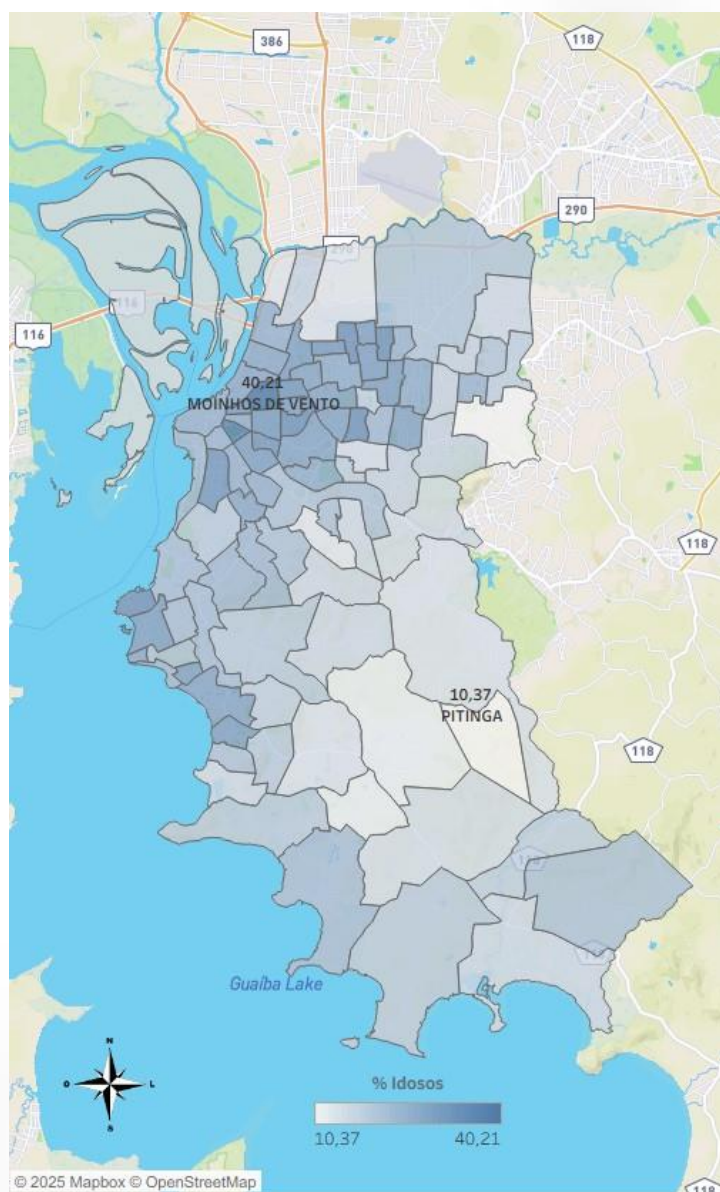
Os dados sobre o percentual de população idosa nas capitais brasileiras revelam uma clara heterogeneidade regional, com média aproximada de 15,46% da população com 60 anos ou mais. Capitais do Sul e Sudeste, como Porto Alegre (21,93%), Rio de Janeiro (20,18%) e Vitória (20,07%), apresentam os maiores índices de envelhecimento que podem ser reflexo de melhores condições socioeconômicas, maior longevidade e menor taxa de fecundidade. Em contraste, as três capitais com menor percentual de pessoas idosas são Boa Vista (7,70%), Palmas (8,23%) e Macapá (8,62%), podendo ser associadas a populações mais jovens, maior fecundidade e menor expectativa de vida.

Esse padrão indica que o processo de transição demográfica no Brasil está em estágios distintos conforme a região. Portanto, é fundamental que políticas públicas sejam regionalizadas, focando no fortalecimento da assistência a pessoas idosas nas capitais mais envelhecidas e em demandas relacionadas a grupos mais jovens e planejamento do envelhecimento futuro em cidades com menores percentuais de pessoas idosas.

Essa diversidade demográfica exige atenção estratégica para promover envelhecimento saudável e equidade social em todo o país.

Considerando-se a distribuição da população idosa por bairros em Porto Alegre, observa-se que a proporção é evidenciada por marcantes desigualdades socioespaciais no processo de envelhecimento urbano. A análise demonstra que 16 bairros apresentam percentual de pessoas idosas superior a 30%, concentrando-se majoritariamente em regiões centrais ou de alto padrão socioeconômico. São eles: Moinhos de Vento (40,2%), Farroupilha (37,7%), Jardim Lindóia (32,8%), Bela Vista (32,6%), Jardim São Pedro (32,6%), Vila Assunção (32,5%), Chácara das Pedras (32,5%), Menino Deus (32,0%), Santa Cecília (31,9%), Auxiliadora (31,7%), Independência (31,4%), Santa Maria Goretti (31,1%), Rio Branco (30,6%), Santana (30,1%), Tristeza (30,1%) e São João (30,1%). Essas regiões oferecem melhor infraestrutura urbana, serviços de saúde acessíveis e ambiente seguro, o que favorece a permanência da população idosa e caracteriza um envelhecimento in loco.

Figura 4 – Percentual da população idosa por bairro



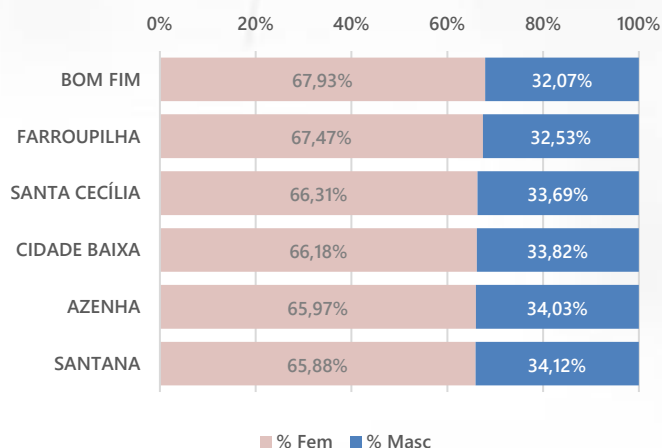
Fonte: Censo demográfico 2022 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Em contraste, 16 bairros registram percentual de idosos inferior a 17%, concentrando-se principalmente nas periferias ou em áreas de urbanização mais recente. São eles: Pitanga (10,4%), Mário Quintana (11,2%), Restinga (13,2%), Chapéu do Sol (13,3%), Coronel Aparício Borges (13,7%), Anchieta (13,8%), Farrapos (14,0%), Hípica (14,4%), Lomba do Pinheiro (14,7%), Arquipélago (15,6%), Agronomia (15,7%), Bom Jesus (15,9%), Lageado (16,3%), Cascata (16,5%), Lami (16,5%) e Belém Velho (16,8%). Esses bairros tendem a concentrar populações mais jovens, com maior rotatividade residencial e menor oferta de serviços especializados para a terceira idade, o que pode limitar a fixação e o envelhecimento da população local.

A discrepância entre essas duas realidades urbanas revela que o envelhecimento populacional em Porto Alegre é profundamente condicionado por fatores socioeconômicos, de infraestrutura e qualidade de vida. Assim, é fundamental que o planejamento urbano e as políticas públicas considerem essas desigualdades territoriais para promover um envelhecimento digno, saudável e integrado em todas as regiões da cidade.

Já a análise da distribuição percentual de pessoas idosas por bairro e sexo em Porto Alegre, revela um padrão amplamente consolidado de predominância feminina refletindo a maior longevidade das mulheres e tendências demográficas observadas em âmbito nacional. Com base nos dados analisados, verificou-se que em praticamente todos os bairros o percentual de mulheres idosas supera o de homens, com apenas duas exceções: Anchieta (47,71% de idosas e 52,29% de idosos) e São Caetano (47,45% de idosas e 52,55% de idosos), únicos locais onde a presença masculina é ligeiramente superior.

Figura 5 – Bairros com percentual de mulheres idosas acima de 65%



Fonte: Censo demográfico 2022 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Entre os bairros com maior proporção de mulheres idosas destacam-se Bom Fim (67,93%), Farroupilha (67,47%), Santa Cecília (66,31%), Cidade Baixa (66,18%), Azenha (65,97%) e Santana (65,88%). Esses bairros apresentam percentuais femininos acima de 65%, indicando forte predominância de idosas em relação aos homens. Trata-se, em sua maioria, de regiões centrais e tradicionais, marcadas por melhor infraestrutura urbana, acesso a serviços de saúde e consolidação residencial histórica — fatores que favorecem a permanência e o envelhecimento populacional, especialmente do público feminino.

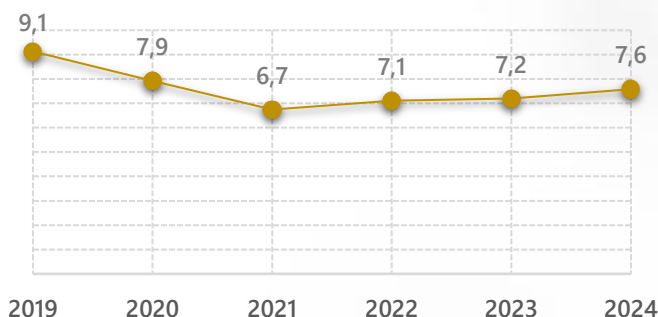
De modo geral, a média de pessoas idosas por sexo nos bairros é de 59,9% de mulheres para 40,1% de homens, indicando uma diferença substancial entre os gêneros. Essa disparidade reforça o fenômeno conhecido como “feminização da velhice”, caracterizado pela predominância crescente de mulheres nas faixas etárias mais avançadas. Além disso, a concentração de mulheres idosas em bairros centrais e de melhor infraestrutura sugere uma correlação entre condições urbanas favoráveis e envelhecimento populacional mais acentuado.

Portanto, o panorama demográfico da população idosa em Porto Alegre evidencia uma clara assimetria de gênero, com predominância feminina generalizada, variações espaciais significativas e duas únicas exceções masculinas. Essa configuração oferece subsídios importantes para o planejamento de políticas públicas voltadas à terceira idade, especialmente no que se refere à atenção à saúde da mulher idosa, à adequação de serviços urbanos e ao equilíbrio regional das ações de assistência social.

Violências no trânsito

As violências no trânsito configuram-se como um importante problema de saúde pública no Brasil, gerando consequências físicas, psicológicas e sociais para as vítimas e suas famílias. No caso da população idosa, esses impactos tendem a ser ainda mais graves, devido às limitações funcionais que acompanham o processo natural de envelhecimento — como a redução dos reflexos, da acuidade visual e auditiva, além de maior fragilidade óssea (OMS, 2015)⁴. Esses fatores tornam os idosos mais vulneráveis tanto como pedestres quanto como condutores, exigindo atenção especial nas políticas de mobilidade e segurança viária.

Figura 6 – Percentual de acidentes ocorridos com pessoas idosas em relação ao total

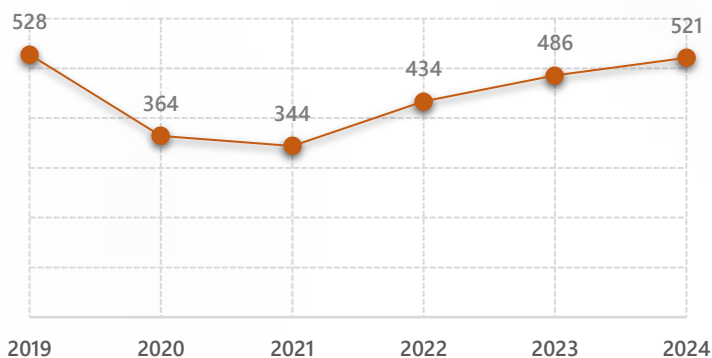


Fonte: EPTC

Analisando-se o percentual de violências no trânsito ocorridas com pessoas idosas em relação ao total do município nos anos de 2019 a 2024, observa-se uma tendência inicial de redução, seguida por leve aumento nos últimos anos. Essa oscilação indica que, apesar de avanços na diminuição da participação de idosos em acidentes, ainda há necessidade de ações contínuas e específicas para garantir maior estabilidade e segurança viária a esse grupo populacional.

Entre os anos de 2019 e 2024, os dados disponíveis indicam oscilações importantes no número total de ocorrências de violências no trânsito envolvendo pessoas idosas. Em 2019, foram contabilizados 528 casos. Nos anos seguintes, observou-se uma queda acentuada de 31,1% em 2020 (364 casos) e uma nova redução de 5,5% em 2021 (344 casos), reflexo provável das medidas de isolamento social e da menor circulação de pessoas durante a pandemia de COVID-19.

Figura 7 – Acidentes de trânsito envolvendo pessoas idosas

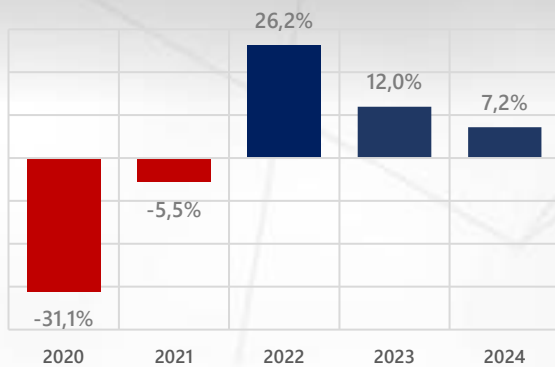


Fonte: EPTC

A partir de 2022, contudo, os números voltaram a crescer: 434 casos, representando um aumento de 26,2% em relação a 2021. Essa tendência de alta se manteve em 2023 (486 casos, +12%) e 2024 (521 casos, +7,2%), aproximando-se novamente dos patamares observados antes da pandemia. No período total analisado, nota-se uma redução global de apenas 1,3% entre 2019 e 2024, o que demonstra que, apesar das flutuações anuais, o problema permanece praticamente inalterado em termos absolutos.

⁴ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório mundial sobre envelhecimento e saúde. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2015.

Figura 8 – Variação anual de acidentes no trânsito envolvendo pessoas idosas



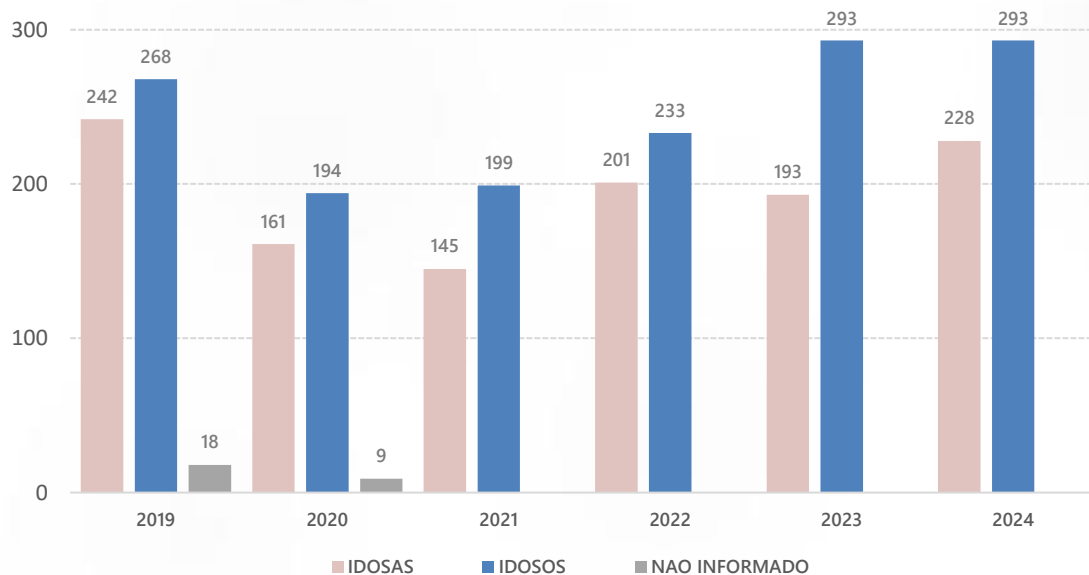
Fonte: EPTC

Esses dados reforçam a necessidade de ações intersetoriais voltadas à proteção da população idosa no trânsito. Medidas como adaptação de vias públicas, melhoria da sinalização, incentivo à educação para o trânsito e monitoramento contínuo de condutores idosos podem contribuir para a redução dos índices de violência. Além disso, conforme estabelece a Política Nacional de Mobilidade Urbana (Lei nº 12.587/2012)⁵, a prioridade deve ser dada aos modos de transporte mais vulneráveis, como pedestres e ciclistas — princípio que deve incluir de forma explícita a população idosa.

Dessa forma, compreender o comportamento dos indicadores ao longo do tempo é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção, capazes de promover uma mobilidade urbana mais segura, acessível e inclusiva para todas as idades.

Com relação às ocorrências de violências no trânsito por sexo entre os anos de 2019 a 2024, a análise revela que os idosos do sexo masculino foram mais frequentemente vitimados do que as idosas, indicando uma desigualdade de gênero persistente durante estes anos e evidenciando que os homens idosos estão mais expostos à violência no trânsito em comparação às mulheres idosas.

Figura 9 – Acidentes de trânsito envolvendo pessoas idosas por ano e sexo



Fonte: EPTC

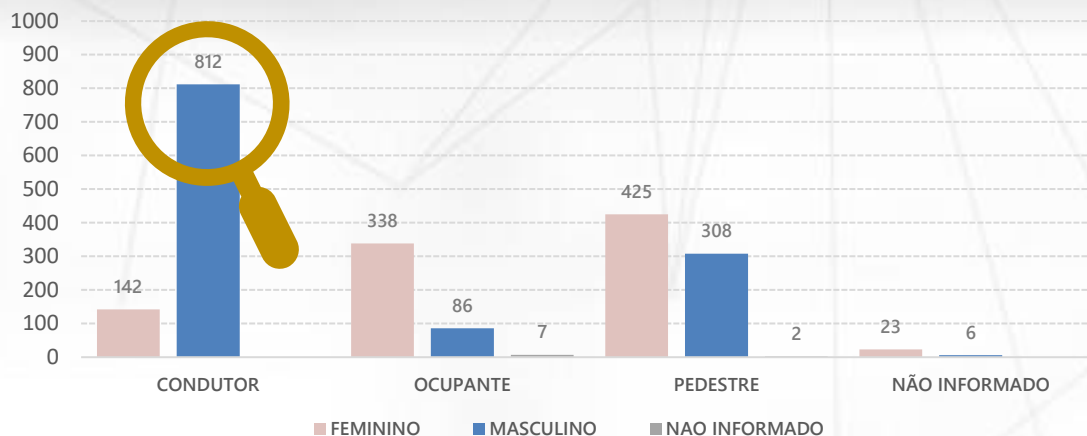
Essa diferença pode estar relacionada a aspectos comportamentais e socioculturais, como a maior presença masculina na condução de veículos e uma possível maior exposição ao risco no espaço público, enquanto as mulheres idosas, em média, tendem a ter padrões de deslocamento mais restritos e cuidadosos. Além disso, fatores como o tipo de “usuários da via”⁶ (condutor, passageiro ou pedestre) e o horário das ocorrências podem contribuir para explicar essas disparidades.

⁵ BRASIL. Lei nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012. Institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 jan. 2012.

⁶ Classificação existente no Código de Trânsito Brasileiro (CTB) para designar condutor, passageiro ou pedestre mencionada no Anexo I do CTB (Lei nº 9.503/1997).

Nesse sentido, analisando-se o tipo de usuários da via e o turno de ocorrência, temos as seguintes informações:

Figura 10 – Acidentes de trânsito envolvendo pessoas idosas por tipo e sexo (2020-2024)



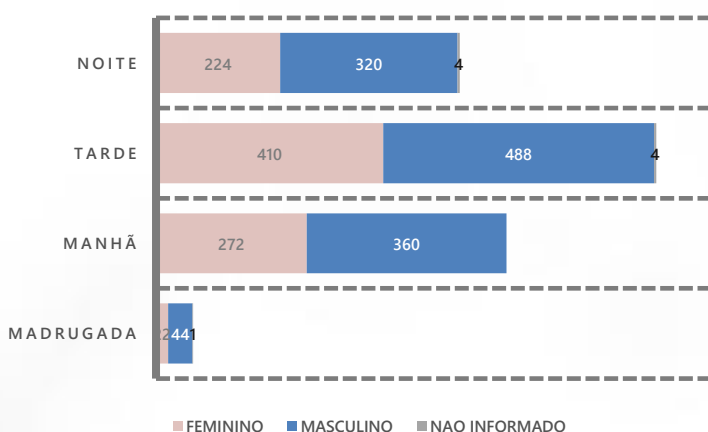
Fonte: EPTC

O gráfico acima demonstra que os acidentes de trânsito registrados entre 2020 e 2024, considerando apenas pessoas idosas, evidencia diferenças importantes no modo como homens e mulheres desse grupo se envolvem nos eventos.

Entre os idosos do sexo masculino, observa-se que os homens tendem a participar mais frequentemente dos acidentes na condição de condutores, o que indica uma maior permanência desse público na direção de veículos mesmo em idade avançada. Já entre as mulheres idosas, é mais comum o envolvimento como ocupantes de veículos ou como pedestres, papéis que costumam representar maior vulnerabilidade no trânsito.

Esses padrões refletem comportamentos distintos dentro do próprio grupo idoso e podem estar associados tanto a fatores culturais quanto a diferenças nas condições de mobilidade e autonomia entre os sexos. A predominância masculina na condução e a maior exposição feminina como passageiras e pedestres apontam para a necessidade de estratégias de prevenção e educação voltadas às especificidades desse público, considerando as formas diversas de participação dos idosos nos deslocamentos urbanos.

Figura 11 – Acidentes de trânsito envolvendo pessoas idosas por sexo e turno de ocorrência (2020-2024)

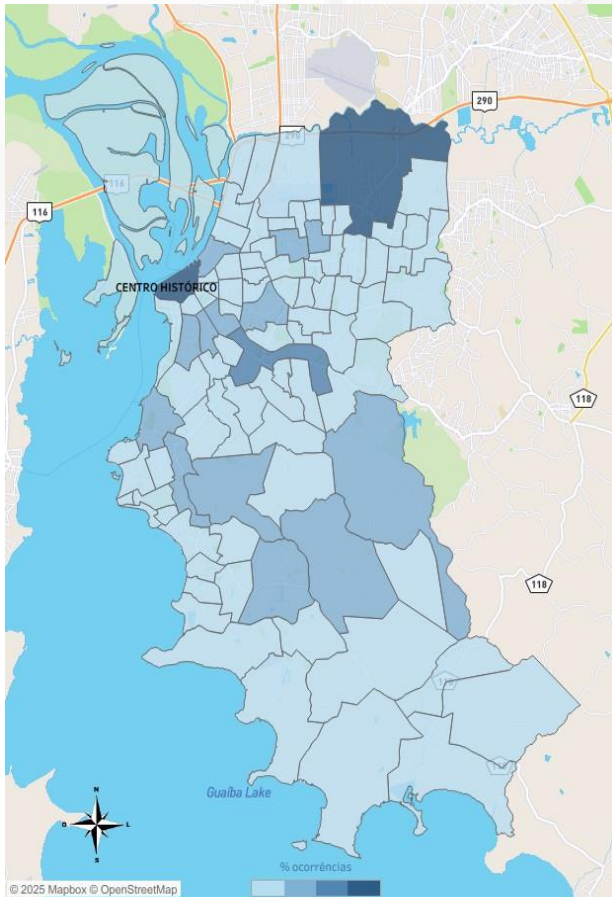


Fonte: EPTC

Os dados evidenciam que os acidentes de trânsito envolvendo pessoas idosas apresentam maior concentração nos turnos da tarde e da manhã, sugerindo uma relação direta com os períodos de maior circulação diária. Em todos os turnos, observa-se predominância do sexo masculino entre os envolvidos, o que pode estar associado a fatores comportamentais e à maior exposição dos homens ao trânsito nesses horários. Já o número de casos sem informação de sexo é residual, não interferindo significativamente na interpretação geral.

Analisando-se as ocorrências de violências no trânsito contra pessoas idosas por bairro no município, temos os seguintes percentuais:

Figura 12 – Percentual de ocorrências envolvendo pessoas idosas por bairro (2020-2024)



Fonte: EPTC

Os dados apresentados revelam a distribuição percentual de ocorrências de violências no trânsito envolvendo pessoas idosas entre os anos de 2020 e 2024, segmentadas por bairro. A análise permite identificar padrões territoriais de maior incidência, bem como inferir aspectos socioespaciais relacionados à mobilidade e segurança viária dessa população.

Observa-se que a maior concentração de casos está no Centro Histórico (6,42%), seguido por Sarandi (5,35%), Partenon (3,82%), Restinga (2,93%), Petrópolis (2,75%), Azenha (2,42%), Floresta (2,33%), Santana (2,19%), Menino Deus (2,14%), Cavahada (2,09%), Lomba do Pinheiro (2,05%), Passo da Areia (1,95%), Cristo Redentor e Cristal (1,77%) e Vila Nova (1,72%). Esses bairros (que juntos totalizam 41,69% das ocorrências) concentram fluxos significativos de veículos e pedestres, apresentando, portanto, maior exposição a situações de risco. No caso do Centro Histórico, o índice elevado pode estar associado à intensa circulação de pessoas idosas em áreas centrais, onde há maior densidade de serviços, comércio e transporte público.

Os bairros de classe média e média-alta (como Petrópolis e Menino Deus) que também apresentam índices relativamente elevados sugerem que a violência no trânsito envolvendo pessoas idosas não se limita a áreas de vulnerabilidade social, mas também se relaciona com o volume de tráfego e o perfil urbano local.

Por outro lado, bairros periféricos e de menor densidade populacional, como Arquipélago, Campo Novo, Jardim Isabel, Pedra Redonda, São Caetano e Vila Conceição (0,05%), seguidos por Serraria e Sétimo Céu (0,09%) e Aberta dos Morros, Boa Vista do Sul e Extrema (0,14%), registram os menores índices. Essa baixa incidência pode refletir tanto uma menor movimentação urbana quanto subnotificação de ocorrências em regiões menos fiscalizadas.

De modo geral, os dados indicam que as violências no trânsito contra pessoas idosas se concentram em bairros com alta densidade populacional, forte circulação de veículos e maior presença de equipamentos urbanos. Esse padrão reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à mobilidade segura para idosos, com foco em educação no trânsito, requalificação de travessias, ampliação de tempos semafóricos e fiscalização em áreas críticas.

Detalhando-se o perfil das acidentalidades nos 10 bairros com maiores ocorrências temos os seguintes percentuais:

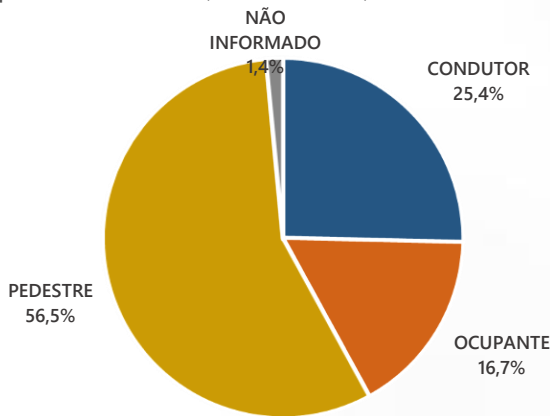
1. Centro Histórico:

Pela gravidade dos casos, o conjunto de dados revela que 97,8% das vítimas sofreram ferimentos enquanto 2,2% vieram a óbito.

Embora o número de mortes seja pequeno, ele indica que o Centro Histórico apresenta riscos significativos para a população idosa, especialmente considerando suas fragilidades fisiológicas.

A alta proporção de feridos sugere um padrão de acidentes de impacto moderado a alto, frequentemente relacionados à circulação a pé.

Figura 14 – Percentual de ocorrências por tipo de usuário (2020-2024)

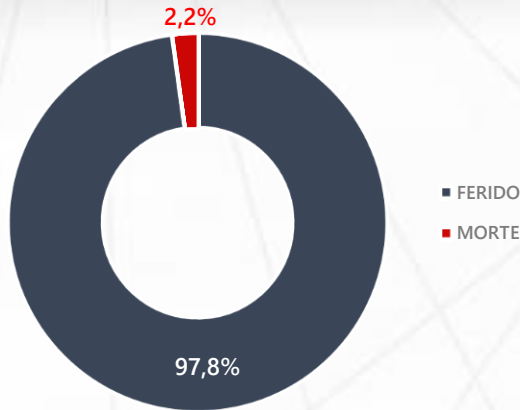


Fonte: EPTC

A análise por sexo demonstra uma distribuição equilibrada entre as vítimas idosas envolvidas em acidentes no Centro Histórico, com 50% de mulheres e 50% de homens.

Esse equilíbrio indica que o risco é semelhante para ambos os sexos e que fatores ambientais e de circulação urbana têm maior peso na ocorrência dos acidentes do que características específicas de gênero.

Figura 13 – Percentual de ocorrências por gravidade de casos (2020-2024)



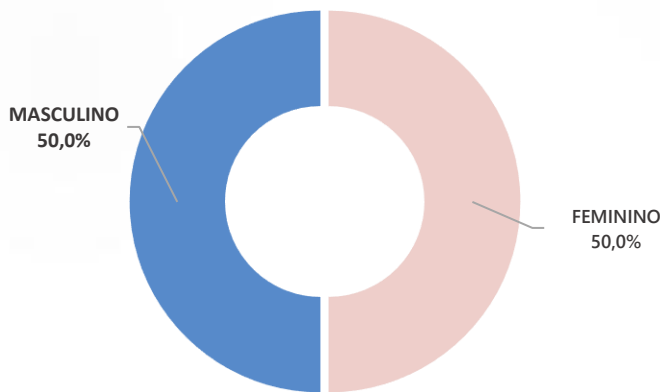
Fonte: EPTC

O dado mais expressivo é que 56,5% dos idosos que sofreram acidentes no bairro eram pedestres, superando condutores (25,4%) e ocupantes (16,7%).

Esse resultado é típico de áreas centrais, onde idosos circulam mais a pé, utilizam transporte público, frequentam serviços e enfrentam maior exposição ao tráfego intenso.

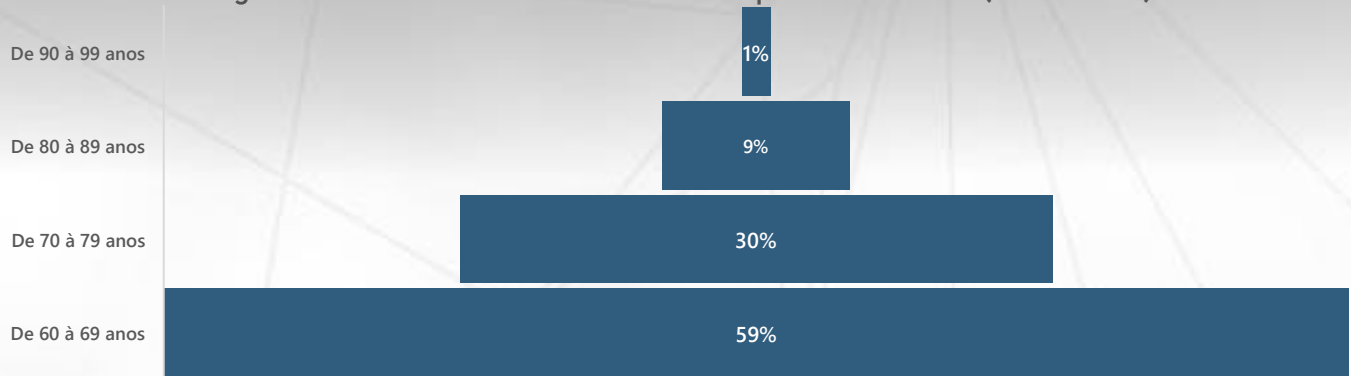
Nesse sentido, o idoso no Centro Histórico é majoritariamente pedestre vulnerável, e esse perfil exige políticas específicas de travessia, sinalização, mobilidade ativa e moderação de velocidade.

Figura 15 – Percentual de ocorrências por sexo (2020-2024)



Fonte: EPTC

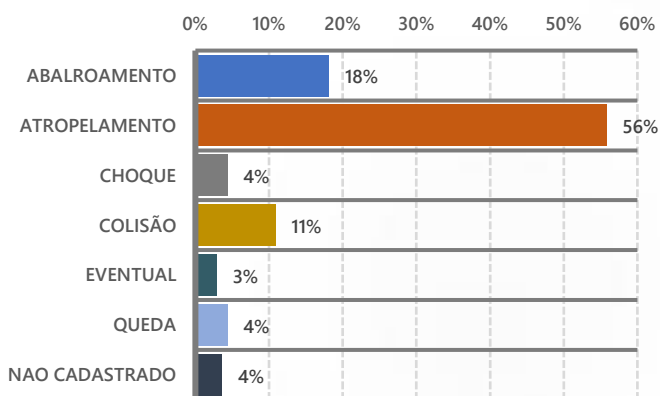
Figura 16 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2020-2024)



Fonte: EPTC

A análise por faixa etária revela que a maioria das vítimas idosas está entre 60 e 69 anos (59%) e 70 a 79 anos (30%), indicando que os grupos mais ativos do ponto de vista de locomoção, trabalho, busca por serviços e atividades cotidianas são também os mais expostos aos riscos do trânsito no Centro Histórico. As faixas acima de 80 anos representam proporções menores (9% entre 80 e 89 anos e 1% acima de 90), sugerindo menor circulação ou menor exposição desses idosos no espaço urbano.

Figura 17 – Percentual de ocorrências por tipo de acidente (2020-2024)



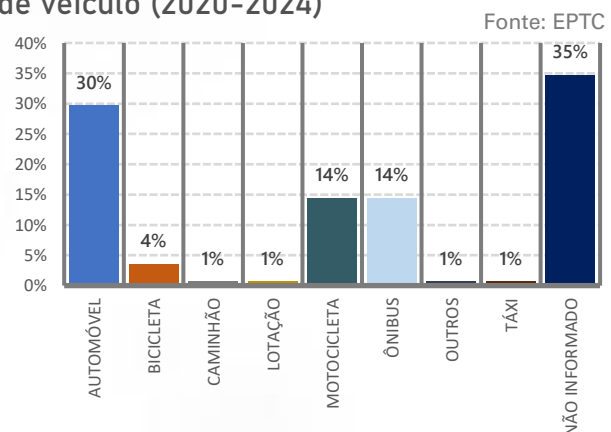
Fonte: EPTC

A análise por tipo de acidente mostra que o atropelamento é o evento mais frequente, representando 56% das ocorrências envolvendo idosos no Centro Histórico. Esse dado reforça a vulnerabilidade desse grupo como pedestres e evidencia riscos elevados nas travessias e na interação com o fluxo viário. Em seguida, destacam-se os abalroamentos (18%) e as colisões (11%), que sugerem impactos relacionados à dinâmica intensa do tráfego na região. As quedas (4%), embora menos frequentes, podem indicar problemas no ambiente urbano, como calçadas irregulares ou obstáculos.

Os demais tipos de acidente, incluindo choques, eventos eventuais e registros não cadastrados, somam pequenas proporções, mas reforçam a necessidade de melhorias na infraestrutura e na sinalização para reduzir a exposição dos idosos a diferentes formas de sinistros viários.

Já a análise por tipo de veículo demonstra que os automóveis são os que mais aparecem nas ocorrências (30%), refletindo sua predominância no fluxo do bairro e sua interação frequente com pedestres. Em seguida, destacam-se motocicletas (14%) e ônibus (14%), ambos modais que circulam de forma intensa na região e representam risco elevado devido à velocidade, manobrabilidade ou porte.

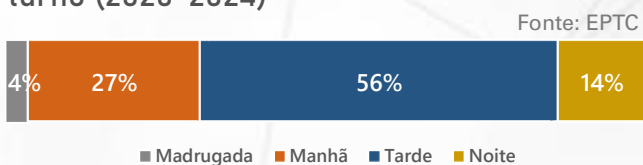
Figura 18 – Percentual de ocorrências por tipo de veículo (2020-2024)



Fonte: EPTC

Bicicletas, caminhões, lotações, táxis e outros tipos de veículos aparecem com percentuais muito baixos, indicando menor participação nas ocorrências. Contudo, chama atenção o fato de 35% dos registros estarem como “não informado”, revelando uma importante lacuna na qualificação dos dados e dificultando análises mais precisas sobre a dinâmica dos acidentes e sobre quais modais demandam maior priorização em ações de prevenção.

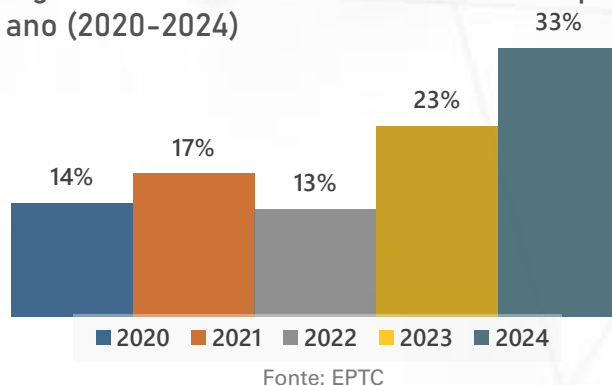
Figura 19 – Percentual de ocorrências por turno (2020-2024)



em segundo lugar, com 27%, refletindo também horários de deslocamentos cotidianos, como consultas, serviços e atividades diárias. Já os períodos da noite (14%) e madrugada (4%) apresentam menor incidência, possivelmente devido à redução natural da circulação de idosos nesses horários. Esses dados reforçam a necessidade de ações de segurança viária especialmente direcionadas aos horários de maior fluxo e interação entre pedestres idosos e o tráfego no território.

A análise por ano mostra uma tendência de crescimento nas ocorrências envolvendo idosos no Centro Histórico ao longo do período analisado. Os percentuais aumentam progressivamente, iniciando com 14% em 2020, passando por 17% em 2021 e 13% em 2022, até alcançarem níveis mais elevados em 2023 (23%) e especialmente em 2024 (33%). Esse movimento ascendente sugere um agravamento recente do risco viário para a população idosa, possivelmente associado à retomada da circulação pós-pandemia, ao aumento do fluxo urbano e ao envelhecimento populacional. A consistência desse crescimento reforça a importância de intervenções preventivas e de qualificação do ambiente urbano voltadas especificamente para a segurança dos idosos no território.

Figura 20 – Percentual de ocorrências por ano (2020-2024)



2. Sarandi:

Pela gravidade dos casos, o conjunto de dados revela que 94,8% das vítimas sofreram ferimentos enquanto 5,2% vieram a óbito. Esse padrão reflete as características do bairro: vias largas, tráfego rápido e rotas de passagem que tendem a gerar acidentes com maior impacto. A presença de óbitos, ainda que proporcionalmente pequena, indica que as condições viárias e o ambiente urbano do Sarandi podem potencializar desfechos mais graves, especialmente para idosos.

Figura 21 – Percentual de ocorrências por gravidade de casos (2020-2024)

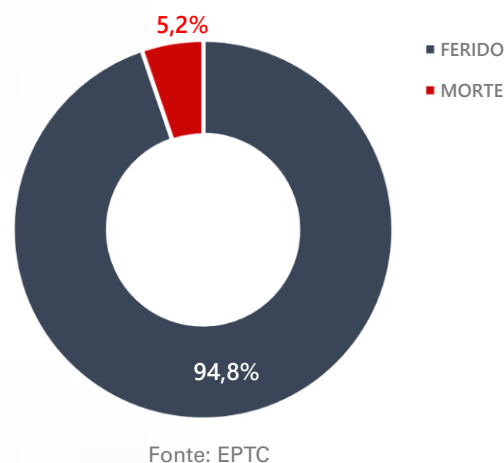
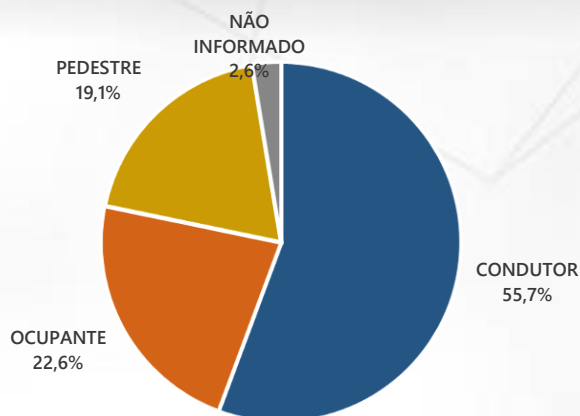


Figura 22 – Percentual de ocorrências por tipo de usuário (2020-2024)

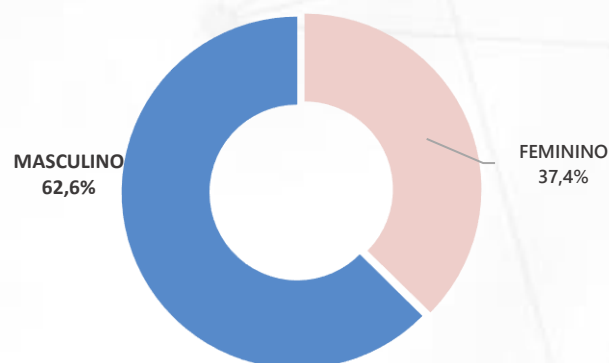


Fonte: EPTC

A maior presença de homens idosos (62,6%) entre os envolvidos está alinhada com o perfil de mobilidade do Sarandi, onde homens costumam conduzir veículos com maior frequência, sobretudo em trajetos mais longos ou para atividades que exigem deslocamento diário. A diferença entre sexos indica uma exposição maior do público masculino aos riscos do trânsito local, especialmente como motoristas.

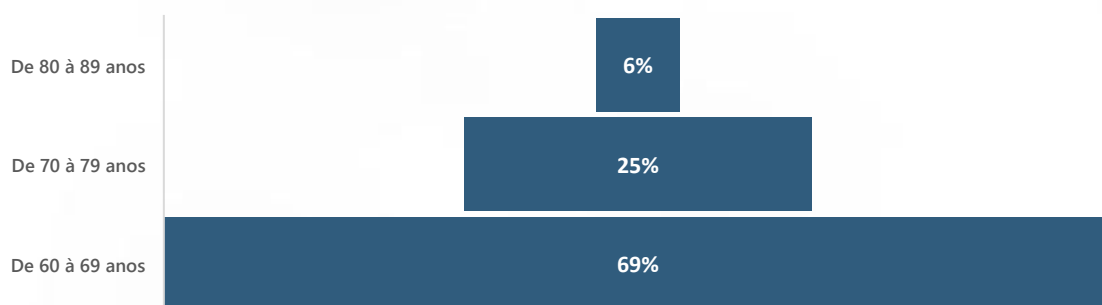
Diferentemente de bairros centrais, no bairro Sarandi o idoso aparece majoritariamente como condutor (55,7%), seguido por ocupantes de veículos (22,6%). O número reduzido de pedestres envolvidos (19,1%) se explica pelo padrão urbano disperso e pelo menor hábito de caminhar longas distâncias, dado o predomínio de deslocamentos motorizados. Isso reforça que, no bairro, o risco para os idosos está mais associado ao ato de dirigir e à interação com o tráfego acelerado das grandes avenidas.

Figura 23 – Percentual de ocorrências por sexo (2020-2024)



Fonte: EPTC

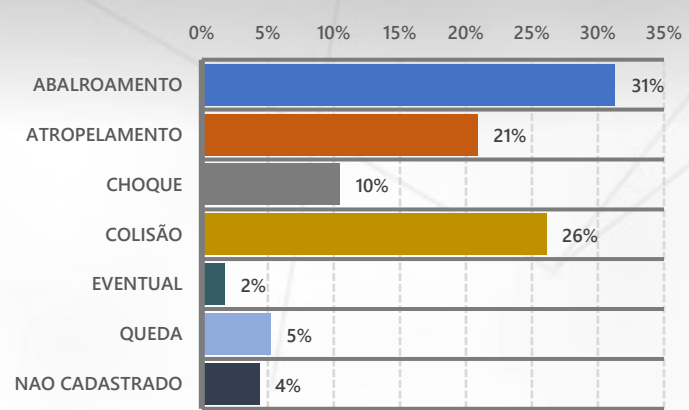
Figura 24 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2020-2024)



Fonte: EPTC

A análise por faixa etária revela que os idosos entre 60 e 69 anos (69%) são os mais envolvidos em acidentes de trânsito, seguidos pelos de 70 a 79 anos (25%). Esse padrão reflete o comportamento de mobilidade do Sarandi, onde idosos mais jovens continuam dirigindo e realizando deslocamentos rotineiros para trabalho, comércio ou cuidados familiares. Já os idosos mais velhos (80+) aparecem menos (6%), coerente com menor direção ativa nesse grupo.

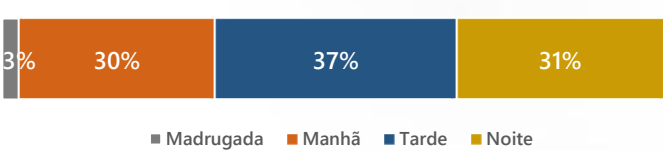
Figura 25 – Percentual de ocorrências por tipo de acidente (2020-2024)



Fonte: EPTC

O veículo mais presente nos acidentes é o automóvel (35%), seguido de motocicletas (20%) e bicicletas (16%). A participação de ônibus (11%) também se destaca, considerando a presença de corredores e paradas localizadas em avenidas movimentadas. No entanto, 18% dos registros aparecem como “não informado”, o que dificulta análises mais precisas sobre a dinâmica dos acidentes.

Figura 27 – Percentual de ocorrências por turno (2020-2024)

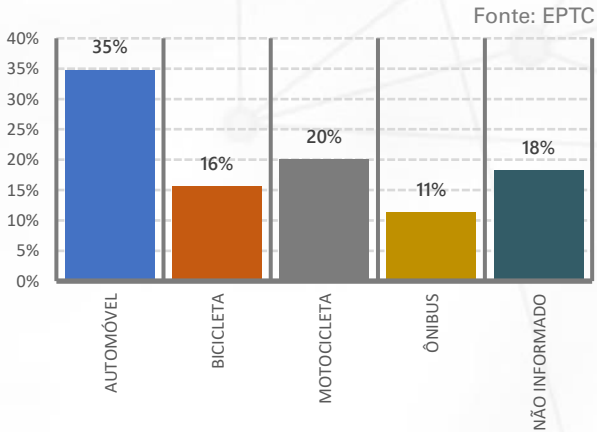


Fonte: EPTC

A variação anual mostra picos em 2023 (29%) e 2022 (21%), o que pode refletir a intensificação dos deslocamentos no pós-pandemia, aumento do uso de veículo particular e maior circulação nas vias estruturais do bairro. Os demais anos apresentam proporções semelhantes, evidenciando que o risco para idosos no Sarandi é constante, mas se acentua em períodos de maior atividade econômica e mobilidade.

Os acidentes mais frequentes são abalroamentos (31%) e colisões (26%), ambos típicos de vias rápidas e de intenso fluxo, como as grandes avenidas do Sarandi. Os atropelamentos (21%), apesar de ter um percentual relevante, aparece em menor proporção do que outros bairros, o que reforça que a dinâmica local é predominantemente veicular. O padrão indica que a segurança dos idosos está diretamente ligada à fluidez acelerada do tráfego e às manobras típicas de corredores de passagem.

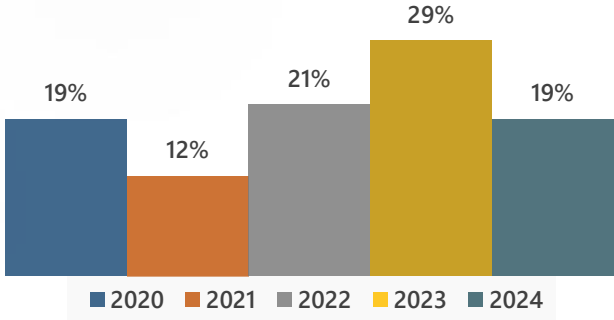
Figura 26 – Percentual de ocorrências por tipo de veículo (2020-2024)



Fonte: EPTC

A análise por turno revela que os acidentes se concentram principalmente no turno da tarde (37%), seguido da noite (31%) e manhã (30%) demonstrando que não há um padrão de accidentalidade durante o dia. Isso faz com que o idoso esteja exposto em diferentes momentos, não apenas nos horários clássicos de pico.

Figura 28 – Percentual de ocorrências por ano (2020-2024)

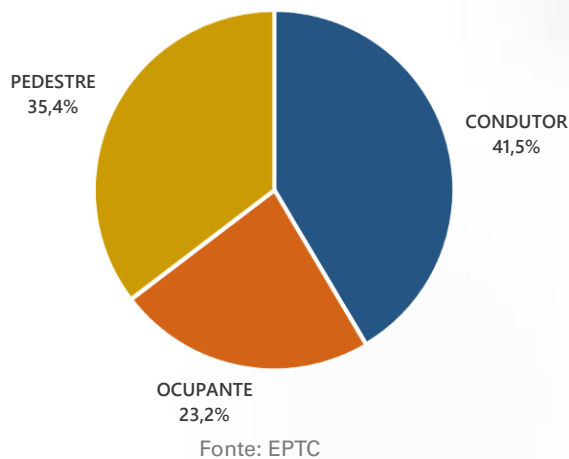


Fonte: EPTC

3. Partenon:

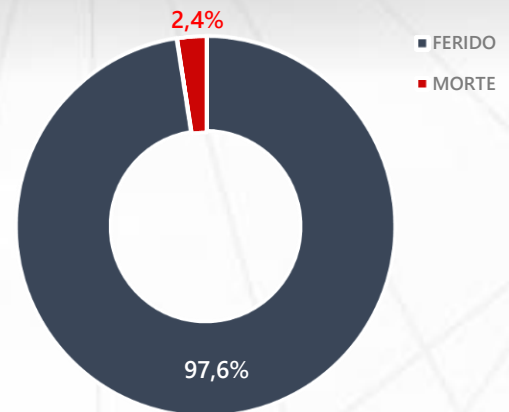
Pela gravidade dos casos, o conjunto de dados revela que 97,6% das vítimas sofreram ferimentos enquanto 2,4% vieram a óbito. Esse padrão indica a presença de acidentes com impacto significativo, compatível com um bairro de grande movimentação viária e pedestres circulando em áreas comerciais, paradas de ônibus e travessias de avenidas largas. Embora os óbitos representem pequena proporção, reforçam a gravidade potencial dos acidentes envolvendo idosos no território.

Figura 30 – Percentual de ocorrências por tipo de usuário (2020-2024)



A maior parte das vítimas é composta por homens idosos (59,8%), superando as mulheres (40,2%). Esse padrão é coerente com o comportamento de mobilidade masculina, mais associado à condução de veículos e deslocamentos frequentes em áreas urbanas densas. No contexto do bairro Partenon, onde há intenso fluxo motorizado e grande circulação de motocicletas, os homens tendem a estar mais expostos ao risco.

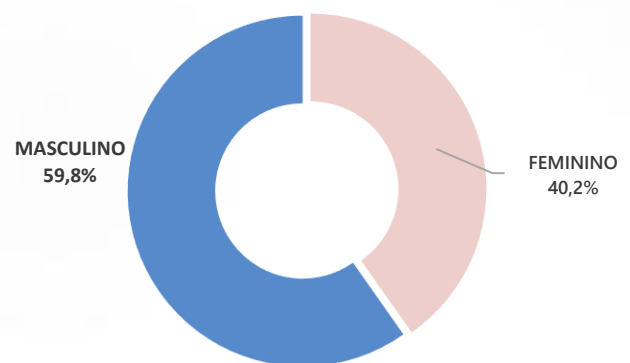
Figura 29 – Percentual de ocorrências por gravidade de casos (2020-2024)



Fonte: EPTC

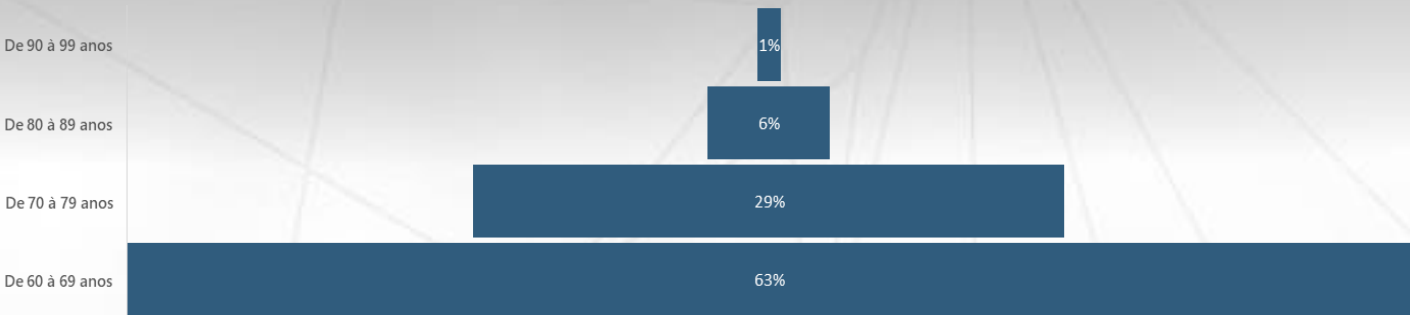
O perfil por tipo de usuário mostra uma distribuição mais equilibrada entre condutores (41,5%) e pedestres (35,4%). Essa configuração é típica de bairros onde idosos utilizam tanto o automóvel quanto o transporte coletivo e realizam deslocamentos a pé para acessar comércio, saúde e serviços educacionais presentes no território. A presença expressiva de pedestres reforça a relevância das travessias e da segurança no entorno de avenidas movimentadas.

Figura 31 – Percentual de ocorrências por sexo (2020-2024)



Fonte: EPTC

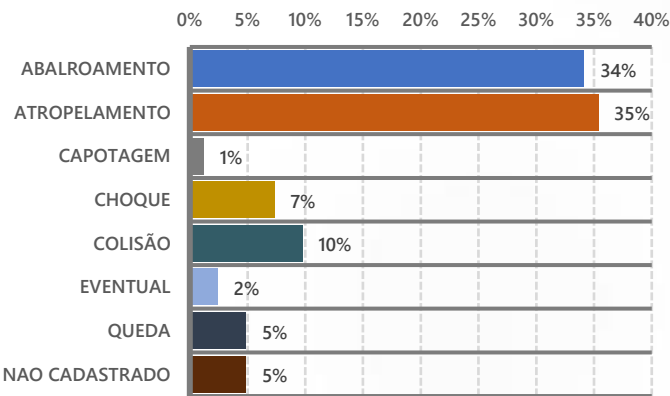
Figura 32 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2020-2024)



Fonte: EPTC

Os idosos entre 60 e 69 anos representam 63% das vítimas, seguidos pelos de 70 a 79 anos (29%). Isso confirma que os idosos mais jovens são os que mais se deslocam no bairro, seja dirigindo, andando a pé ou utilizando serviços. As faixas acima dos 80 anos aparecem em proporções pequenas, indicando menor circulação e menor exposição ao trânsito, embora não necessariamente menor vulnerabilidade quando envolvidos.

Figura 33 – Percentual de ocorrências por tipo de acidente (2020-2024)

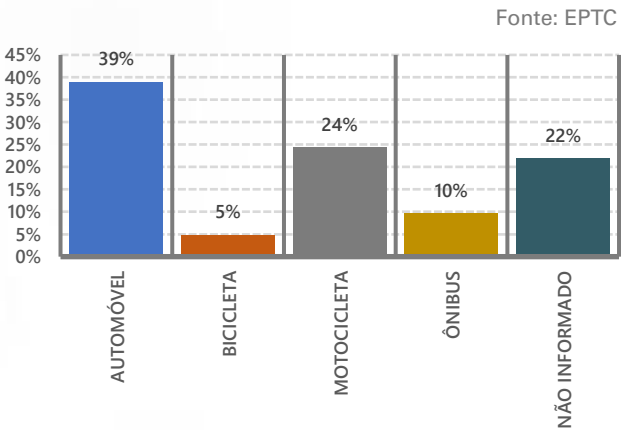


Fonte: EPTC

O veículo mais frequente nas ocorrências é o automóvel (39%), refletindo o uso intenso desse modal no bairro e a estrutura viária orientada ao carro. A presença expressiva de motocicletas (24%) indica um risco adicional, já que motociclistas circulam com agilidade entre faixas e são comuns em corredores como a Bento Gonçalves. Ônibus (10%) e bicicletas (5%) também aparecem, coerentes com o grande fluxo misto do Partenon. A categoria “não informado” (22%) revela lacunas que dificultam a análise mais refinada.

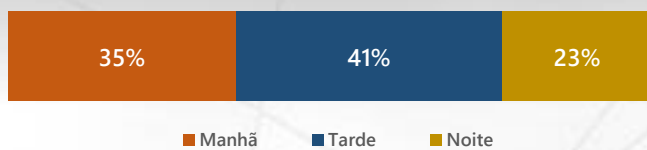
Os dois tipos de acidente mais frequentes são atropelamentos (35%) e abalroamentos (34%) evidenciando duas dimensões críticas do risco no bairro Partenon: conflitos entre veículos em vias rápidas e conflitos entre veículos e pedestres. A presença relevante de atropelamentos está associada ao trânsito intenso, paradas de ônibus distribuídas ao longo das avenidas e travessias nem sempre seguras. Outros tipos, como colisões (10%), choques (7%) e quedas (5%), também refletem a complexidade do ambiente urbano local.

Figura 34 – Percentual de ocorrências por tipo de veículo (2020-2024)



Fonte: EPTC

Figura 35 – Percentual de ocorrências por turno (2020-2024)

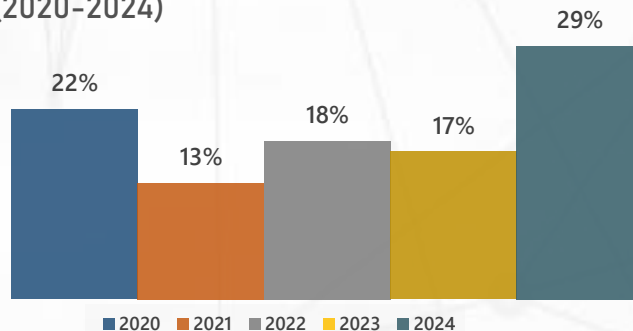


Fonte: EPTC

A série temporal mostra oscilações, com destaque para um aumento significativo em 2024 (29%), sugerindo intensificação recente na circulação e exposição dos idosos. Os anos anteriores variam entre 13% e 18%, com pico em 2022 (22%).

A maioria dos acidentes ocorre no turno da tarde (41%), seguido pela manhã (35%) e noite (23%). Esses resultados correspondem ao padrão de movimento do bairro, intensificado pelos horários de deslocamento para trabalho, universidades, comércio e serviços.

Figura 36 – Percentual de ocorrências por ano (2020-2024)

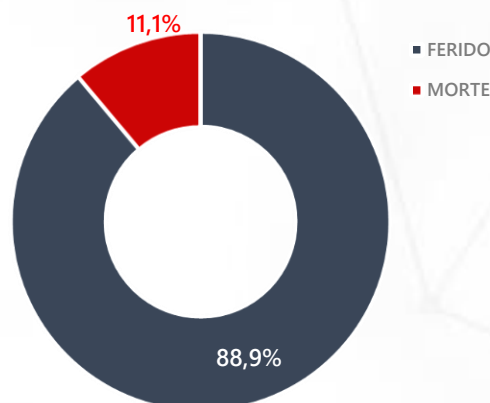


Fonte: EPTC

4. Restinga:

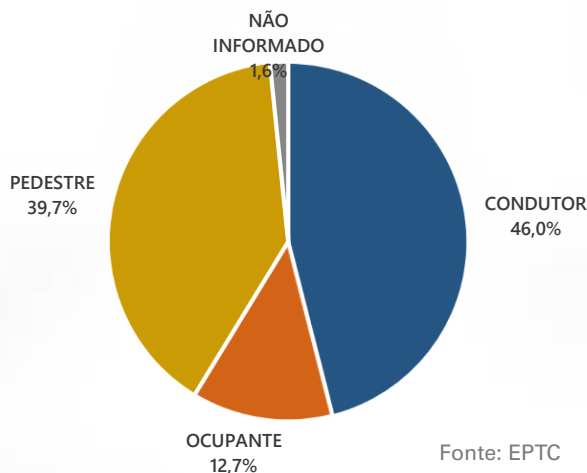
O bairro Restinga registrou 88,9% de idosos feridos e 11,1% mortes, evidenciando um dos percentuais mais elevados de óbitos entre os bairros analisados. O número de mortes, proporcionalmente alto, indica que muitos acidentes ocorrem em vias com velocidades maiores, colisões mais severas ou em contextos de vulnerabilidade extrema, especialmente para pedestres idosos. O cenário revela preocupação com a letalidade no território.

Figura 37 – Percentual de ocorrências por gravidade de casos (2020-2024)



Fonte: EPTC

Figura 38 – Percentual de ocorrências por tipo de usuário (2020-2024)



Fonte: EPTC

O perfil por tipo de usuário mostra uma distribuição mais equilibrada entre as ocorrências com idosos condutores (46%) e idosos pedestres (39,7%) mostrando dois padrões de risco distintos no bairro: de um lado, idosos que dirigem em vias longas e movimentadas; de outro, idosos que se deslocam a pé em áreas residenciais e comerciais. A presença menor de ocupantes (12,7%) sugere que o risco maior está diretamente na interação com o trânsito, seja conduzindo veículos ou se deslocando à pé.



A maior parte das vítimas é composta por homens idosos (63,5%), superando significativamente as mulheres (36,5%). Isso reflete padrões de mobilidade da Restinga, onde homens tendem a dirigir mais, realizar deslocamentos mais longos e circular em horários variados, o que aumenta a exposição ao risco. A diferença indica um perfil de risco mais elevado no público masculino do bairro.

Figura 39 – Percentual de ocorrências por sexo (2020-2024)

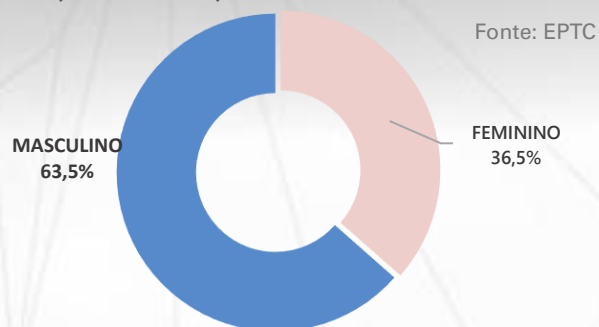
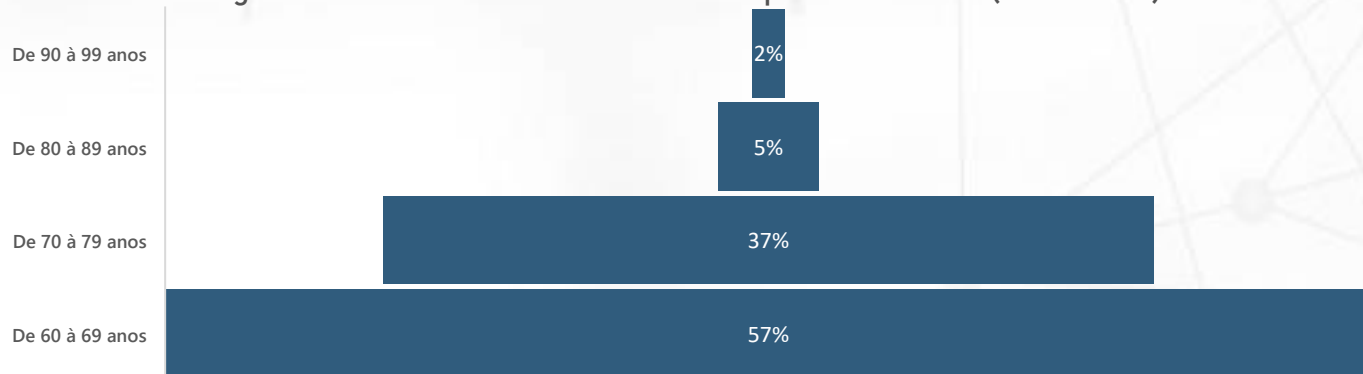


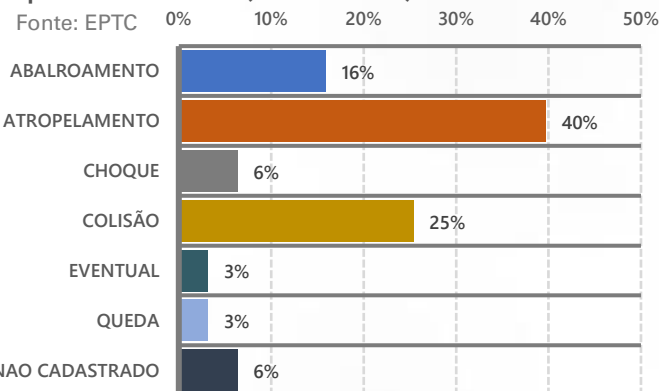
Figura 40 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2020-2024)



Fonte: EPTC

Os idosos entre 60 e 69 anos (57%) e 70 a 79 anos (37%) representam quase a totalidade das vítimas. Esse padrão reflete o protagonismo das faixas etárias mais jovens entre os idosos, ainda bastante ativos no território, seja dirigindo, caminhando ou utilizando transporte público.

Figura 41 – Percentual de ocorrências por tipo de acidente (2020-2024)



O tipo de acidente mais frequente é o atropelamento (40%), revelando elevada vulnerabilidade do pedestre idoso no bairro. Em seguida, aparecem colisões (25%) e abalroamentos (16%), compatíveis com o uso intenso de automóveis e motocicletas no bairro. Quedas (3%), eventos eventuais (3%) e registros não cadastrados (6%) completam o quadro. O alto percentual de atropelamentos destaca a necessidade de intervenções específicas no ambiente urbano.

O automóvel aparece em 38% dos acidentes, seguido por motocicletas (16%) e bicicletas (11%), refletindo a diversidade de modais que circulam pelo bairro. A presença de carroças (2%) é particular do território e indica risco adicional em vias compartilhadas. A alta proporção de registros não informados (27%) limita conclusões mais precisas, mas reforça a importância de qualificar o registro de dados no bairro.

Figura 42 – Percentual de ocorrências por tipo de veículo (2020-2024)

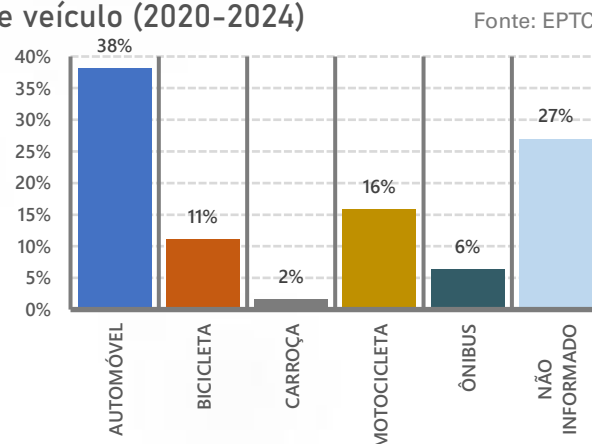
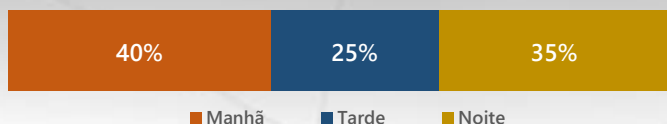


Figura 43 – Percentual de ocorrências por turno (2020-2024)

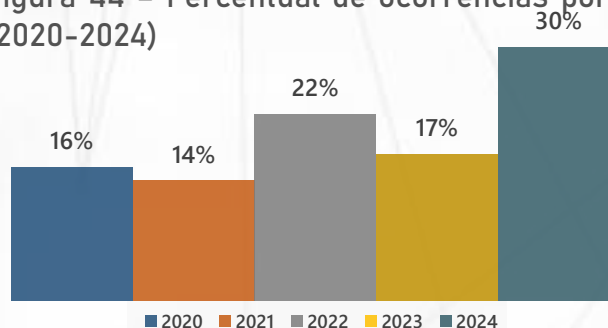


Fonte: EPTC

A série histórica mostra um crescimento progressivo, com destaque para 2024 (30%), o maior percentual do período. Os anos anteriores variam entre 14% e 22%, com pico intermediário em 2022 (22%). A tendência ascendente sugere aumento da circulação, maior exposição dos idosos e possivelmente agravamento das condições de segurança viária em algumas áreas do bairro.

A maior parte dos acidentes ocorre pela manhã (40%), seguido por noite (35%) e tarde (25%). Esse padrão está associado ao comportamento de mobilidade do bairro. Pelas manhãs e noites estão concentrados os e maiores riscos.

Figura 44 – Percentual de ocorrências por ano (2020-2024)

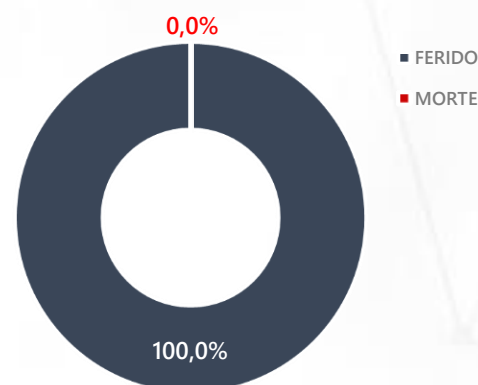


Fonte: EPTC

5. Petrópolis:

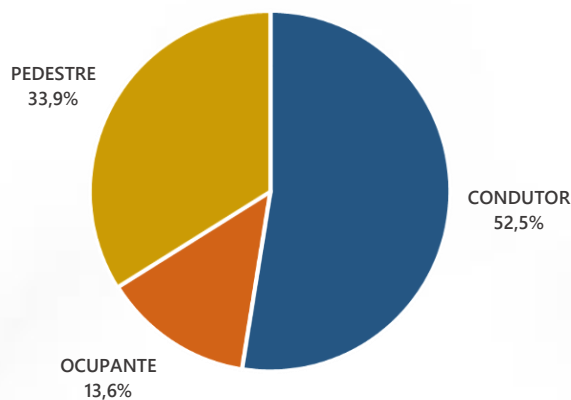
O bairro registra 100% de idosos feridos e nenhum óbito, indicando ocorrência de acidentes com menor severidade relativa. Apesar da ausência de mortes, o número expressivo de feridos demonstra que o trânsito local ainda apresenta riscos importantes, possivelmente associados a colisões em vias de fluxo intenso e atropelamentos em áreas de grande circulação de pedestres. A baixa letalidade pode estar relacionada a velocidades moderadas nas vias internas e à maior presença de infraestrutura viária qualificada.

Figura 45 – Percentual de ocorrências por gravidade de casos (2020-2024)



Fonte: EPTC

Figura 46 – Percentual de ocorrências por tipo de usuário (2020-2024)



Fonte: EPTC

O perfil por tipo de usuário mostra que os idosos aparecem principalmente como condutores (52,5%), seguido por pedestre (33,9%) e ocupante (13,6%). Esse padrão reflete o perfil do Petrópolis, onde muitos idosos ainda dirigem para realizar deslocamentos cotidianos e onde há grande circulação de pedestres em áreas comerciais, praças, escolas e serviços. A presença expressiva de pedestres idosos nas ocorrências indica pontos críticos relacionados à travessia e à interação com o tráfego.

A maior parte das vítimas é composta por homens (55,9%), embora as mulheres também representem proporção relevante (44,1%). Essa leve predominância masculina está alinhada com a tendência de que homens idosos conduzem veículos com maior frequência, especialmente em bairros com vias de grande fluxo e deslocamentos regulares para atividades externas.

Figura 47 – Percentual de ocorrências por sexo (2020-2024)

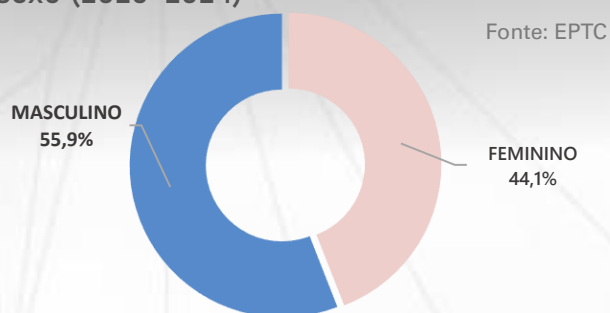
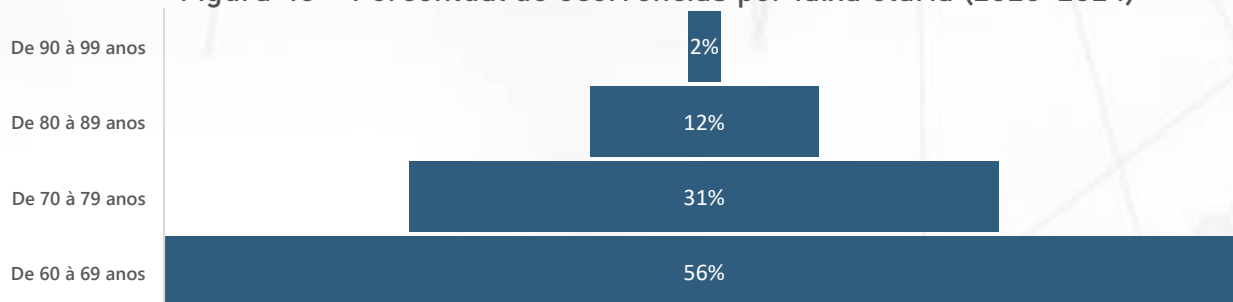
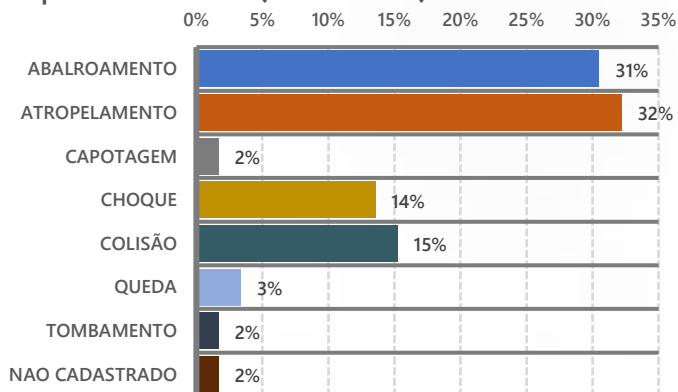


Figura 48 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2020-2024)



A maioria das vítimas está entre 60 e 69 anos (56%) e 70 a 79 anos (31%), faixas etárias que concentram idosos ativos e com maior mobilidade cotidiana. As faixas de 80 a 89 anos (12%) e acima de 90 anos (2%) representam proporções menores, sugerindo menor circulação ou maior uso de transporte intermediado por familiares ou serviços.

Figura 49 – Percentual de ocorrências por tipo de acidente (2020-2024)



Os tipos de acidente mais frequentes são atropelamento (32%) e abalroamento (31%), representando dois eixos centrais de risco: circulação intensa de pedestres e conflitos entre veículos. Colisões (15%) e choques (14%) também aparecem com força, característicos de vias com tráfego denso e cruzamentos frequentes. Eventos menos comuns, como capotagem, tombamento e quedas, ocorrem em proporções muito baixas. O equilíbrio entre atropelamentos e abalroamentos evidencia a necessidade de atenção tanto ao ambiente do pedestre quanto ao comportamento de motoristas.

O automóvel aparece em 56% dos acidentes, o maior percentual dentre os bairros analisados, refletindo o padrão de mobilidade do bairro, altamente dependente do carro particular. As motocicletas (15%) são o segundo modal mais presente. Caminhões e táxis têm participações discretas, mas coerentes com o fluxo comercial do bairro. A categoria “não informado” (25%) indica que parte das ocorrências carece de registro mais preciso.

Figura 50 – Percentual de ocorrências por tipo de veículo (2020-2024)

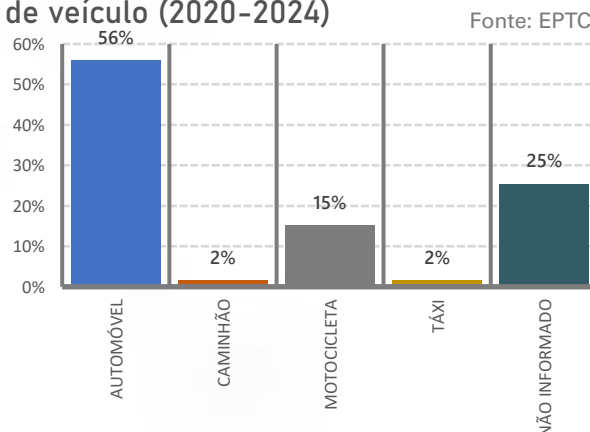
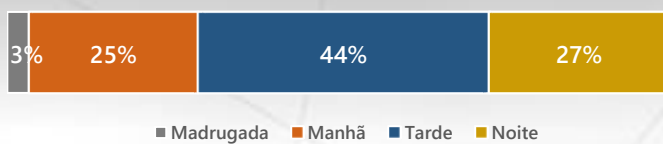


Figura 51 – Percentual de ocorrências por turno (2020-2024)



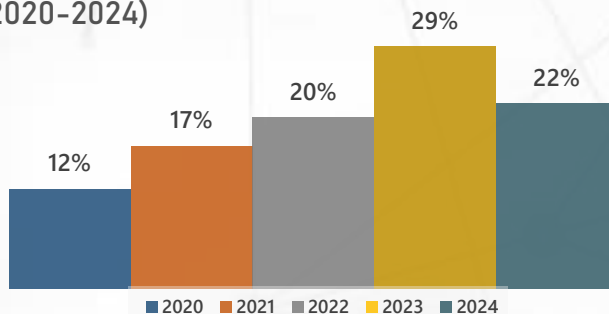
■ Madrugada ■ Manhã ■ Tarde ■ Noite

Fonte: EPTC

A série histórica mostra crescimento progressivo até 2023 (29%), seguido de leve redução em 2024 (22%), mas ainda com valores elevados. O aumento constante entre 2020 e 2023 pode estar relacionado ao crescimento da circulação pós-pandemia e ao retorno das atividades presenciais. Mesmo com a queda em 2024, os números seguem indicando risco significativo para idosos no trânsito do Petrópolis.

A maior parte dos acidentes ocorre no turno da tarde (44%), seguido pela noite (27%) e manhã (25%). O pico no período da tarde está alinhado ao perfil do bairro, marcado por grande circulação em horários de saída de escolas, atividades comerciais e retorno de serviços. A noite apresenta fluxo significativo, especialmente em vias com alta movimentação mesmo após o horário comercial.

Figura 52 – Percentual de ocorrências por ano (2020-2024)



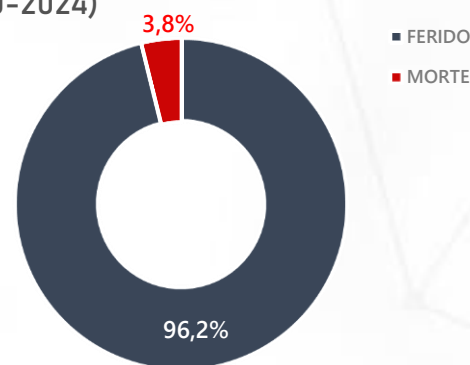
■ 2020 ■ 2021 ■ 2022 ■ 2023 ■ 2024

Fonte: EPTC

6. Azenha:

Foram registrados 96,2% de idosos feridos e 3,8% mortes, indicando um cenário de risco moderado. A presença de óbitos mostra que, apesar da menor extensão territorial do bairro, as condições do trânsito, como fluxo constante e travessias próximas a corredores, podem resultar em acidentes severos para idosos, especialmente pedestres.

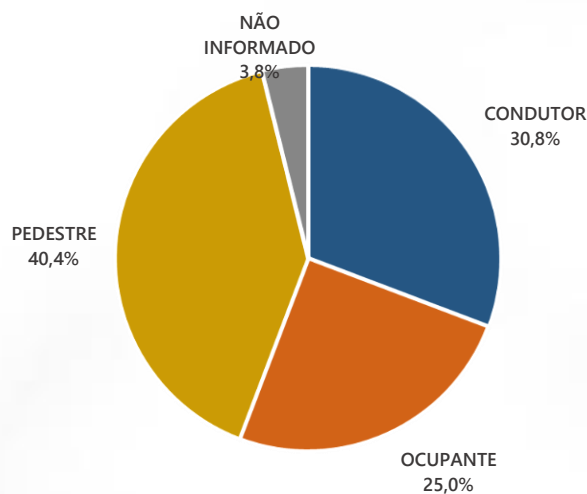
Figura 53 – Percentual de ocorrências por gravidade de casos (2020-2024)



■ FERIDO
■ MORTE

Fonte: EPTC

Figura 54 – Percentual de ocorrências por tipo de usuário (2020-2024)



Fonte: EPTC

O perfil por tipo de usuário mostra que os idosos aparecem principalmente como pedestres (40,4%), seguidos por condutores (30,8%) e ocupantes (25%). Esse perfil é coerente com a dinâmica do bairro, onde grande parte dos deslocamentos é feita a pé para acessar comércio, serviços, unidades de saúde e transporte público. A forte presença de pedestres idosos nas ocorrências evidencia pontos críticos de travessia e a necessidade de maior proteção viária para esse grupo.

A distribuição entre os sexos é igualitária (50% idosos e 50% idosas), indicando que o risco é compartilhado entre ambos os gêneros no território. Essa equivalência sugere que fatores ambientais, como fluxo intenso, velocidade dos veículos e conflitos em travessias, têm mais peso nos acidentes do que diferenças comportamentais entre homens e mulheres.

Figura 55 – Percentual de ocorrências por sexo (2020-2024)

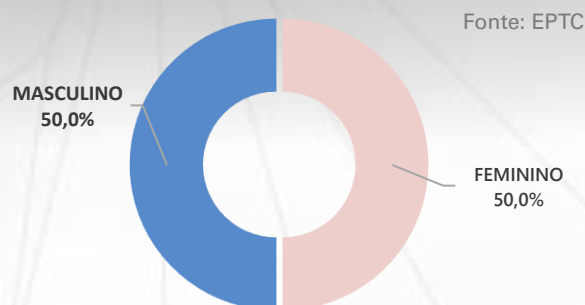
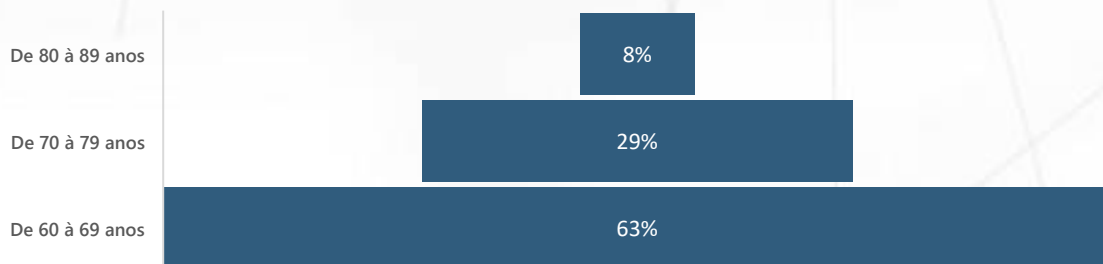
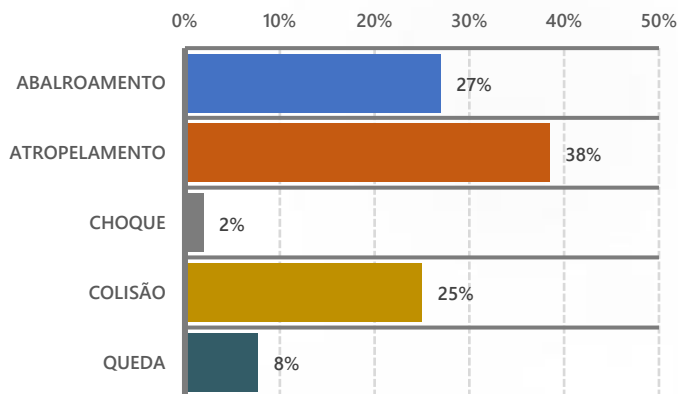


Figura 56 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2020-2024)



A maior parte das vítimas está entre 60 e 69 anos (63%), seguida pela faixa dos 70 a 79 anos (29%) e, em menor proporção, pelos idosos entre 80 e 89 anos (8%). Esse padrão reflete a presença ativa dos idosos mais jovens na circulação cotidiana do bairro, seja como pedestres realizando atividades diárias, seja conduzindo veículos ou utilizando transporte coletivo.

Figura 57 – Percentual de ocorrências por tipo de acidente (2020-2024)



O tipo de acidente mais frequente é o atropelamento (38%), seguido por abalroamentos (27%) e colisões (25%). Esse conjunto evidencia dois eixos de risco no bairro: travessias de pedestres em meio ao fluxo intenso e conflitos diretos entre veículos em cruzamentos movimentados. As quedas (8%) também aparecem, possivelmente relacionadas ao grande fluxo de pedestres, desníveis de calçadas ou presença de obstáculos no ambiente urbano.

O modal mais envolvido nas ocorrências é o automóvel (48%), refletindo o grande volume de carros que circulam pelas vias do bairro. As motocicletas (17%) aparecem em proporção relevante, compatível com a circulação rápida em corredores estreitos e o alto fluxo de entregadores na região. A participação de ônibus (6%) e lotações (2%) reafirma a importância do transporte coletivo no território. A proporção de registros não informados (25%) limita a precisão total da análise e reforça a necessidade de qualificação dos dados.

Figura 58 – Percentual de ocorrências por tipo de veículo (2020-2024)

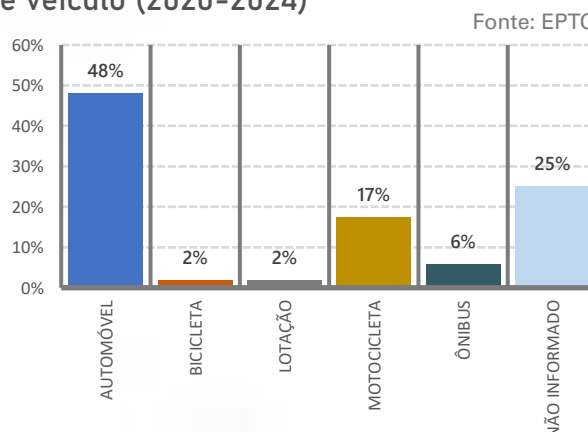
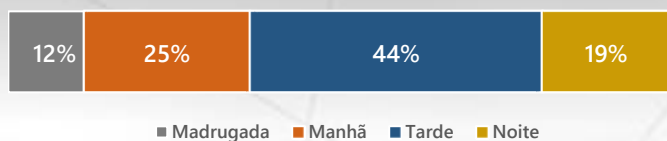


Figura 59 – Percentual de ocorrências por turno (2020-2024)



■ Madrugada ■ Manhã ■ Tarde ■ Noite

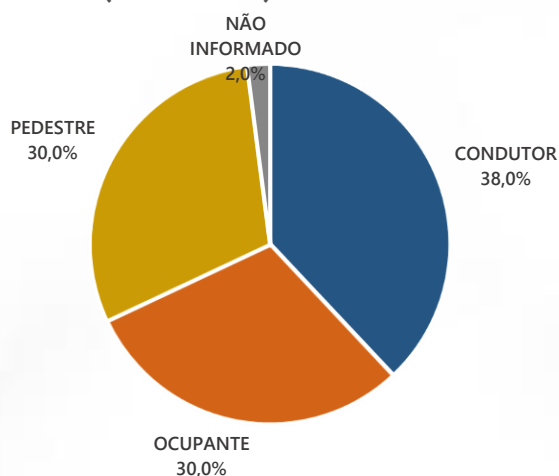
Fonte: EPTC

A série histórica revela aumento significativo em 2024 (33%), indicando intensificação recente da circulação e dos riscos viários no território. Os anos anteriores apresentam valores entre 13% e 19%, com estabilidade relativa entre 2021 e 2023. O salto em 2024 pode refletir maior retomada econômica, aumento do fluxo de entregadores e intensificação da mobilidade pós-pandemia no bairro.

7. Floresta:

O bairro registrou 96% de feridos e 4% de mortes, indicando um cenário de acidentes frequentes e com potencial de gravidade. A presença de óbitos mostra que, mesmo com predominância de lesões, há situações de risco severo, possivelmente relacionadas a atropelamentos ou colisões em vias de maior fluxo ou maior velocidade dentro do bairro.

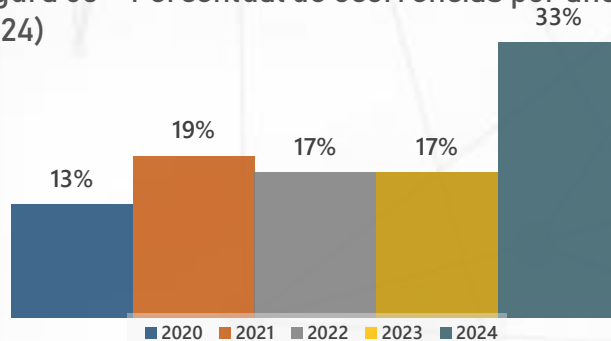
Figura 62 – Percentual de ocorrências por tipo de usuário (2020-2024)



Fonte: EPTC

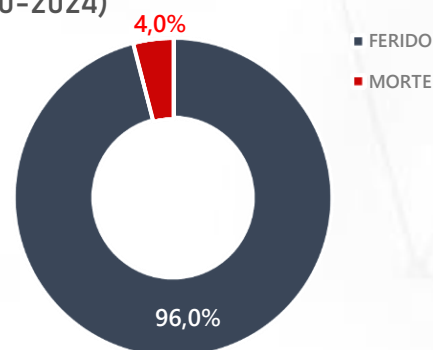
A maior parte dos acidentes ocorre no turno da tarde (44%), seguido pela manhã (25%) e noite (19%). Esse comportamento é típico de bairros com comércio intenso e grande circulação de pedestres, especialmente nos horários de maior movimento urbano. A madrugada (12%) apresenta um percentual elevado em comparação a outros bairros, possivelmente associado ao fluxo contínuo de veículos em vias movimentadas.

Figura 60 – Percentual de ocorrências por ano (2020-2024)



Fonte: EPTC

Figura 61 – Percentual de ocorrências por gravidade de casos (2020-2024)

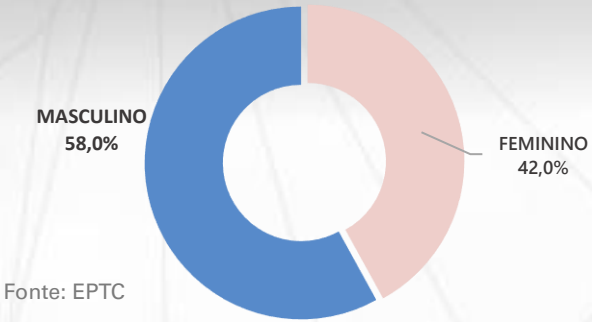


Fonte: EPTC

Os idosos aparecem distribuídos entre condutores (38%), ocupantes (30%) e pedestres (30%). Essa distribuição equilibrada reflete as múltiplas formas de circulação no bairro: idosos dirigindo em vias movimentadas, sendo transportados em automóveis ou transporte coletivo e caminhando para acessar comércio, serviços e áreas residenciais. Essa diversidade de papéis evidencia que o risco se manifesta em diferentes dimensões da mobilidade cotidiana.

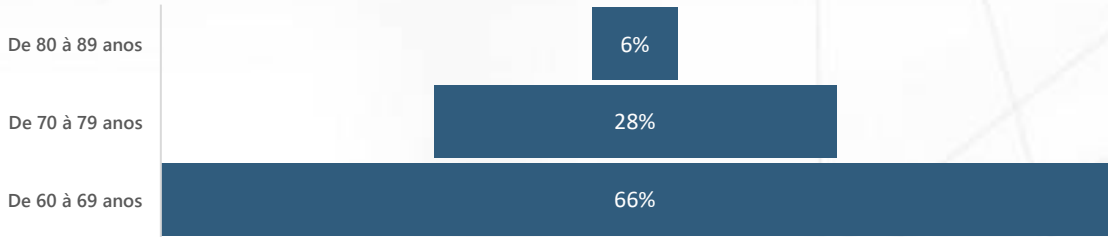
A maior parte das vítimas é composta por homens idosos (58%), enquanto as mulheres idosas aparecem em menor parte (42%) das ocorrências. O predomínio masculino, embora não muito amplo, sugere maior exposição ao risco como condutores e maior presença em deslocamentos externos, típicos do perfil de mobilidade observado entre os idosos do bairro.

Figura 63 – Percentual de ocorrências por sexo (2020-2024)



Fonte: EPTC

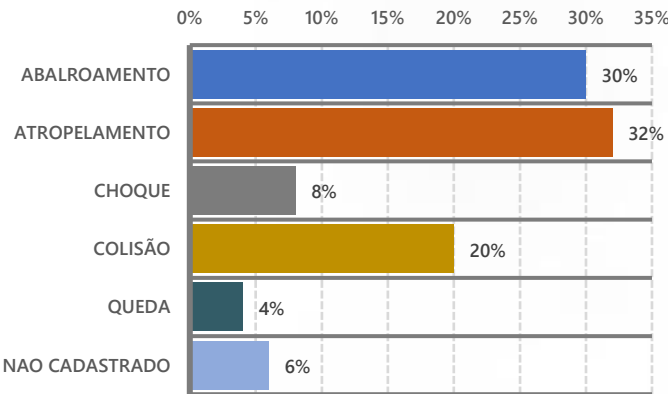
Figura 64 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2020-2024)



Fonte: EPTC

A faixa etária predominante é a de 60 a 69 anos (66%), seguida por 70 a 79 anos (28%) e, em menor proporção, idosos entre 80 e 89 anos (6%). Isso demonstra que a maior parte dos idosos envolvidos ainda é relativamente ativa e presente na circulação diária, o que se alinha ao perfil urbano do bairro, que concentra deslocamentos a pé e em transporte individual.

Figura 65 – Percentual de ocorrências por tipo de acidente (2020-2024)

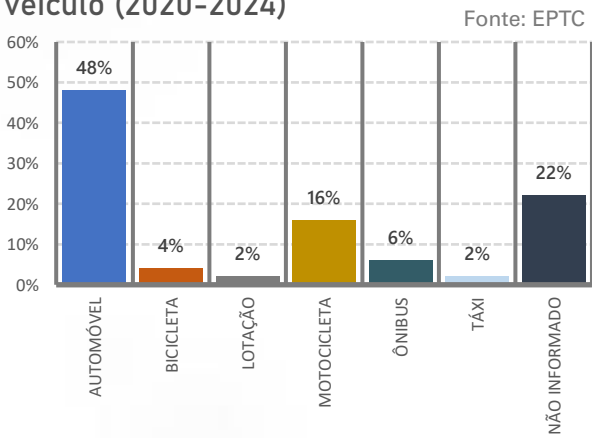


Fonte: EPTC

O automóvel está envolvido em 48% dos acidentes, seguido por motocicletas (16%). Ônibus (6%), bicicletas (4%), táxis (2%) e lotações (2%) também aparecem, indicando a diversidade de modais que circulam pelo bairro. O índice de não informado (22%) sugere lacunas relevantes nos registros que podem dificultar análises mais detalhadas.

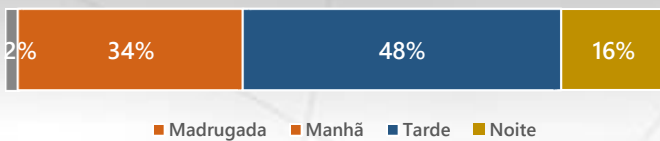
Os acidentes mais frequentes são atropelamentos (32%) e abalroamentos (30%), revelando um cenário de riscos tanto para pedestres idosos quanto para idosos condutores em vias de fluxo intenso. Colisões (20%) e choques (8%) também têm presença relevante, indicando conflitos viários típicos de ruas movimentadas e de tráfego misto. Quedas (4%) e registros não cadastrados (6%) completam o perfil, reforçando a diversidade das ocorrências.

Figura 66 – Percentual de ocorrências por tipo de veículo (2020-2024)



Fonte: EPTC

Figura 67 – Percentual de ocorrências por turno (2020-2024)

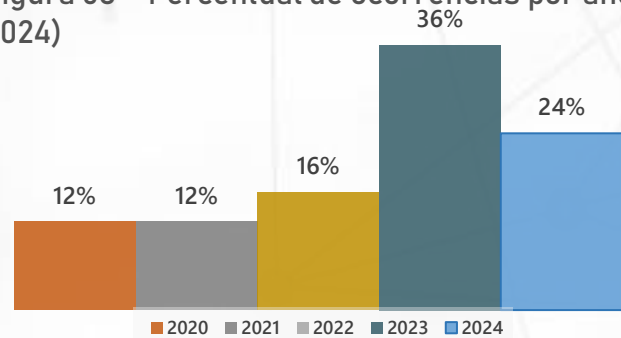


Fonte: EPTC

A evolução temporal mostra crescimento marcante em 2023 (36%), seguido por redução em 2024 (24%), mas ainda em patamar elevado. Os anos anteriores apresentam valores mais baixos e relativamente estáveis entre 12% e 16%. O pico de 2023 pode refletir aumento da circulação pós-pandemia, intensificação da atividade comercial e maior interação entre modais no território.

A maior parte dos acidentes ocorre no turno da tarde (48%), seguido pela manhã (34%). Esses períodos correspondem ao horário de maior atividade do bairro, com circulação simultânea de pedestres, veículos particulares, transporte coletivo e serviços. A noite (16%) apresenta menor incidência, porém ainda significativa, dado o fluxo constante em certas vias. A madrugada tem participação muito baixa (2%), coerente com a menor circulação de idosos nesse horário.

Figura 68 – Percentual de ocorrências por ano (2020-2024)

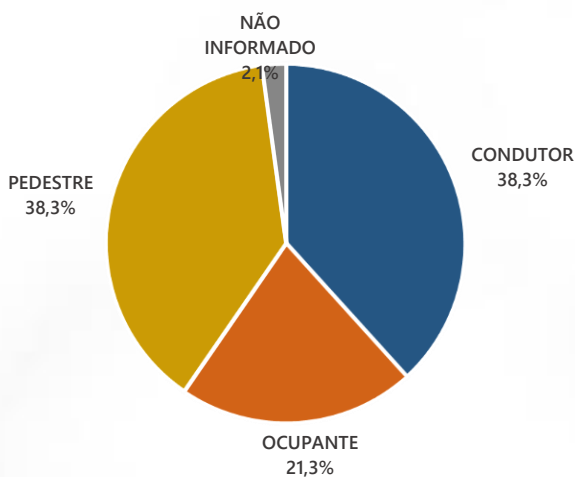


Fonte: EPTC

8. Santana:

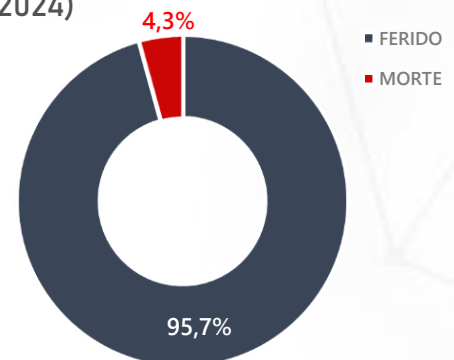
O bairro registrou 95,7% de feridos e 4,3% mortes, indicando ocorrência de acidentes relevantes e com potencial de severidade. A presença de óbitos demonstra que, apesar do perfil de vias com velocidades intermediárias, os idosos ainda enfrentam riscos significativos, especialmente nas interações entre veículos e pedestres.

Figura 70 – Percentual de ocorrências por tipo de usuário (2020-2024)



Fonte: EPTC

Figura 69 – Percentual de ocorrências por gravidade de casos (2020-2024)

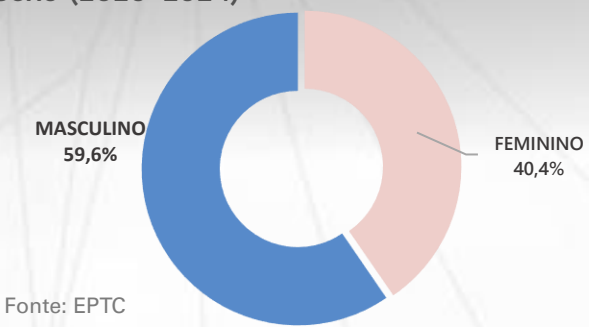


Fonte: EPTC

Há um equilíbrio percentual entre idosos condutores e pedestres, ambos com 38,3% de ocorrências seguidos por ocupantes com 21,3%. Esse padrão reflete a diversidade de mobilidade no bairro, onde os idosos tanto dirigem para acessar serviços e atividades do bairro quanto caminham para consultas médicas, mercados, farmácias e equipamentos públicos. A dupla predominância condutor-pedestre evidencia dois pontos críticos de risco no território.

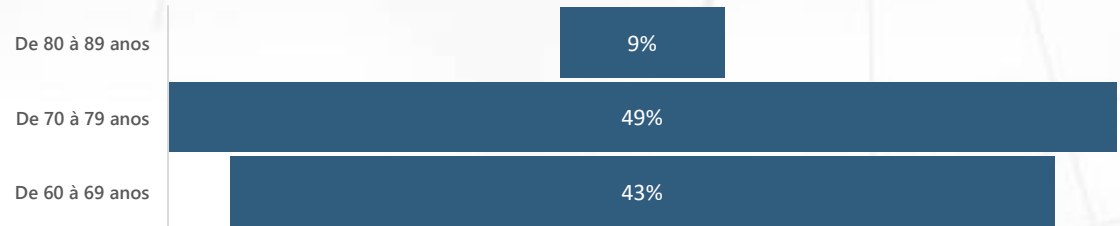
A maior parte das vítimas é composta por homens idosos (59,6%), enquanto as mulheres idosas aparecem em menor parte (40,4%) das ocorrências. Essa diferença sugere maior exposição dos homens à condução veicular e a deslocamentos em vias de tráfego intenso, comportamento típico da população idosa em bairros de uso misto e alta circulação.

Figura 71 – Percentual de ocorrências por sexo (2020-2024)



Fonte: EPTC

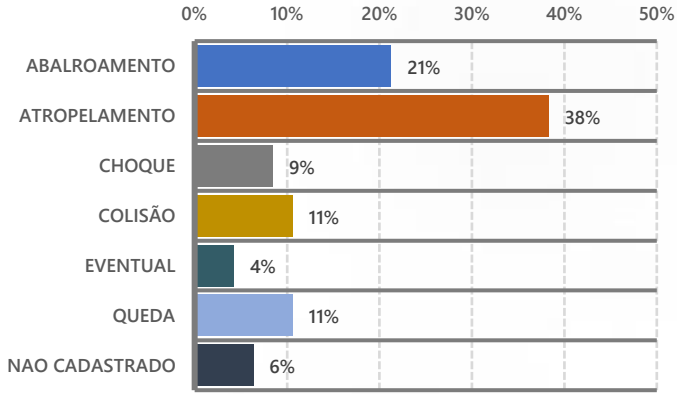
Figura 72 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2020-2024)



Fonte: EPTC

Os idosos entre 70 e 79 anos (49%) representam a maioria das vítimas, seguidos pelos de 60 a 69 anos (43%). Essa é uma particularidade do bairro, onde idosos mais velhos circulam com frequência devido à concentração de serviços de saúde, estabelecimentos comerciais e atividades que favorecem deslocamentos a pé. A faixa de 80 a 89 anos aparece com 9%, indicando menor, mas ainda relevante participação.

Figura 73 – Percentual de ocorrências por tipo de acidente (2020-2024)

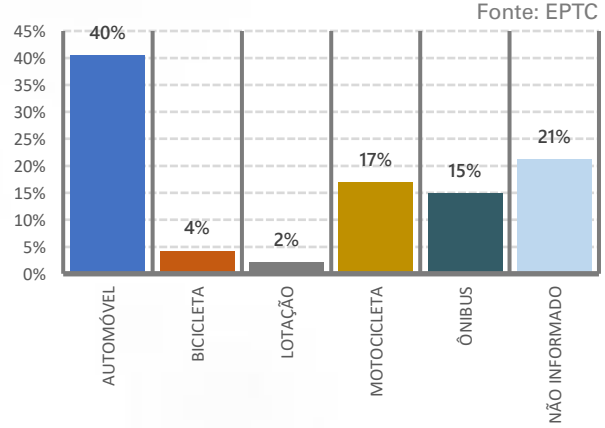


Fonte: EPTC

O automóvel está envolvido em 40% dos acidentes, seguido por motocicletas (17%) e ônibus (15%), o que reflete a diversidade de modais que circulam no bairro. A presença expressiva de ônibus está relacionada à grande quantidade de linhas que atravessam o bairro e ao intenso uso de transporte coletivo. Bicicletas e lotações possuem menor participação, enquanto 21% das ocorrências não têm o veículo informado, apontando lacunas relevantes no registro.

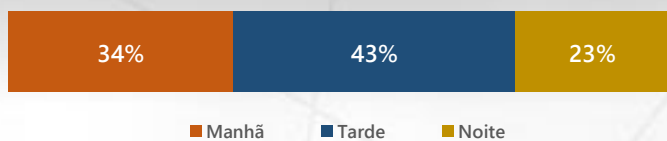
O acidente mais frequente é o atropelamento (38%), reforçando o papel central do pedestre idoso nas ocorrências do bairro. Abalroamentos (21%) e colisões (11%) expressam conflitos entre veículos em vias movimentadas, enquanto quedas (11%) sugerem possíveis dificuldades no ambiente urbano, como desníveis de calçadas e obstáculos ao caminhar. Choques (9%) e casos eventuais (4%) completam o cenário, destacando a complexidade dos riscos no território.

Figura 74 – Percentual de ocorrências por tipo de veículo (2020-2024)



Fonte: EPTC

Figura 75 – Percentual de ocorrências por turno (2020-2024)



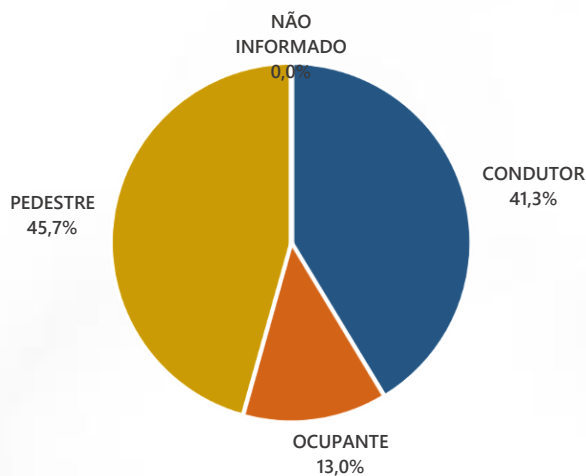
Fonte: EPTC

A série histórica mostra crescimento progressivo, culminando em 2024 (28%), o maior percentual do período. Os anos anteriores variam entre 15% e 21%, com estabilidade relativa. O aumento recente pode estar associado à maior uso das vias arteriais do bairro e intensificação da circulação de idosos em serviços de saúde e comércio.

9. Menino Deus:

O bairro registrou 95,7% de feridos e 4,3% mortes, revelando acidentes relativamente frequentes e com potencial de gravidade. A presença de óbitos, embora pequena, alerta para riscos significativos em vias de fluxo intenso e travessias amplamente utilizadas por pedestres idosos, principal grupo envolvido nos sinistros.

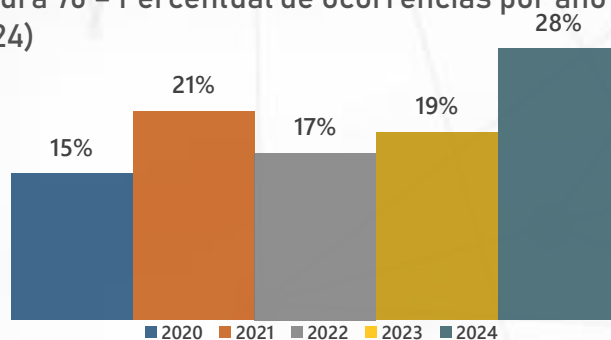
Figura 78 – Percentual de ocorrências por tipo de usuário (2020-2024)



Fonte: EPTC

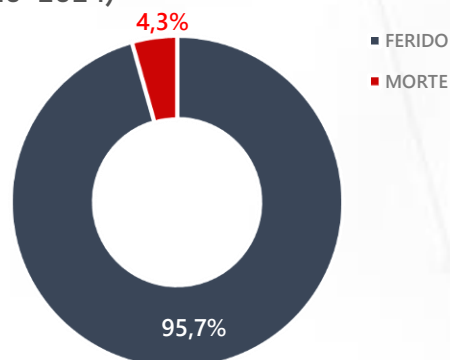
Os acidentes se concentram principalmente na tarde (43%), período de maior circulação devido ao fluxo de estudantes, trabalhadores e pedestres nas atividades cotidianas. A manhã (34%) também apresenta número elevado de ocorrências, coerente com o movimento de consultas, deslocamentos para serviços e atividades comerciais. A noite (23%) mantém risco moderado, porém abaixo dos demais turnos.

Figura 76 – Percentual de ocorrências por ano (2020-2024)



Fonte: EPTC

Figura 77 – Percentual de ocorrências por gravidade de casos (2020-2024)



Fonte: EPTC

Há predominância de pedestres idosos (45,7%), seguidos por condutores (41,3%) e ocupantes (13%). Esse padrão é típico do bairro, onde pedestres circulam ativamente entre comércio, serviços, praças e equipamentos de saúde. O equilíbrio entre pedestres e condutores reforça que o risco é distribuído entre diferentes formas de mobilidade no território.

A distribuição por sexo é equilibrada, com 50% idosos e 47,8 idosas, além de 2,2% registros não informados. Esse equilíbrio aponta que fatores ambientais como fluxo, infraestrutura e velocidade dos veículos têm maior impacto nos acidentes do que diferenças relacionadas a gênero.

Figura 79 – Percentual de ocorrências por sexo (2020-2024)

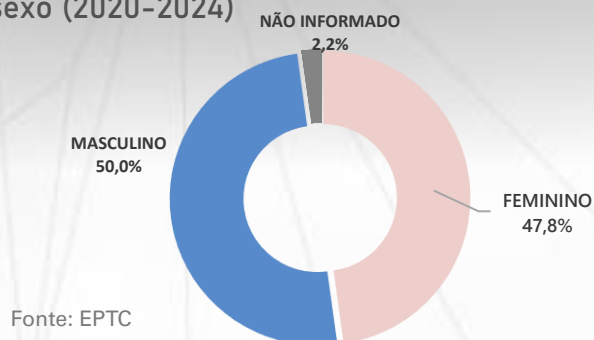
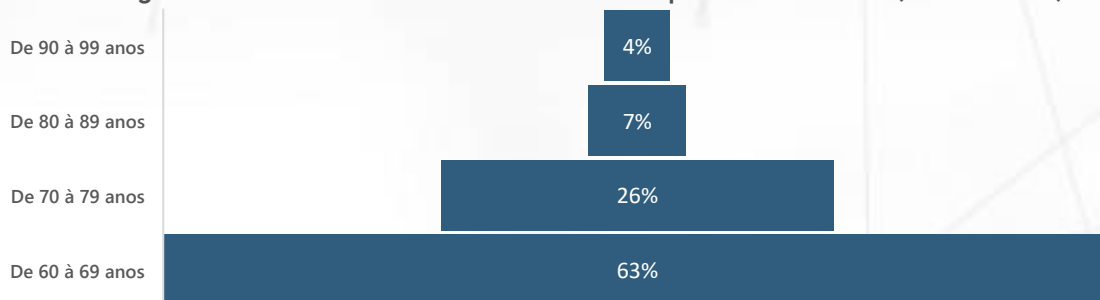
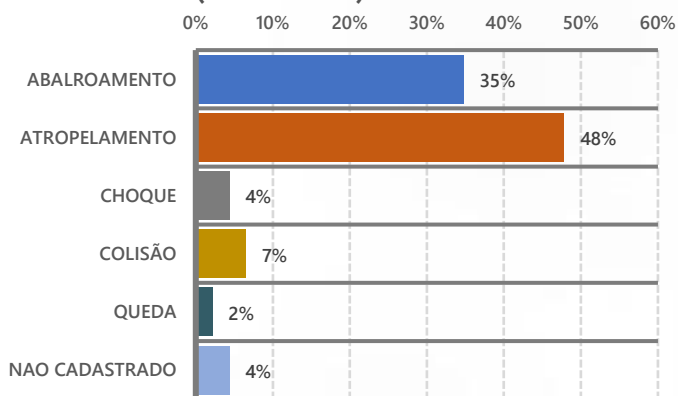


Figura 80 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2020-2024)



A maior parte das vítimas está entre 60 e 69 anos (63%), seguida pela faixa dos 70 a 79 anos (26%). As faixas etárias superiores (80+), apesar de menos representadas (7% e 4%), ainda estão presentes, indicando que idosos de todas as idades circulam no bairro. A concentração nos grupos mais jovens sugere idosos mais ativos e autônomos nas suas rotinas diárias.

Figura 81 – Percentual de ocorrências por tipo de acidente (2020-2024)



O automóvel aparece em 48% das ocorrências, refletindo a forte presença desse modal no bairro. A participação de motocicletas (7%) e bicicletas (4%) é menor, porém relevante diante do uso crescente desses meios em deslocamentos urbanos. O índice elevado de veículo não informado (39%) compromete uma análise mais precisa, revelando a necessidade de qualificação dos registros.

O tipo de acidente predominante é o atropelamento (48%), um dos maiores percentuais entre todos os bairros analisados. Esse dado reforça a vulnerabilidade do pedestre idoso no bairro, especialmente em vias de tráfego rápido e cruzamentos movimentados. Abalroamentos (35%) e colisões (7%) representam conflitos entre veículos, enquanto choques (4%) e quedas (2%) têm menor participação. A predominância do atropelamento exige atenção especial à segurança das travessias.

Figura 82 – Percentual de ocorrências por tipo de veículo (2020-2024)

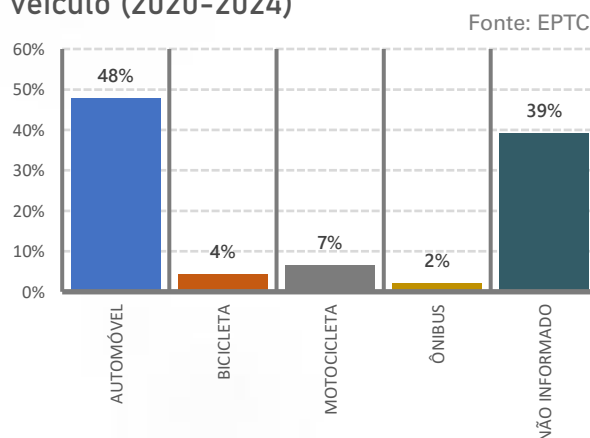
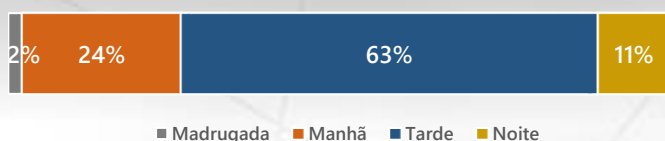


Figura 83 – Percentual de ocorrências por turno (2020-2024)



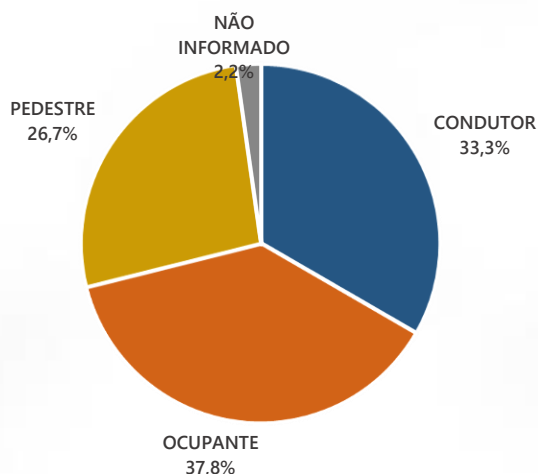
Fonte: EPTC

A evolução temporal apresenta crescimento até 2023 (33%), seguido por uma queda marcante em 2024 (4%). Os anos anteriores — 2020 (17%), 2021 (24%) e 2022 (22%) — mostram um padrão estável. A queda em 2024 pode estar relacionada a mudanças temporárias na circulação, intervenções locais, ou ainda à incompletude dos registros para o ano.

10. Cavalhada:

O bairro registrou 93,3% de feridos e 6,7% mortes, evidenciando acidentes de maior gravidade em comparação a bairros com perfil viário semelhante. A presença de óbitos indica riscos significativos nas interações entre pedestres, passageiros e veículos em vias de alto fluxo, onde colisões podem resultar em desfechos severos para idosos.

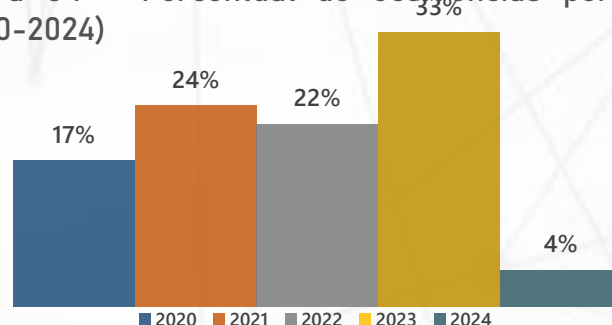
Figura 86 – Percentual de ocorrências por tipo de usuário (2020-2024)



Fonte: EPTC

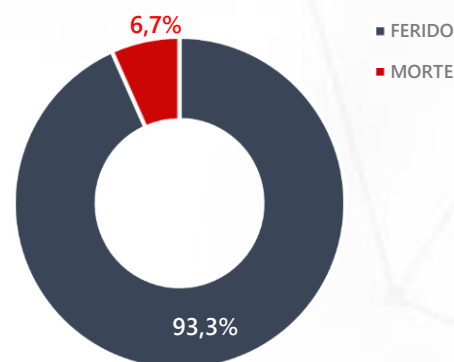
A maior parte dos acidentes ocorre no turno da tarde (63%), seguido pela manhã (24%). Esse padrão acompanha a dinâmica do bairro, onde há intenso fluxo de pedestres e veículos no período da tarde devido a atividades comerciais, serviços médicos e circulação de moradores. A noite concentra 11% das ocorrências, enquanto a madrugada representa apenas 2%.

Figura 84 – Percentual de ocorrências por ano (2020-2024)



Fonte: EPTC

Figura 85 – Percentual de ocorrências por gravidade de casos (2020-2024)

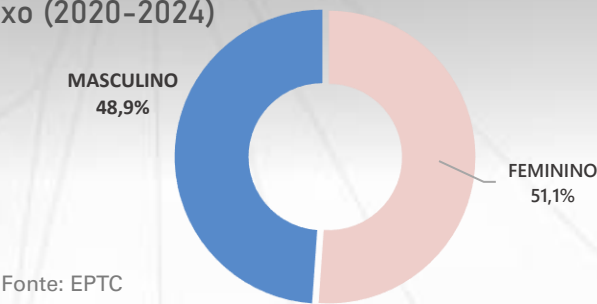


Fonte: EPTC

Os idosos aparecem principalmente como ocupantes (37,8%), seguidos por condutores (33,3%) e pedestres (26,7%). O destaque para ocupantes está diretamente relacionado à forte presença de ônibus e lotações no bairro, modais amplamente utilizados para deslocamentos cotidianos. O número expressivo de pedestres também reflete as travessias em avenidas movimentadas, muitas vezes distantes entre si.

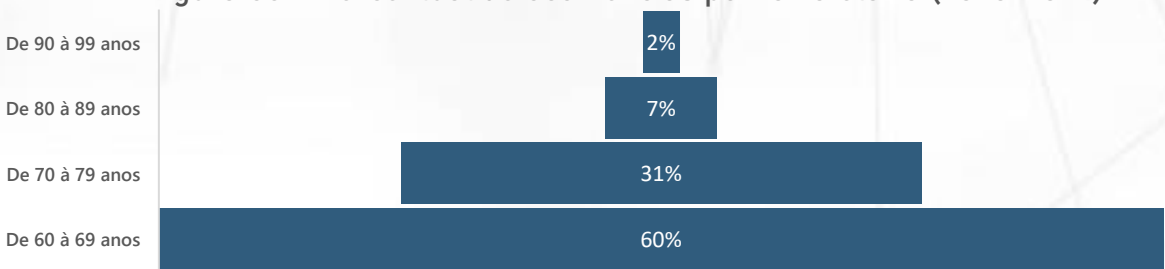
A distribuição por sexo é equilibrada: 51,1% idosas e 48,9% idosos. Esse equilíbrio indica que o risco está associado principalmente às condições viárias e aos padrões de circulação do bairro, e não a diferenças de comportamento entre gêneros.

Figura 87 – Percentual de ocorrências por sexo (2020-2024)



Fonte: EPTC

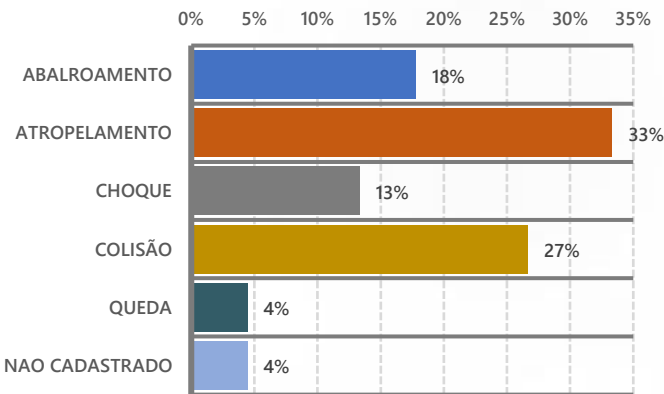
Figura 88 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2020-2024)



Fonte: EPTC

A maior parte das vítimas está entre 60 e 69 anos (60%), seguida pelos 70 a 79 anos (31%). Idosos acima de 80 anos representam menor proporção (7% e 2%), o que demonstra que os idosos mais jovens, ainda ativos e frequentemente em deslocamento, concentram grande parte da exposição ao trânsito no bairro.

Figura 89 – Percentual de ocorrências por tipo de acidente (2020-2024)

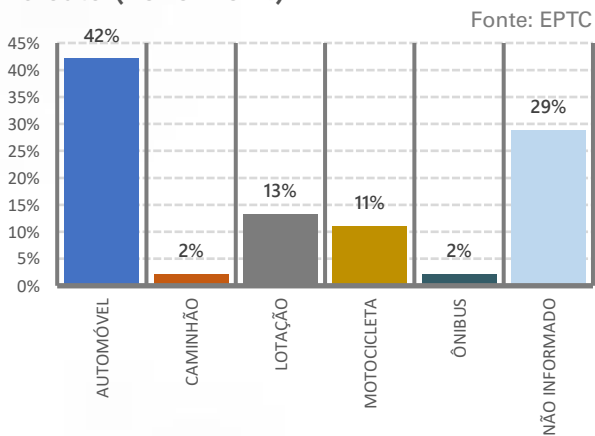


Fonte: EPTC

O tipo de acidente predominante é o atropelamento (33%), seguido por colisões (27%) e abalroamentos (18%). Esse cenário evidencia dois pontos críticos no bairro: vulnerabilidade de pedestres idosos em vias de tráfego intenso e conflitos recorrentes entre veículos, especialmente em cruzamentos e conversões. Choques (13%) e quedas (4%) complementam o perfil de risco.

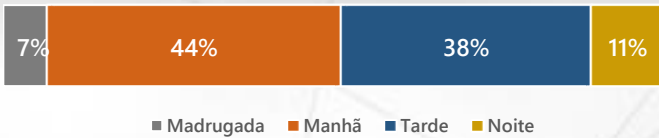
O automóvel aparece em 42% dos acidentes, refletindo o uso significativo desse modal na região. A participação de lotação (13%) e motocicleta (11%) é compatível com o padrão de mobilidade do bairro. Caminhões (2%) e ônibus (2%) também aparecem, mas em menor proporção. O índice elevado de “não informado” (29%) limita uma análise mais precisa da dinâmica modal.

Figura 90 – Percentual de ocorrências por tipo de veículo (2020-2024)



Fonte: EPTC

Figura 91 – Percentual de ocorrências por turno (2020-2024)

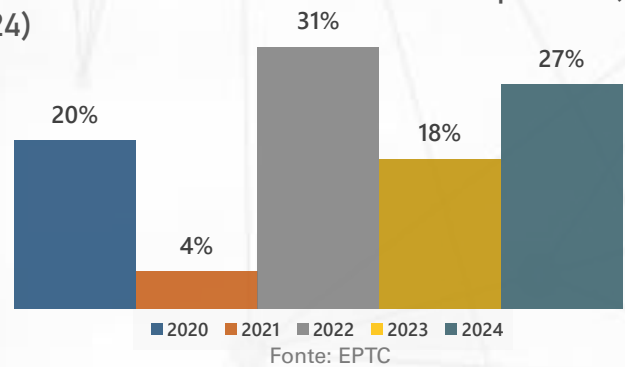


Fonte: EPTC

A série histórica revela um pico em 2022 (31%), seguido por aumento relevante em 2024 (27%). Os anos intermediários mostram oscilações, com 2021 registrando proporção bastante baixa (4%). A tendência de retomada dos acidentes em 2024 sugere intensificação da mobilidade e maior exposição dos idosos no bairro.

A maior parte dos acidentes ocorre na manhã (44%), seguido pela tarde (38%), indicando que os idosos se deslocam intensamente nesses períodos. A noite (11%) e a madrugada (7%) representam proporções menores, mas ainda mostram riscos presentes em horários de menor circulação geral.

Figura 92 – Percentual de ocorrências por ano (2020-2024)



Fonte: EPTC

As análises realizadas evidenciam que os acidentes de trânsito envolvendo idosos em Porto Alegre resultam de um conjunto de fatores estruturais que atravessam diferentes territórios da cidade como a intensidade do fluxo viário, a qualidade das travessias, a interação entre modais e as condições de mobilidade urbana. Apesar das variações entre bairros, o diagnóstico aponta um padrão consistente: os idosos permanecem um dos grupos mais vulneráveis no trânsito, seja como pedestres, condutores ou passageiros.

Os dados reforçam a necessidade de uma abordagem integrada que considere planejamento urbano, engenharia de tráfego, educação para a mobilidade e qualificação da infraestrutura, promovendo condições mais seguras e acessíveis para o envelhecimento ativo. Concluir este conjunto de análises significa reafirmar que transformar evidências em ações é fundamental para reduzir riscos, prevenir acidentes e fortalecer uma cultura de cuidado e proteção no trânsito.

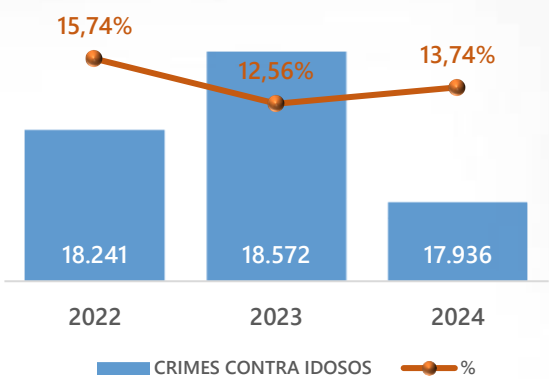
Com base nesse diagnóstico, o município tem subsídios sólidos para avançar na construção de políticas públicas que coloquem a vida, a dignidade e a segurança dos idosos no centro das decisões, contribuindo para uma Porto Alegre mais humana, inclusiva e comprometida com a prevenção.

Crimes* contra pessoas idosas

A análise das ocorrências de crimes contra pessoas idosas registradas de 2022 a 2024 no município de Porto Alegre evidencia a relevância do tema e reforça a necessidade de fortalecer ações integradas de prevenção.

No período analisado, foram contabilizadas 54.749 ocorrências envolvendo idosos, o que representa 13,88% de todas as ocorrências registradas na cidade.

Figura 93 – Crimes contra pessoas idosas (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

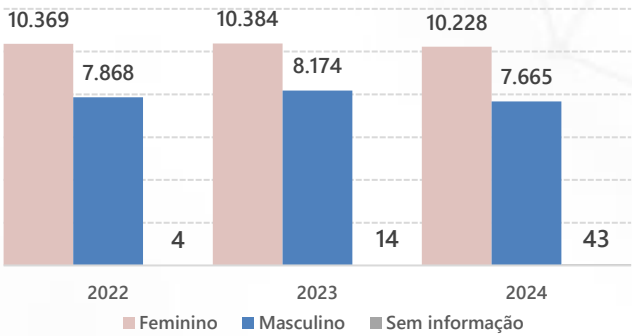
Os dados revelam certa estabilidade no volume de registros anuais, com 18.241 casos em 2022, 18.572 em 2023 e 17.936 em 2024, indicando que a violência contra a população idosa permanece como um desafio estrutural e persistente. Embora a participação relativa desses casos no total de ocorrências varie entre os anos (de 15,74% em 2022 para 12,56% em 2023 e 13,74% em 2024), o patamar geral se mantém elevado, demonstrando que as pessoas idosas seguem desproporcionalmente expostas a diferentes formas de violências.

Analisando o perfil por sexo, os dados evidenciam um padrão consistente de que as mulheres idosas representam a maioria das vítimas, reforçando a interseção entre envelhecimento, gênero e vulnerabilidades.

Em 2022, foram registradas 10.369 vítimas idosas do sexo feminino, frente a 7.868 do sexo masculino. Em 2023, o número de mulheres atingidas manteve-se em patamar semelhante (10.384), com aumento discreto das ocorrências envolvendo homens (8.174). Já em 2024 observa-se leve redução no total de vítimas, mas preservando a mesma tendência: 10.228 mulheres e 7.665 homens.

Figura 94 – Crimes contra pessoas idosas por sexo (2022-2024)

Fonte: SSP/RS

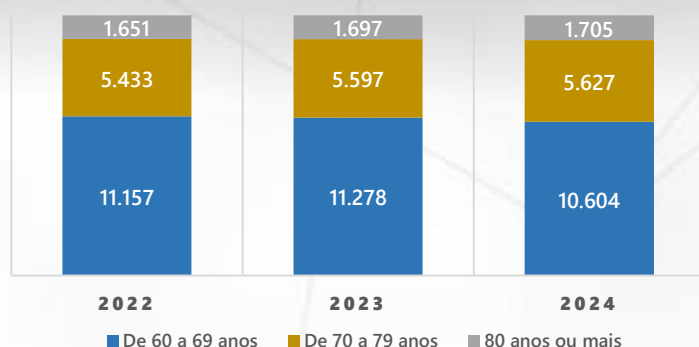


Apesar de residuais, os registros “sem informação” (que cresceram de 4 casos em 2022 para 43 em 2024) reforçam a importância da qualificação dos sistemas de coleta e registro, garantindo maior precisão na identificação das vítimas e permitindo diagnósticos mais robustos.

Os dados demonstram que as mulheres idosas permanecem mais expostas a situações de violência, possivelmente relacionadas a fatores como maior longevidade, dependência funcional, isolamento social e desigualdades acumuladas ao longo da vida. Este cenário reforça a necessidade de estratégias de proteção sensíveis ao gênero, fortalecendo redes de apoio, ampliando ações preventivas e consolidando políticas públicas informadas por evidências, comprometidas com o cuidado, a dignidade e a segurança das pessoas idosas.

* engloba também as contravenções

Figura 95 – Crimes contra pessoas idosas por faixa etária (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

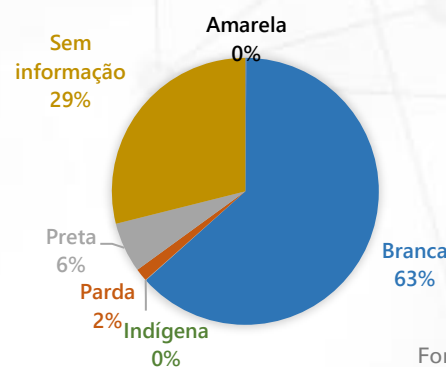
O perfil etário das vítimas idosas entre 2022 e 2024 evidencia que o grupo de 60 a 69 anos concentra a maior parte dos registros, indicando maior exposição no início do processo de envelhecimento. As faixas de 70 a 79 anos e 80 anos ou mais apresentam volumes menores, porém estáveis e com leve crescimento, especialmente entre os idosos de 80+, que tendem a apresentar maior fragilidade e dependência. Esses resultados reforçam que cada etapa do envelhecimento traz vulnerabilidades específicas, exigindo ações de

prevenção e proteção adaptadas às necessidades de cada grupo etário.

Os dados de raça/cor acumulados de 2022 à 2024, mostram que a maior parte das vítimas idosas registradas é branca (34.637), seguida por pessoas pretas (3.334) e pardas (850). Os grupos amarelo e indígena apresentam números muito reduzidos.

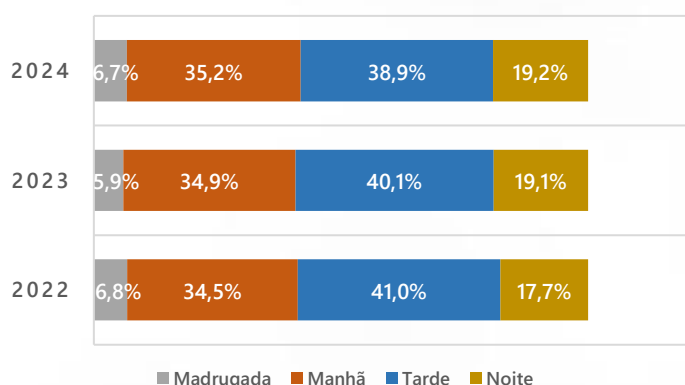
Destaca-se, porém, o elevado volume de registros sem informação (15.828), o que limita análises mais detalhadas e reforça a necessidade de qualificação do preenchimento dos dados. Mesmo assim, observa-se que idosos negros (pretos e pardos) somam mais de 4 mil ocorrências, evidenciando vulnerabilidades que exigem políticas públicas sensíveis às desigualdades raciais.

Figura 96 – Crimes contra pessoas idosas por cor/raça em % (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 97 – Crimes contra pessoas idosas por turno em % (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

A distribuição das ocorrências envolvendo pessoas idosas segundo o turno do dia revela uma tendência consistente ao longo dos três anos analisados. A tarde concentra o maior volume de registros o que aponta para maior exposição das vítimas nesse período, possivelmente associada a maior circulação e atividades cotidianas. A manhã aparece como o segundo turno com mais ocorrências o que confirma que os períodos de maior movimentação diária concentram a maior parte dos eventos registrados. Já o turno da noite apresenta crescimento moderado indicando que,

embora represente menor volume que tarde e manhã, há uma tendência de aumento da vulnerabilidade nesse período. A madrugada, por sua vez, permanece como o turno de menor incidência o que reflete a menor circulação de idosos nesse horário.

Em conjunto, os dados demonstram que a violência contra idosos ocorre predominantemente em horários de maior atividade diária.

Os dados mensais de 2022 a 2024 mostram um padrão relativamente estável, com picos recorrentes em março, abril e outubro, meses que apresentam maior volume de ocorrências envolvendo pessoas idosas. Em 2022 e 2023, a distribuição é regular, com oscilações moderadas ao longo do ano.

Em 2024, destaca-se uma redução atípica em maio, seguida de retomada dos valores nos meses seguintes, voltando ao padrão habitual de aumento em outubro. No geral, os registros indicam ciclos sazonais, úteis para orientar ações preventivas em períodos de maior concentração de ocorrências.

Figura 98 – Crimes contra pessoas idosas por mês e ano (2022-2024)

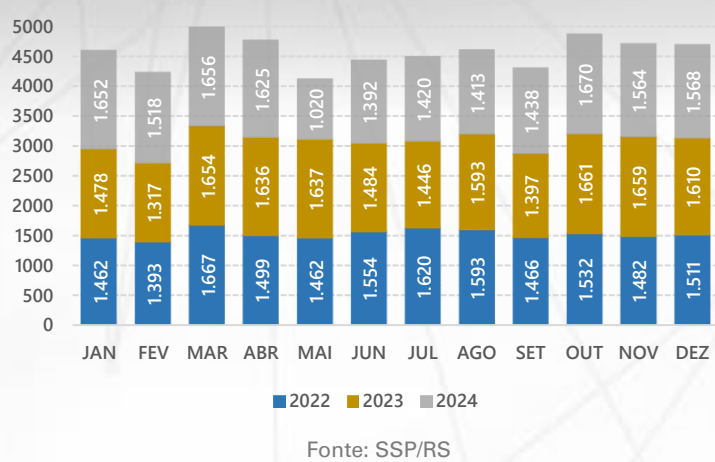
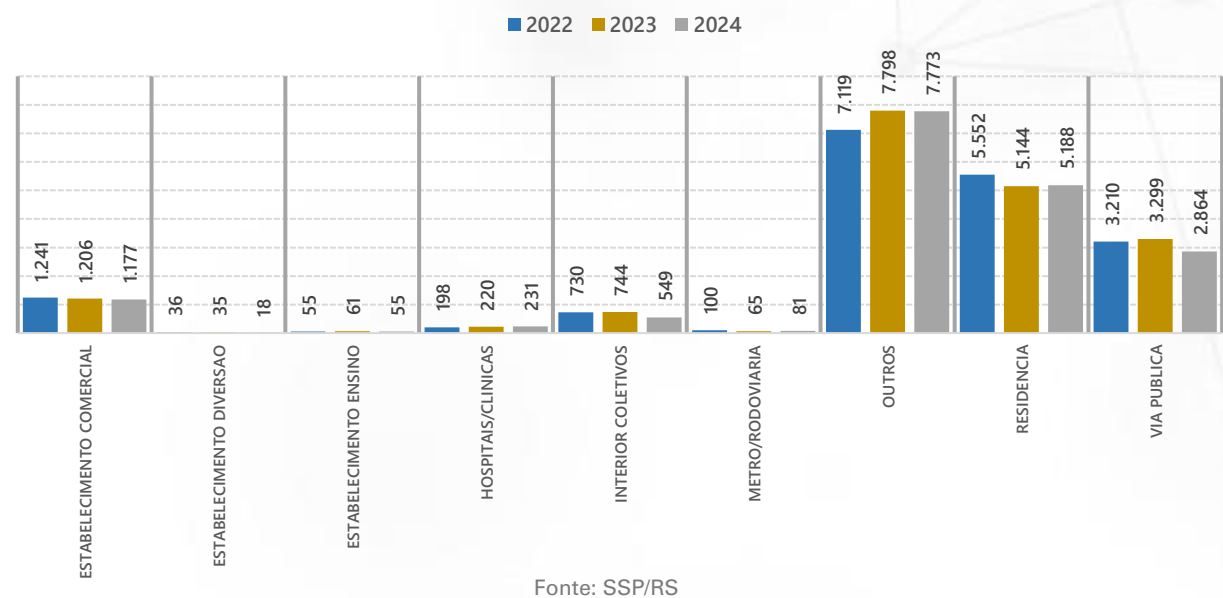


Figura 99 – Crimes contra pessoas idosas por local de ocorrência (2022-2024)

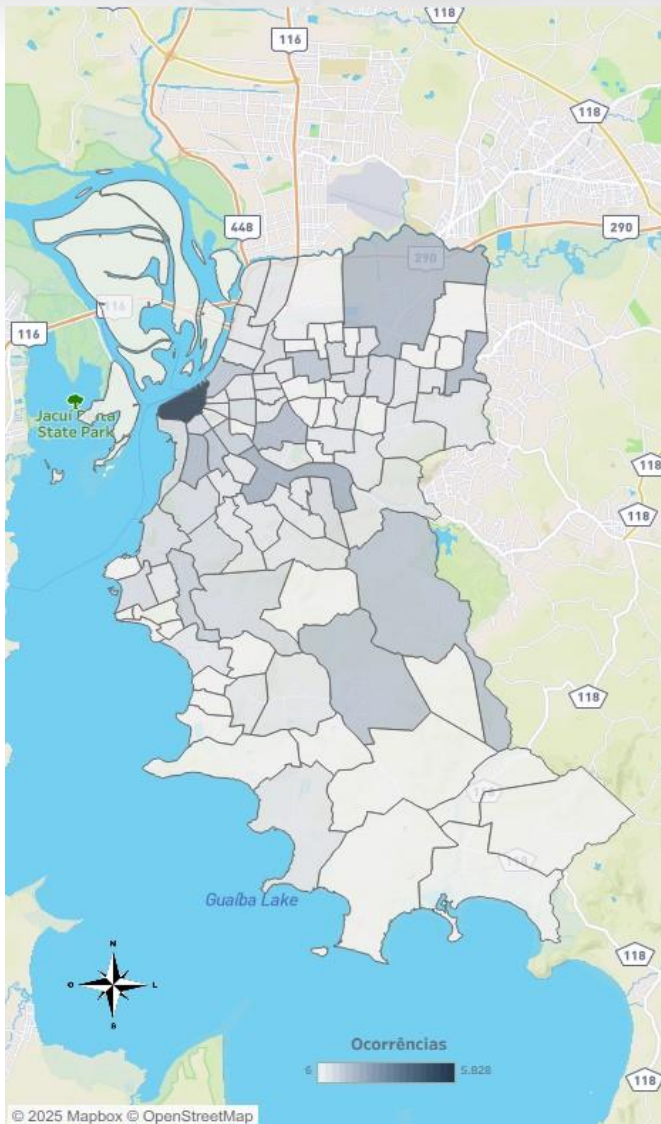


Os dados demonstram que a residência é o principal local de ocorrência envolvendo pessoas idosas, com mais de 5 mil registros anuais, evidenciando a centralidade da violência doméstica. A via pública aparece em seguida, refletindo vulnerabilidades associadas à circulação urbana.

O grupo “Outros” reúne o maior volume de notificações, indicando ampla diversidade de locais e necessidade de melhor qualificação dos registros. Entre os ambientes específicos, hospitais e clínicas apresentam crescimento gradual, enquanto os casos no interior de coletivos caem de forma expressiva em 2024. Já estabelecimentos comerciais e de ensino mantêm estabilidade, e locais de diversão mostram redução substancial.

Esses padrões reforçam que a violência contra idosos se concentra nos espaços de convivência cotidiana e requer estratégias integradas de prevenção e proteção.

Figura 100 – Crimes contra pessoas idosas por bairro (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

A distribuição territorial das ocorrências envolvendo pessoas idosas evidencia diferenças significativas entre os bairros de Porto Alegre, revelando padrões importantes para o planejamento de ações integradas de prevenção e proteção.

O Centro Histórico, com 5.828 ocorrências, apresenta o maior volume absoluto, muito acima dos demais bairros. Esse resultado está associado à intensa circulação de pessoas, alta concentração de serviços, comércios, transporte e espaços públicos, o que aumenta a exposição a diferentes tipos de violências e incidentes envolvendo idosos.

Logo abaixo, destacam-se bairros com perfis densos e estruturalmente complexos, como Partenon (1.796), Rubem Berta (1.731), Sarandi (1.689), Petrópolis (1.618), Menino Deus (1.544), Restinga (1.334), Passo da Areia (1.332), Floresta (1.239), Lomba do Pinheiro (1.209) e Azenha (1.207). Esses territórios combinam grande população, circulação intensa e dinâmicas socioeconômicas específicas, que influenciam diretamente o volume de ocorrências.

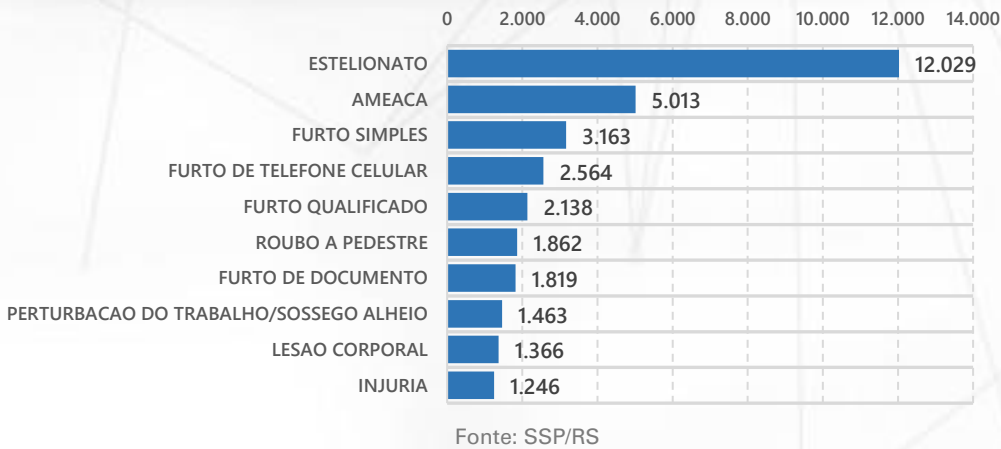
Por outro lado, bairros com menor número de registros como São Caetano (6), Sétimo Céu (7), Jardim Isabel (22), Pitinga (28), Jardim Europa (35), Extrema (42), Pedra Redonda (44) e

Serraria, provavelmente refletem áreas de baixa densidade populacional, uso predominantemente residencial ou menor registro de ocorrências, sem necessariamente significar ausência de violência.

No conjunto, os dados revelam que as ocorrências envolvendo idosos estão fortemente relacionadas a fatores como densidade populacional, circulação urbana, desigualdades socioeconômicas e dinâmica dos serviços públicos, reforçando a importância de políticas territorializadas, ações intersetoriais e intervenções focalizadas nos bairros com maior concentração de casos.

A análise por tipo de crimes registrados contra pessoas idosas entre 2022 e 2024 permite identificar padrões de vitimização que ajudam a compreender as principais vulnerabilidades enfrentadas por esse grupo populacional.

Figura 101 – Tipo de crimes contra pessoas idosas por maiores ocorrências (2022-2024)



O crime de estelionato aparece com ampla vantagem como o mais recorrente entre os idosos, totalizando 12.029 registros, evidenciando a alta exposição desse público a golpes financeiros, fraudes e práticas abusivas. Em seguida, os registros de ameaça somam 5.013 casos, indicando a persistência de conflitos interpessoais e situações de intimidação que afetam especialmente os mais vulneráveis.

Furtos em suas diversas modalidades (simples, qualificado, de telefone celular e de documentos) também figuram entre os delitos mais frequentes, revelando riscos associados à circulação urbana e ao uso cotidiano de bens pessoais. Por fim, crimes como lesão corporal, injúria e perturbação do sossego completam o conjunto de ocorrências mais expressivas, apontando para episódios de violência física e moral que impactam diretamente a dignidade e o bem-estar das pessoas idosas.

Esse panorama oferece uma base sólida para aprofundar a análise por tipo de crime, orientar políticas públicas de prevenção e qualificar estratégias de proteção específicas para a população idosa.

1. Estelionato:

O perfil por sexo revela que as mulheres idosas são mais vitimadas por estelionato, representando 58,6% do total. Os homens tem 41,3% dos registros, enquanto apenas 0,1% dos casos não informam o sexo da vítima. Esse predomínio feminino pode refletir diferentes exposições a risco, padrões de abordagem dos golpistas e características sociodemográficas da população idosa, incluindo o fato de que mulheres vivem mais e, portanto, são proporcionalmente mais numerosas nas faixas etárias mais avançadas, grupos frequentemente visados por golpes.

Figura 102 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)

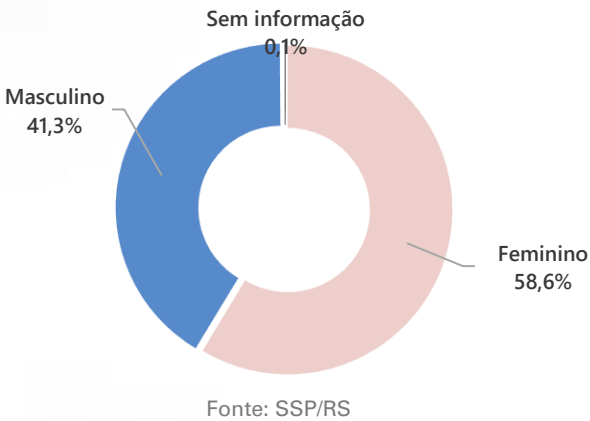
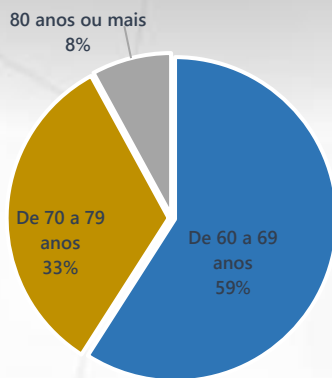


Figura 103 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2022-2024)



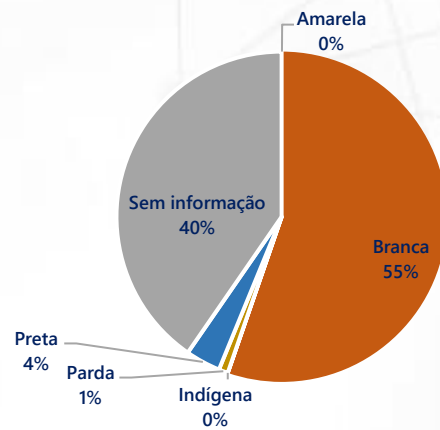
Fonte: SSP/RS

A maior concentração de vítimas encontra-se entre idosos de 60 a 69 anos com 59% dos casos. A faixa de 70 a 79 anos aparece com 33% e pessoas com 80 anos ou mais representam 8% das ocorrências.

O predomínio da faixa de 60–69 anos indica que os golpes se concentram principalmente entre idosos mais jovens, que tendem a estar mais ativos economicamente, utilizam sistemas bancários e digitais e, portanto, têm maior exposição a fraudes em serviços e transações do dia a dia.

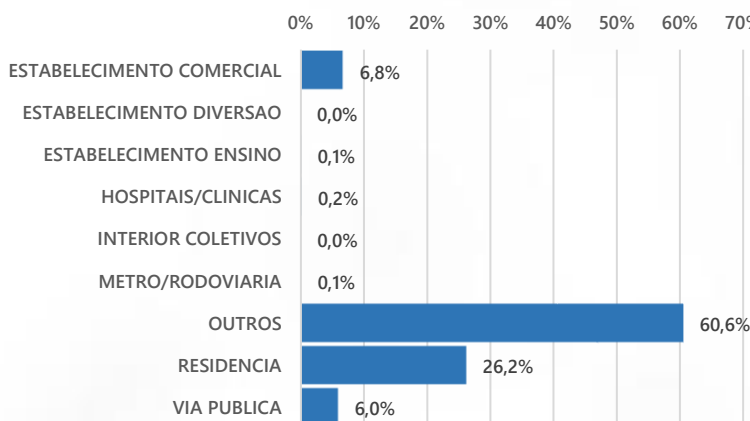
Entre as vítimas com informação registrada, observa-se predominância de pessoas idosas brancas (55%), seguidas por pretas (4%) e pardas (1%). Contudo, o dado mais expressivo é o volume elevado de informações ausentes (40%), o que limita análises conclusivas sobre recortes raciais. Ainda assim, considerando o perfil demográfico de Porto Alegre e a subnotificação dessa variável, os números sugerem que o estelionato atinge majoritariamente idosos brancos, possivelmente devido à composição racial da população idosa e também às desigualdades no acesso ao registro e atendimento.

Figura 104 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 105 – Percentual de ocorrências por local (2022-2024)

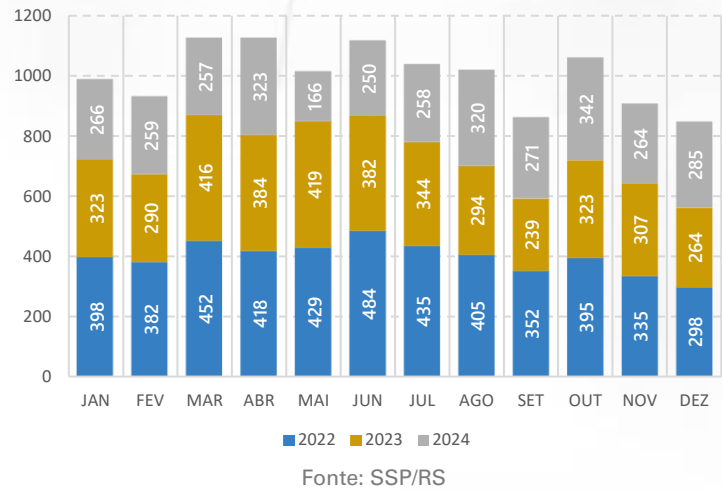


Fonte: SSP/RS

A categoria “Outros” concentra 60,6% das ocorrências, indicando forte dispersão de cenários nos quais o estelionato ocorre, inclusive ambientes virtuais, contatos telefônicos e abordagens que não se enquadram nas categorias tradicionais. Em seguida, destaca-se a residência (26,2%), revelando a vulnerabilidade dos idosos a golpes que chegam diretamente ao domicílio. Locais como estabelecimentos comerciais (6,8%) e via pública (6,0%) aparecem com menor expressividade, sugerindo que grande parte dos estelionatos não ocorre em interações presenciais convencionais, mas sim em contextos mediados por tecnologia ou relações de confiança manipuladas pelos golpistas.

O percentual por turno de ocorrências mostra que o estelionato contra idosos se concentra especialmente à tarde (49,6%) e pela manhã (38,4%), períodos em que os idosos estão mais ativos. A noite responde por 10,3% dos casos e a madrugada por apenas 1,7%, indicando que esse tipo de crime tem forte relação com rotinas diurnas.

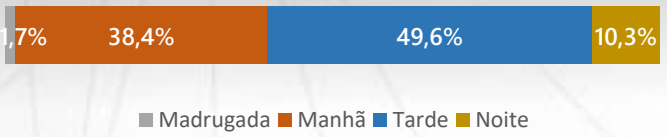
Figura 107 – Ocorrências por mês e ano (2022-2024)



A análise das ocorrências de estelionato em Porto Alegre revela forte concentração em áreas de grande circulação, comércio intenso e alta densidade populacional. Os 10 bairros com maior incidência formam dois perfis distintos: polos centrais e regiões muito populosas. No topo está o Centro Histórico (980), seguido por Petrópolis (505), ambos marcados por grande fluxo diário de pessoas e ampla oferta de serviços, fatores que ampliam oportunidades para golpes. Na sequência aparecem Menino Deus (439), Rubem Berta (413), Sarandi (410), Passo da Areia (375), Partenon (318) e Tristeza (274), bairros amplos, com comércio diversificado e forte densidade demográfica. Completam o grupo Santana (249) e Cavallhada (248), que apresentam mistura de áreas residenciais e comerciais, reforçando a vulnerabilidade em regiões de uso múltiplo.

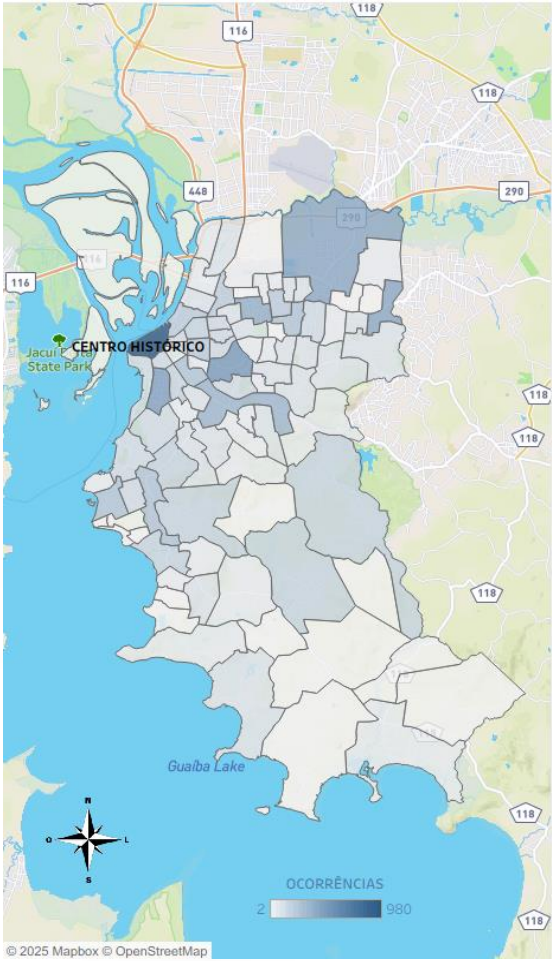
O panorama geral evidencia que a incidência territorial do estelionato se relaciona diretamente com a intensidade da vida urbana, reforçando a necessidade de estratégias de prevenção adaptadas aos diferentes perfis de bairros.

Figura 106 – Percentual de ocorrências por turno (2022-2024)



O estelionato apresenta uma trajetória consistente de queda ao longo dos três anos analisados sinalizando uma redução acumulada de aproximadamente 32%. Em 2022 observou-se um padrão mensal elevado e estável, com picos nos meses de março à julho. Em 2023, embora ainda haja meses de maior concentração (março e maio) já se nota uma diminuição geral dos registros. Em 2024 a queda se intensifica. No total consolidado por mês, março e abril aparecem como os meses mais críticos, enquanto setembro e dezembro registram os menores volumes.

Figura 108 – Ocorrências por bairro (2022-2024)



2. Ameaça:

Entre as vítimas idosas de ameaça, observa-se maior incidência entre mulheres as quais registram 57,5% dos casos. Os homens ficam com 42,4% dos registros, enquanto apenas 0,1% ocorrências não possuem informação sobre o sexo. A predominância feminina segue um padrão recorrente nos crimes interpessoais, indicando maior vulnerabilidade das idosas a situações de conflito familiar, doméstico ou comunitário. Esse perfil reforça a necessidade de políticas integradas que considerem fatores de gênero, especialmente em contextos que envolvem convivência e relações próximas, nas quais a ameaça costuma se manifestar.

Figura 109 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)

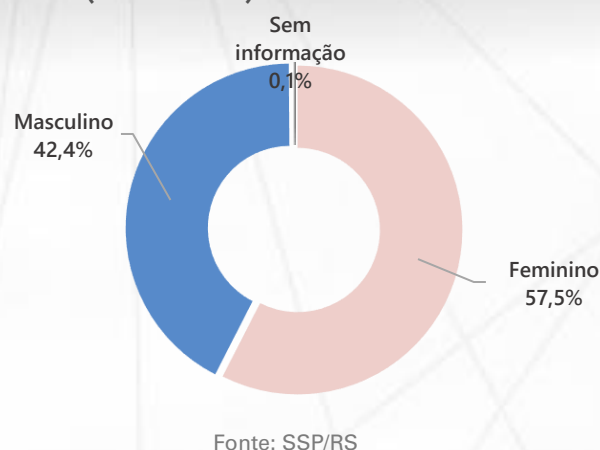
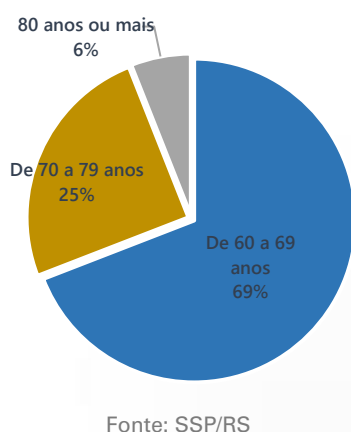


Figura 110 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2022-2024)



A análise por faixa etária revela que a maioria das vítimas tem entre 60 e 69 anos (69%). Em seguida, aparecem os idosos de 70 a 79 anos, com 25%, e, por fim, aqueles com 80 anos ou mais, com 6% das ocorrências. Esse padrão indica que a ameaça se concentra predominantemente nos idosos mais jovens, que tendem a estar mais inseridos em dinâmicas familiares, comunitárias ou de trabalho, nas quais conflitos e tensões podem emergir. Já os idosos mais longevos, embora ainda vitimados, apresentam menor exposição comparativa.

Entre as vítimas com registro de cor/raça, verifica-se predominância de pessoas brancas (70%), seguidas por pretas (8%) e pardas (2%). Entretanto, um volume significativo de 20% de registros sem informação limita conclusões mais robustas sobre desigualdades raciais nesse tipo de crime. Ainda assim, considerando o perfil demográfico da população idosa de Porto Alegre, o padrão observado sugere maior vitimização entre idosos brancos, embora seja importante destacar que a subnotificação dessa variável pode ocultar dinâmicas raciais relevantes.

Figura 111 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)

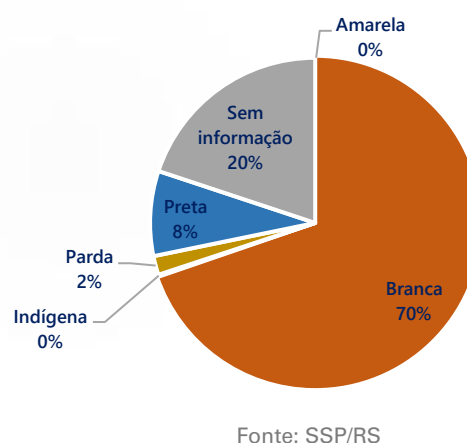
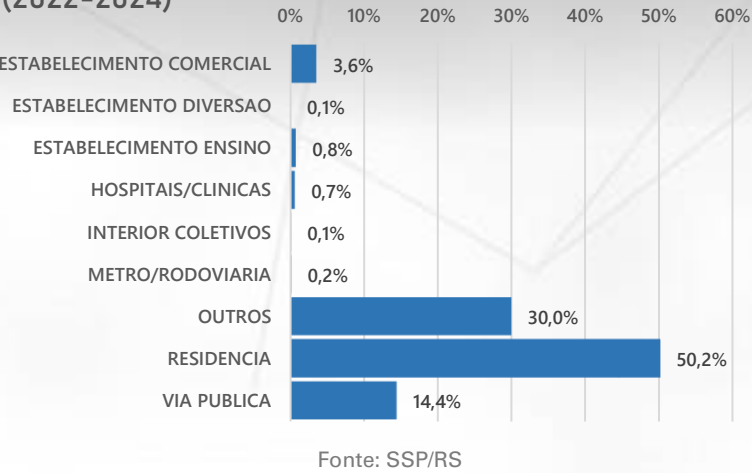


Figura 112 – Percentual de ocorrências por local (2022-2024)



O local da ocorrência evidencia que a ameaça contra idosos está fortemente vinculada ao ambiente doméstico: 50,2% dos casos ocorrem na residência, destacando a violência intrafamiliar como eixo central deste crime. Em seguida, aparecem a categoria “Outros” (30%), que abrange espaços variados não especificados. A via pública (14,4%) representa um percentual relevante, indicando que conflitos também ocorrem em áreas de circulação cotidiana. Demais espaços, como estabelecimentos

comerciais, de ensino, hospitais e transporte, apresentam incidências muito baixas, reforçando que a ameaça é, majoritariamente, uma violência de proximidade e de vínculos.

Os dados mostram que a ameaça contra idosos ocorre em todos os períodos do dia, mas com maior concentração à tarde (38,6%) e pela manhã (28,7%). Os períodos noturnos (27,1%) também apresentam incidência expressiva, sugerindo que esse crime está fortemente associado ao cotidiano e às interações contínuas no ambiente doméstico, comunitário ou de vizinhança. A madrugada (5,7%) possui menor ocorrência, o que reforça a natureza cotidiana e relacional desse tipo de violência, que frequentemente se manifesta em contextos de convivência diária.

Figura 113 – Percentual de ocorrências por turno (2022-2024)

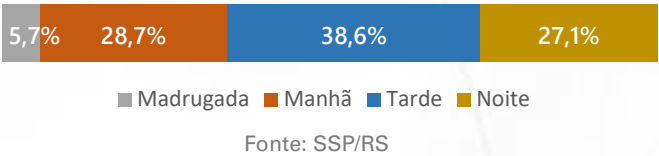
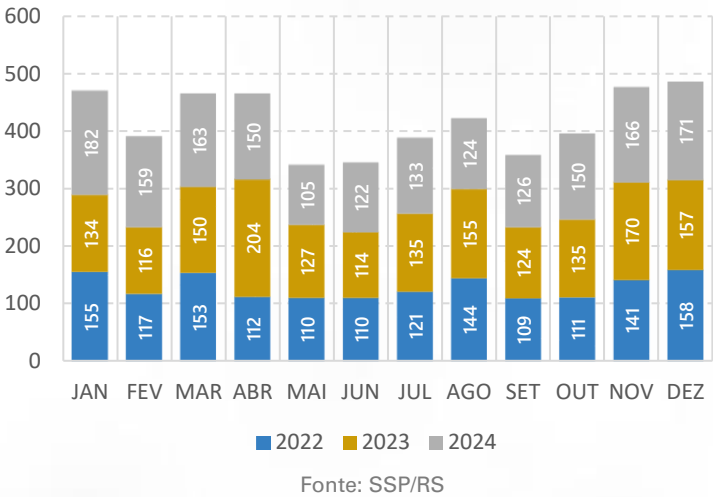


Figura 114 – Ocorrências por mês e ano (2022-2024)



Os registros de ameaça apresentam uma tendência geral de crescimento contínuo, refletindo em um aumento acumulado de cerca de 14% ao longo do período analisado. Enquanto 2022 apresenta distribuição relativamente estável entre os meses, 2023 evidencia um pico expressivo em abril. Já em 2024 observa-se um início de ano particularmente elevado. No consolidado dos três anos, novembro e dezembro concentram as maiores ocorrências. Esses padrões sustentam a necessidade de ações

preventivas direcionadas, especialmente nos primeiros meses do ano e na transição para o ciclo de festas, com campanhas educativas, fortalecimento das redes de proteção e monitoramento contínuo pelos territórios.

A distribuição territorial das ocorrências de ameaça em Porto Alegre revela um padrão marcado pela combinação entre densidade populacional, fluxo diário de pessoas, vulnerabilidades sociais e características urbanas específicas de cada bairro.

Entre os bairros com maior incidência estão Azenha (277), Centro Histórico (236), Restinga (226), Rubem Berta (214), Lomba do Pinheiro (212), Partenon (187), Sarandi (149), Vila Nova (128), Santa Tereza (104) e Petrópolis (97).

De forma geral, o mapa das ameaças em Porto Alegre evidencia que o fenômeno é profundamente influenciado pela dinâmica social e territorial: bairros extensos, populosos e com maior circulação apresentam mais registros. Esses padrões reforçam a importância de estratégias diferenciadas de prevenção, considerando o perfil de convivência, vulnerabilidades locais e intensidade das interações sociais em cada território.

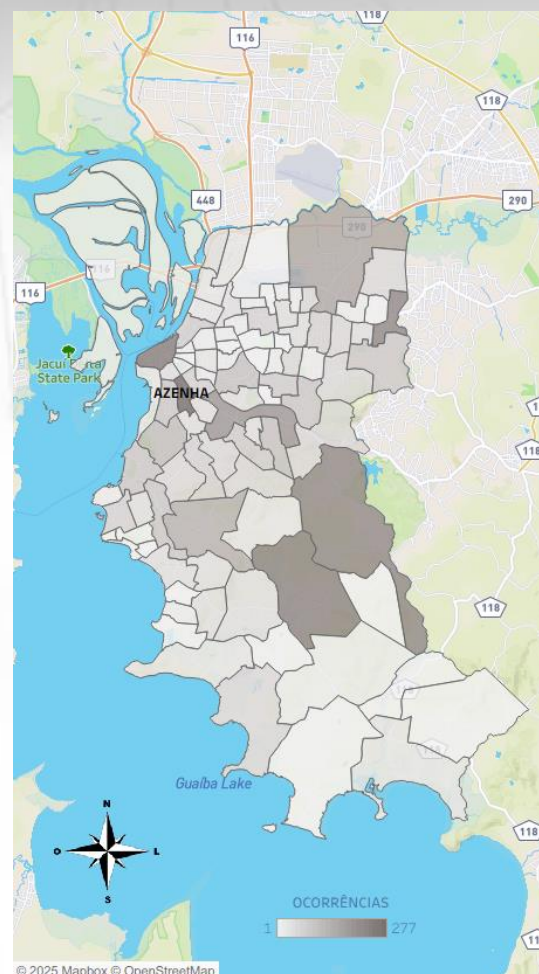
Destaca-se o grande número de registros Sem Identificação (354), que revela fragilidades e dificulta o planejamento territorial.

3. Furto simples:

Entre as vítimas idosas de furto simples, observa-se predominância feminina, com 63,9% das ocorrências, representando cerca de dois terços do total. Homens idosos totalizam 36,1% dos registros, indicando que mulheres idosas estão mais expostas a situações de furto simples.

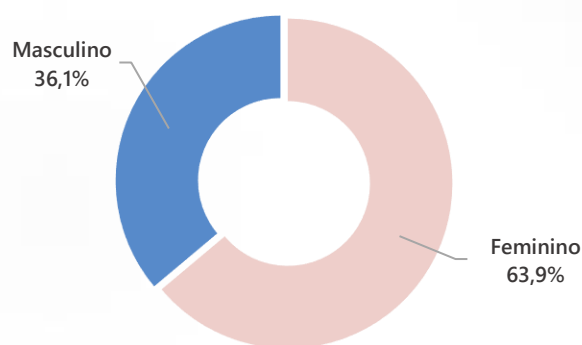
Esse padrão também pode refletir a maior representatividade feminina nas faixas etárias mais avançadas da população idosa.

Figura 115 – Ocorrências por bairro (2022-2024)



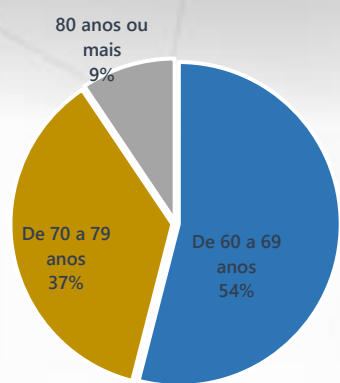
Fonte: SSP/RS

Figura 116 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

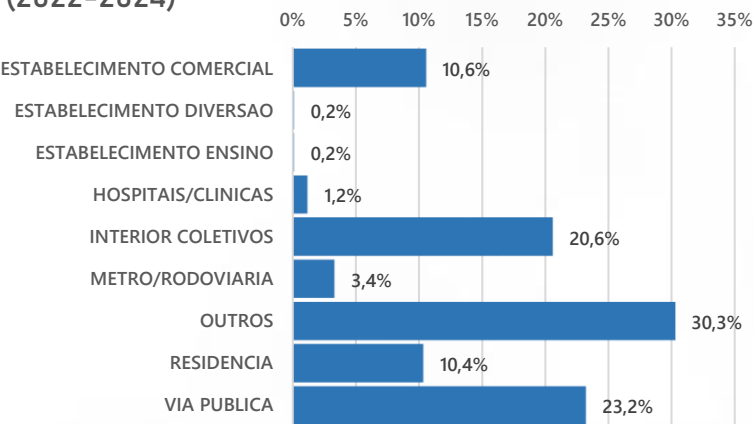
Figura 117 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

A análise da variável cor/raça mostra predominância de vítimas brancas (69%), seguida por pretas (7%) e pardas (2%). Há ainda 22% de casos sem informação, o que impõe limitações à leitura plena do recorte racial. Ainda assim, o padrão observado se alinha ao perfil demográfico da população idosa de Porto Alegre. A presença proporcionalmente maior de vítimas brancas pode refletir a composição populacional desse grupo etário, enquanto a subnotificação pode ocultar desigualdades raciais mais amplas.

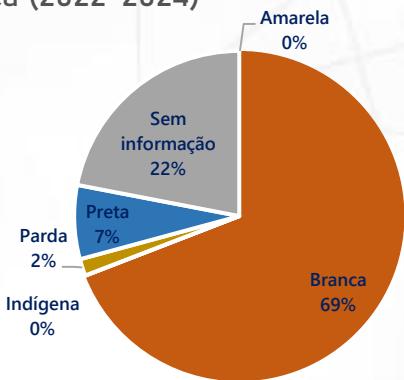
Figura 119 – Percentual de ocorrências por local (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

A maior concentração de vítimas está entre idosos de 60 a 69 anos (54%), seguidos por aqueles com 70 a 79 anos (37%). Já os idosos com 80 anos ou mais representam 9%. Esse perfil indica que, quanto maior o nível de mobilidade e autonomia (características mais presentes nos idosos mais jovens) maior é a exposição ao furto simples. As faixas mais ativas tendem a utilizar com maior frequência transporte coletivo, comércio e serviços, ambientes onde esse tipo de crime é mais recorrente.

Figura 118 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

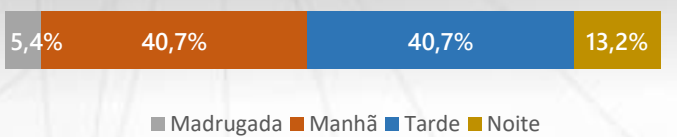
Os locais de ocorrências revelam maior risco em via pública (23,2%) e interior de coletivos (20,6%). Estabelecimentos comerciais (10,6%) e Residências (10,4%), também representam parcela relevante. Hospitais, rodoviárias, estabelecimentos de ensino e lazer apresentam incidência reduzida, reforçando que o furto simples está associado principalmente a deslocamentos urbanos e situações de rotina fora do ambiente doméstico.

No entanto, a categoria “Outros” (30%), que abrange espaços variados não especificados, tem o maior percentual significando que os registros podem ser refinados.

O furto simples apresenta maior ocorrência pela manhã (40,7%) e à tarde (40,7%), indicando que o crime se concentra em horários de rotina cotidiana. O período noturno responde por 13,2%, enquanto a madrugada registra apenas 5,4% dos casos. Esse padrão reforça o caráter desse crime, associado a horários de movimentação intensa e de maior concentração de pessoas em circulação.

Figura 120 – Percentual de ocorrências por turno (2022-2024)

Figura 121 – Ocorrências por mês e ano (2022-2024)



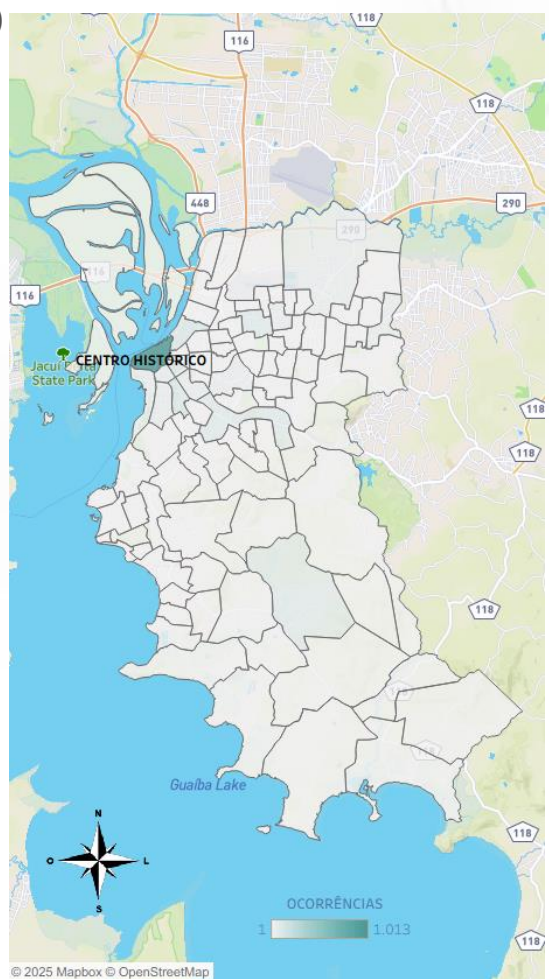
Fonte: SSP/RS

Os registros de furto simples apresentam um comportamento oscilante, mas com uma tendência geral de estabilidade. Em 2022, os meses mais críticos são setembro e dezembro. Já em 2023 o aumento é mais distribuído, com destaque para setembro, outubro, novembro e dezembro. Em 2024, porém, observa-se forte concentração no primeiro trimestre. No consolidado dos três anos, setembro se destaca como o mês de maior incidência.

A distribuição das ocorrências de furto simples em Porto Alegre revela um padrão concentrado em áreas de forte circulação urbana, comércio robusto e grande densidade populacional. O Centro Histórico, com 1.013 registros, destaca-se de forma isolada como o principal ponto de incidência, reflexo de sua intensa movimentação cotidiana, presença de trabalhadores, turistas, comércio diversificado e grande fluxo nos transportes coletivos. Na sequência, surgem bairros como Azenha (110), Floresta (105), Farroupilha (99), Passo da Areia (85), Partenon (80), Restinga (70), Santana (61), Petrópolis (60) e Sarandi (60). O grupo “Sem Identificação”, com 271 casos, representa uma parcela importante e sinaliza limitações na precisão territorial dos registros.

Figura 122 – Ocorrências por bairro (2022-2024)

No geral, o crime de furto simples em Porto Alegre está fortemente associado à dinâmica urbana: áreas centrais, comerciais e de grande circulação apresentam maior vulnerabilidade. Esse padrão reforça a necessidade de estratégias de prevenção territorializadas, com foco especial no Centro Histórico.

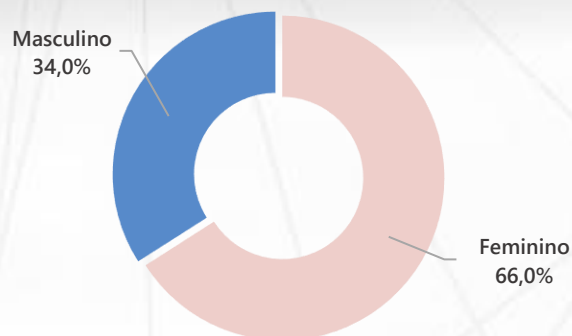


Fonte: SSP/RS

4. Furto celular:

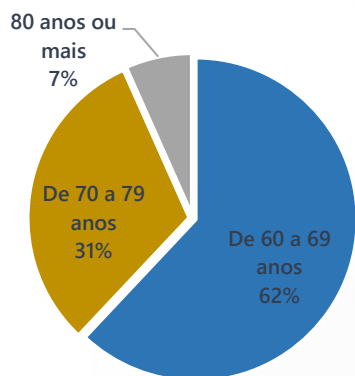
O furto de celular cujas vítimas são pessoas idosas apresenta predominância feminina com 66% enquanto os homens apresentam percentual de 34%. Esse padrão acompanha o perfil demográfico da população idosa de Porto Alegre e também reflete a maior presença das mulheres em ambientes de circulação diária como comércio, transporte coletivo e serviços onde o crime é mais recorrente. O dado também sugere que idosas podem estar mais expostas a situações de distração ou vulnerabilidade momentânea, o que facilita abordagens oportunistas.

Figura 123 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 124 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2022-2024)

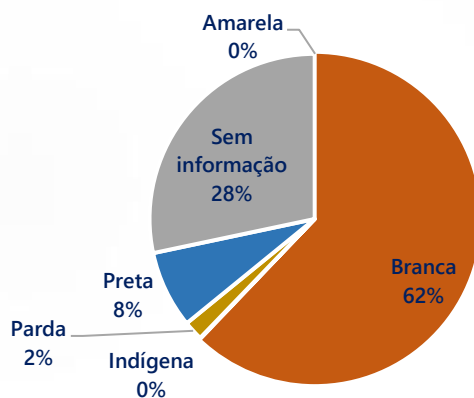


Fonte: SSP/RS

A faixa etária mais vitimada é a de 60 a 69 anos, com 62% de ocorrências seguida por idosos de 70 a 79 anos com 31% e 80 anos ou mais com 7%. A concentração nas faixas mais jovens demonstra uma relação direta entre mobilidade, uso de aparelhos celulares e exposição ao risco: quanto mais ativos e presentes em deslocamentos urbanos, maior a vulnerabilidade a esse tipo de crime, que ocorre predominantemente em situações de trânsito, transporte e em espaços públicos.

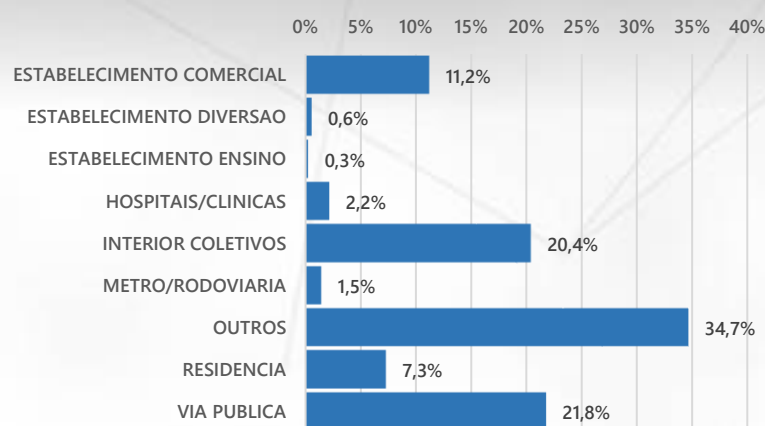
Entre as vítimas cuja cor/raça foi registrada, observa-se predominância de pessoas brancas (62%), seguidas por pretas (8%) e pardas (2%). Entretanto, o volume expressivo de 28% de ocorrências sem informação limita uma leitura mais precisa sobre possíveis desigualdades raciais. Ainda assim, o padrão acompanha a composição racial da população idosa da cidade, indicando maior vitimização entre idosos brancos, embora seja necessário considerar o impacto da subnotificação no entendimento das dinâmicas raciais.

Figura 125 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 126 – Percentual de ocorrências por local (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

O furto de celular ocorre majoritariamente à tarde (45,5%) e pela manhã (36,5%), evidenciando que esse tipo de crime está diretamente associado à circulação durante o dia. À noite, 15,6% das ocorrências são registradas, e a madrugada representa apenas 2,5%, reforçando incidência em horários de rotina, deslocamentos e uso do celular em locais de alta movimentação.

Os locais de maior incidência revelam que o furto de celular afeta especialmente idosos em ambientes de circulação intensa. A categoria “Outros” (34,7%) concentra grande parte dos casos, representando locais diversos e não especificados. A via pública (21,8%) e o interior de coletivos (20,4%) aparecem como espaços críticos, confirmando a vulnerabilidade dos idosos em deslocamentos e áreas abertas. Estabelecimentos comerciais também têm peso relevante (11,2%), seguidos por residências (7,3%), hospitais/clínicas (2,2%) e metro/rodoviária (1,5%).

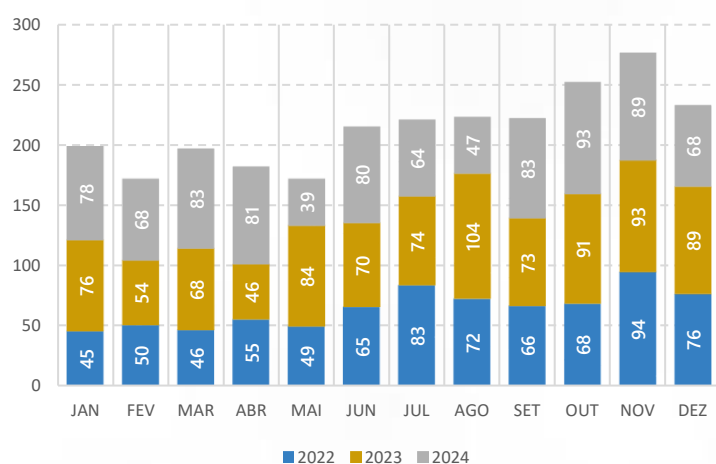
Figura 127 – Percentual de ocorrências por turno (2022-2024)



■ Madrugada ■ Manhã ■ Tarde ■ Noite

Fonte: SSP/RS

Figura 128 – Ocorrências por mês e ano (2022-2024)



■ 2022 ■ 2023 ■ 2024

Fonte: SSP/RS

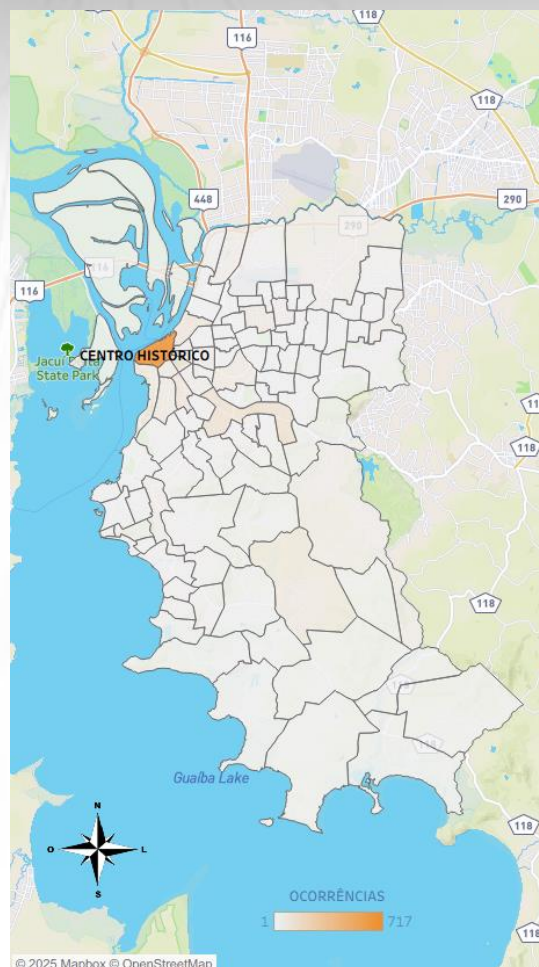
Os furtos de celular apresentam um padrão de crescimento entre 2022 e 2023, seguido por uma discreta redução em 2024, mas ainda mantendo o indicador em nível elevado. Em 2022 o mês de novembro teve o maior pico, em 2023 o pico foi no mês de agosto e em 2024 foi em outubro.

No consolidado dos três anos, nota-se maior incidência nos meses de novembro e outubro, seguidos de dezembro, agosto, setembro e julho sugerindo que o segundo semestre dos anos amplia a oportunidade para esse tipo de crime.

A análise das ocorrências de furto de telefone celular em Porto Alegre evidencia uma forte concentração em áreas centrais e de grande circulação, onde o fluxo intenso de pessoas e a presença de comércio, bares, transporte coletivo e atividades noturnas ampliam a vulnerabilidade a esse tipo de crime. O Centro Histórico, com 717 registros, aparece de forma absolutamente destacada como o principal ponto de incidência, refletindo sua dinâmica urbana densa, circulação constante e a existência de múltiplos espaços públicos de alta rotatividade. Outros bairros com grande concentração incluem Partenon (110), Azenha (95), Farroupilha (79), Floresta (73), Praia de Belas (63), Restinga (61), Cidade Baixa (60), Menino Deus (57) e Passo da Areia (51). O grupo Sem Identificação, com 161 registros, representa uma parcela relevante e aponta limitações no detalhamento territorial dos boletins.

No conjunto, os dados mostram que o furto de celular em Porto Alegre está diretamente ligado à intensidade da vida urbana, ao fluxo de pessoas e ao tecido comercial local.

Figura 129 – Ocorrências por bairro (2022-2024)

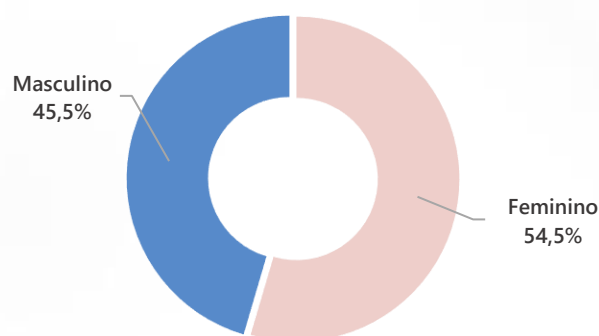


Fonte: SSP/RS

5. Furto qualificado:

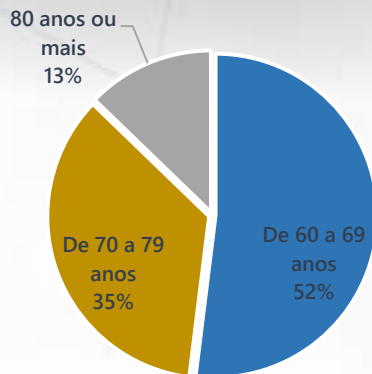
O furto qualificado contra idosos apresenta maior vitimização feminina com 54,5% das ocorrências, enquanto os homens totalizam 45,5% dos registros. Embora a diferença entre os sexos não seja tão acentuada quanto em outros crimes, ainda assim as mulheres idosas permanecem como o grupo mais atingido. Esse padrão pode refletir tantos fatores demográficos quanto aspectos relacionados à exposição cotidiana em atividades como compras, deslocamentos e uso de serviços, que ampliam a vulnerabilidade a abordagens qualificadas, caracterizadas por maior destreza ou circunstâncias agravantes.

Figura 130 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 131 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2022-2024)

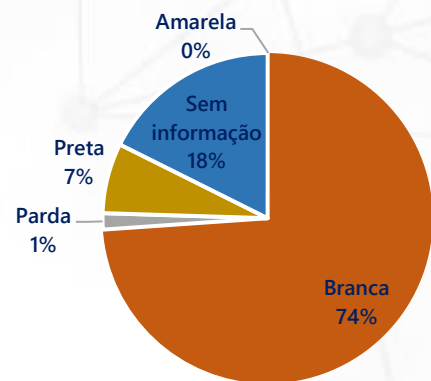


Fonte: SSP/RS

Entre as vítimas com cor/raça registrada, observa-se predominância de pessoas brancas (74%), seguidas por pretas (7%) e pardas (1%), com registros pontuais de vítimas amarelas (3). Há ainda 18% de ocorrências sem informação, o que limita análises mais aprofundadas sobre desigualdade racial. O padrão observado acompanha a demografia da população idosa da cidade, mas a subnotificação reforça a necessidade de aprimoramento dos registros para permitir leituras mais completas sobre possíveis desigualdades no risco de vitimização.

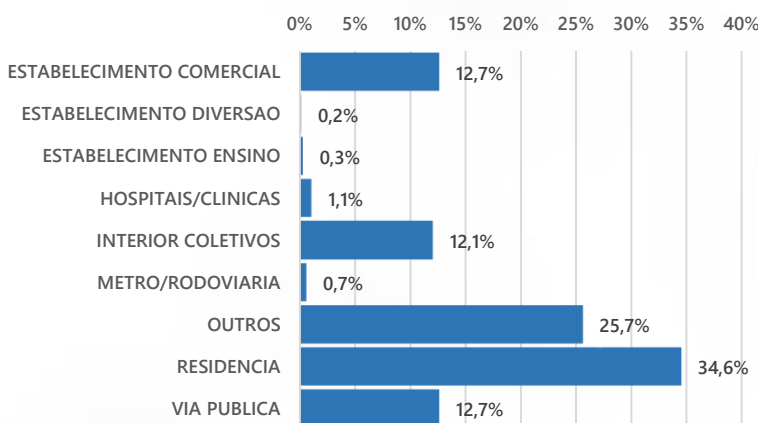
A maioria das vítimas está na faixa de 60 a 69 anos (52%), seguida pelos idosos de 70 a 79 anos (35%) e, por fim, por aqueles com 80 anos ou mais (13%). Esse perfil representa um padrão consistente com outros crimes patrimoniais: idosos mais jovens, por apresentarem maior mobilidade e presença em espaços públicos e comerciais, tornam-se mais expostos a situações de risco. Já os idosos mais longevos, embora ainda vitimados, tendem a circular menos, o que reduz a exposição, mas não elimina a vulnerabilidade.

Figura 132 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 133 – Percentual de ocorrências por local (2022-2024)

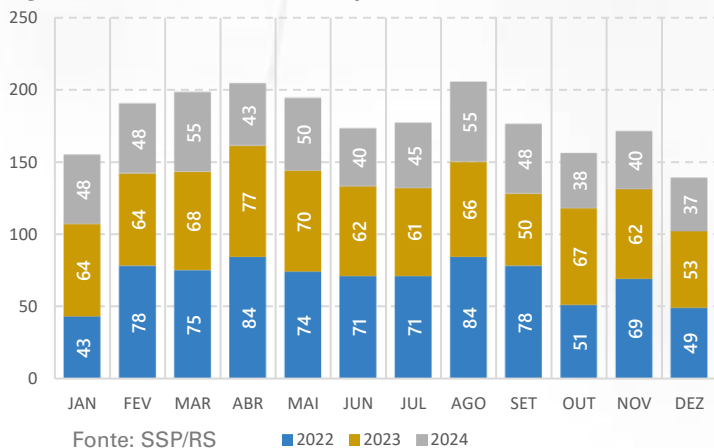


Fonte: SSP/RS

Diferentemente dos furtos simples e de celular, o furto qualificado apresenta forte incidência na residência (34,6%), indicando que grande parte dos casos envolve invasão domiciliar, arrombamento ou violação de espaços privados. Em seguida, aparece a categoria “Outros” (25,7%), que inclui locais não especificados ou de difícil categorização. Já ambientes como estabelecimentos comerciais (12,7%), via pública (12,7%) e interior de coletivos (12,1%) também aparecem como relevantes, demonstrando que o furto qualificado não se restringe ao ambiente doméstico e pode ocorrer em diferentes cenários urbanos.

O furto qualificado ocorre principalmente pela manhã (37%) e à tarde (30,4%), períodos de maior circulação urbana. A incidência também é significativa durante a madrugada (16,6%) e à noite (16%), indicando que esse crime pode ocorrer tanto em horários convencionais quanto em momentos de menor fluxo.

Figura 135 – Ocorrências por mês e ano (2022-2024)

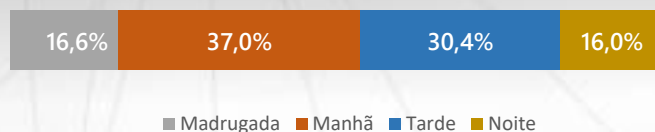


A análise das ocorrências de furto qualificado em Porto Alegre revela um padrão territorial semelhante ao observado nos outros tipos de furto, porém com maior ênfase em regiões com forte presença comercial, circulação intensa e grande concentração de prédios residenciais e estabelecimentos. O Centro Histórico, com 298 registros, mantém-se como o principal ponto de ocorrência. Outros polos importantes incluem Floresta (103), Restinga (85), Menino Deus (77), Partenon (71), Petrópolis (64), Azenha (54), Santana (53), Rubem Berta (51) e Sarandi (49).

O grupo Sem Identificação, com 119 casos, reforça mais uma vez a subnotificação territorial e limita a análise espacial completa.

No conjunto, os dados mostram que o furto qualificado em Porto Alegre se concentra em regiões que combinam densidade demográfica, diversidade de atividades econômicas e maior presença de imóveis e estabelecimentos suscetíveis a invasões.

Figura 134 – Percentual de ocorrências por turno (2022-2024)

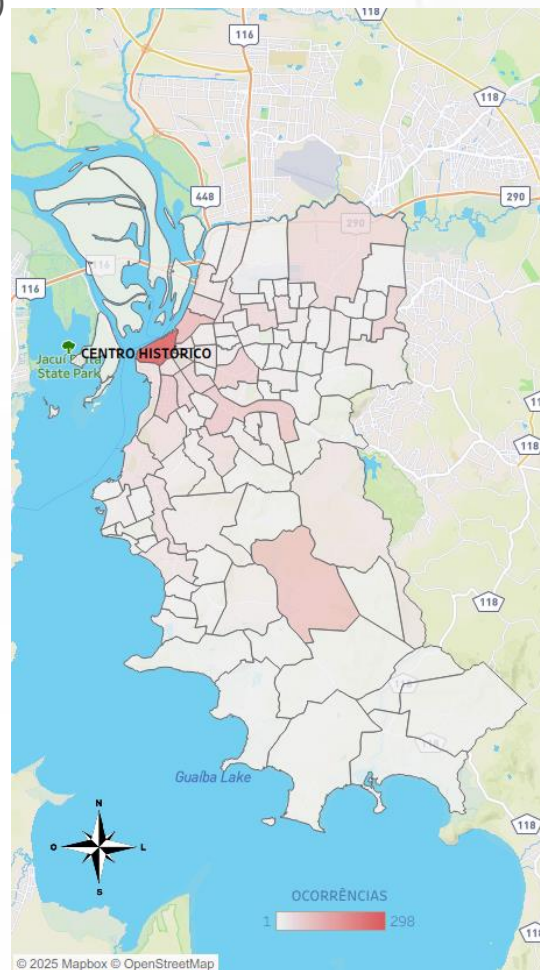


Os furtos qualificados apresentam uma trajetória de redução contínua ao longo dos três anos chegando diminuição acumulada de aproximadamente 34%.

Em 2022, observa-se forte concentração nos meses de abril e agosto. Em 2023, em abril e maio. Já em 2024, as maiores ocorrências foram em março e agosto.

No consolidado do triênio, os meses com maior incidência foram agosto e abril.

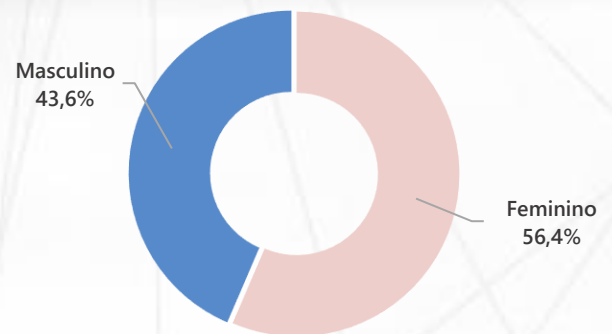
Figura 136 – Ocorrências por bairro (2022-2024)



6. Roubo a pedestre:

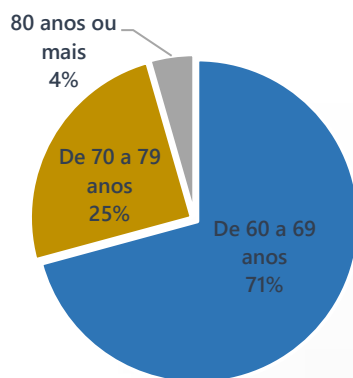
Entre as vítimas idosas de roubo a pedestre, observa-se predominância feminina, com 56,4% das ocorrências, enquanto homens totalizam 43,6%. Embora ambos os sexos estejam significativamente expostos, as mulheres representam a maioria, o que pode estar associado tanto à composição demográfica da população idosa quanto à percepção de maior vulnerabilidade por parte dos autores do crime. Além disso, mulheres idosas tendem a realizar mais deslocamentos diários relacionados a cuidados, compras e serviços, o que aumenta sua exposição em espaços públicos onde o roubo a pedestre ocorre de forma mais frequente e oportunista.

Figura 137 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 138 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2022-2024)



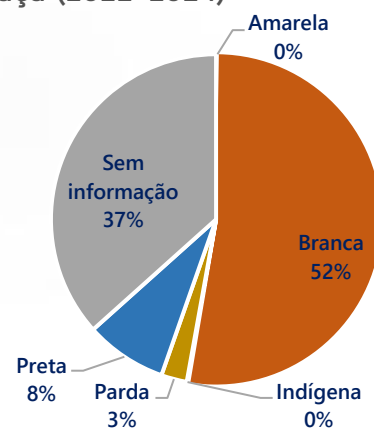
Fonte: SSP/RS

totalmente a vitimização entre grupos mais longevos.

A maior parte das vítimas registradas é branca (52%), seguida por pretas (8%) e pardas (3%). No entanto, os casos sem informação (37%) demonstram subnotificação relevante, o que limita conclusões precisas sobre desigualdades raciais. Ainda assim, os dados disponíveis refletem a composição racial da população idosa de Porto Alegre, embora seja importante considerar que populações negras podem estar mais expostas a determinados territórios de risco, ainda que isso não esteja plenamente captado pelo registro.

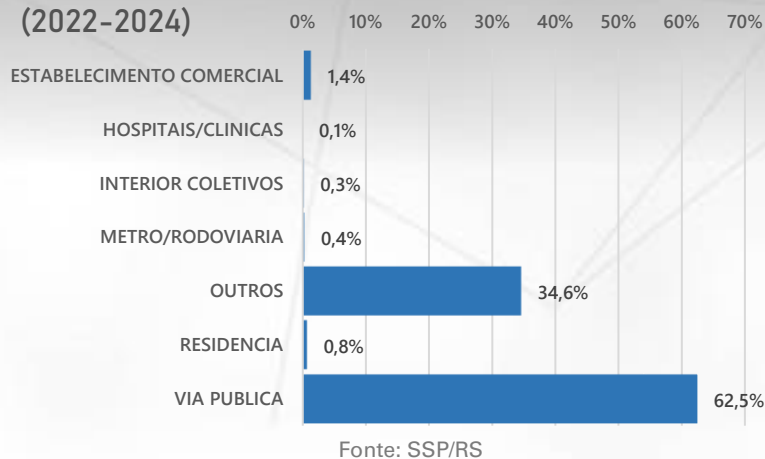
A faixa etária de 60 a 69 anos concentra a maior parte das vítimas com 71%, seguida pelos idosos de 70 a 79 anos com 25% e pelos com 80 anos ou mais com 4%. O predomínio entre os idosos mais jovens reforça que aqueles com maior mobilidade e presença na rotina urbana estão mais expostos ao roubo, crime que depende de circulação, deslocamentos a pé e uso frequente de espaços abertos. A queda expressiva nas faixas mais avançadas de idade sugere menor exposição decorrente da redução natural da mobilidade, mas não elimina

Figura 139 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 140 – Percentual de ocorrências por local (2022-2024)



O local de ocorrência reforça a natureza típica do roubo a pedestre: 62,5% dos casos ocorrem na via pública, tornando o espaço urbano aberto o principal cenário de vitimização. A categoria “Outros” (34,6%) representa locais variados e não detalhados que não se enquadram em categorias padronizadas. A presença em estabelecimentos comerciais (1,4%), residências (0,8%), transporte coletivo, hospitais e metrô é residual, indicando que

esse crime ocorre majoritariamente em deslocamentos a pé, muitas vezes envolvendo abordagens rápidas, surpresa e vulnerabilidade momentânea do idoso no espaço urbano.

O roubo a pedestre contra idosos apresenta distribuição mais equilibrada entre turnos quando comparado a outros crimes patrimoniais. As ocorrências se concentram à tarde (33,8%) e à noite (32,2%). A manhã registra 28,4% dos casos, indicando que o risco também está presente em atividades rotineiras como deslocamentos a serviços e comércio. A madrugada, com 5,7%, aparece com menor incidência.

Figura 141 – Percentual de ocorrências por turno (2022-2024)

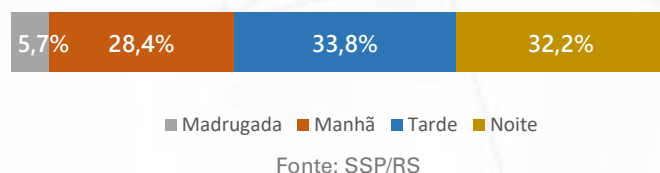
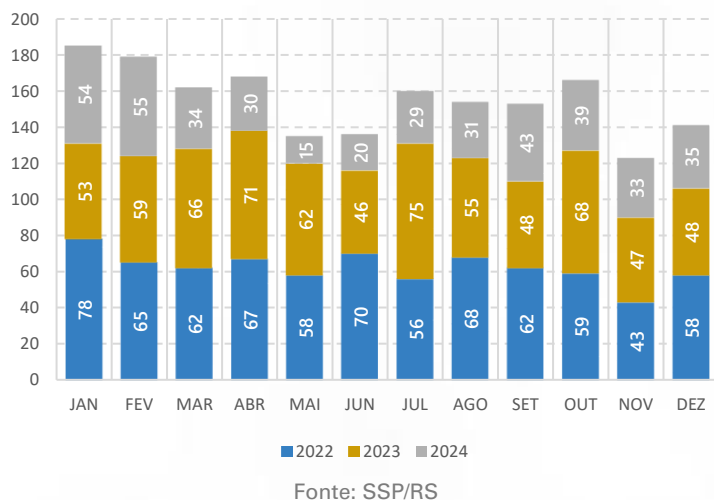


Figura 142 – Ocorrências por mês e ano (2022-2024)



Os registros de roubo a pedestre apresentam uma queda consistente e acentuada ao longo do período analisado configurando uma diminuição acumulada de aproximadamente 44%. Em 2022, houve um pico em janeiro e junho, em 2023 em julho e abril e em 2024 em fevereiro e janeiro. No consolidado, os meses com maiores registros são janeiro e fevereiro. A tendência de queda é significativa e aponta para avanços relevantes no enfrentamento desse crime, ainda que sua persistência exija manutenção das estratégias de vigilância e prevenção.

A análise das ocorrências de roubo a pedestre em Porto Alegre revela um padrão muito claro: o crime se concentra em áreas de alta circulação, intensa atividade comercial e fluxo contínuo de pessoas, especialmente nos eixos centrais e nas regiões com grande densidade habitacional. O Centro Histórico, com 350 registros, destaca-se como o principal território de vitimização, refletindo sua dinâmica urbana intensa, presença de transporte coletivo, comércio variado, concentração de serviços e grande circulação de pedestres ao longo de todo o dia. Em seguida, aparecem bairros como Partenon (85), Rubem Berta (85), Sarandi (71), Passo da Areia (49), Floresta (46), Petrópolis (43), Azenha (41), Cidade Baixa (34), Restinga (31) e Menino Deus (30).

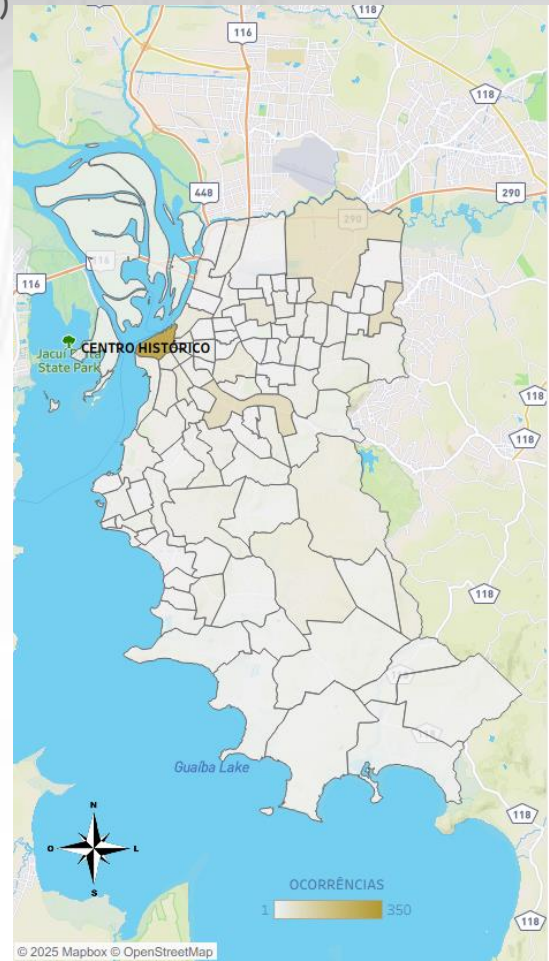
O grupo Sem Identificação, com 133 registros, reforça a existência de limitações no detalhamento territorial dos boletins.

No conjunto, os dados indicam que o roubo a pedestre está profundamente ligado ao fluxo de pessoas, à presença de comércio e transporte público e a zonas com grande densidade habitacional.

7. Furto de documento:

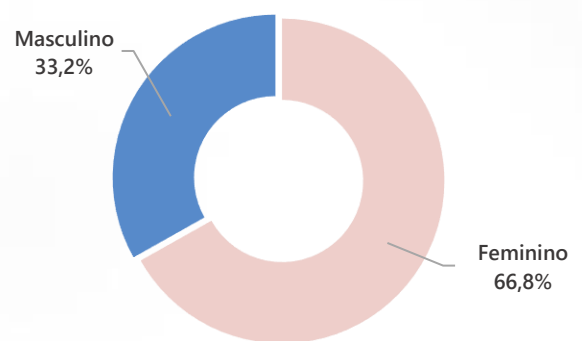
O furto de documento atinge majoritariamente mulheres idosas, que representam 66,8% das ocorrências, enquanto 33,2% dos registros referem-se a homens. Assim como em outros crimes patrimoniais, a maior vitimização feminina pode refletir tanto a composição demográfica da população idosa quanto uma maior frequência de circulação das mulheres em atividades cotidianas, como compras, transporte público e serviços, contextos que ampliam a exposição ao risco de perda, subtração ou descuido induzido por terceiros. O padrão reforça que idosas estão mais vulneráveis a esse tipo de crime, muitas vezes associado a abordagens rápidas e situações de distração

Figura 143 – Ocorrências por bairro (2022-2024)



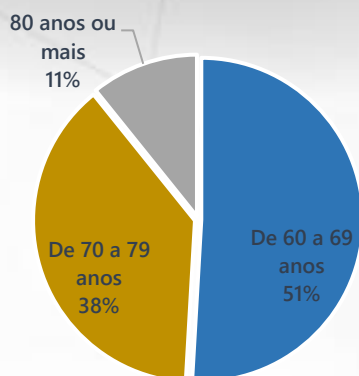
Fonte: SSP/RS

Figura 144 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 145 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2022-2024)

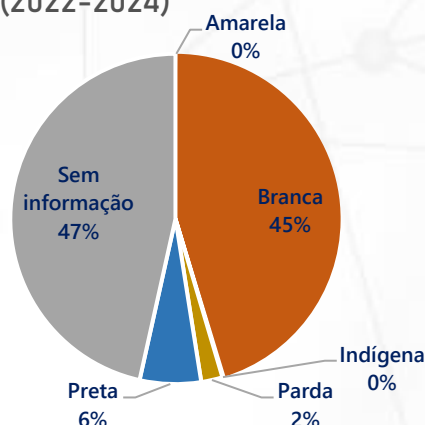


Fonte: SSP/RS

O recorte racial mostra predominância de vítimas brancas (45%), seguidas por pretas (6%) e pardas (2%). Contudo, há 47% dos registros sem informação, representando quase metade dos dados, o que prejudica análises conclusivas sobre disparidades raciais. Mesmo com as limitações, a distribuição acompanha, em parte, o perfil demográfico da população idosa de Porto Alegre, mas a subnotificação reforça a importância de melhorar o registro desse campo, dado seu impacto na compreensão de vulnerabilidades sociais.

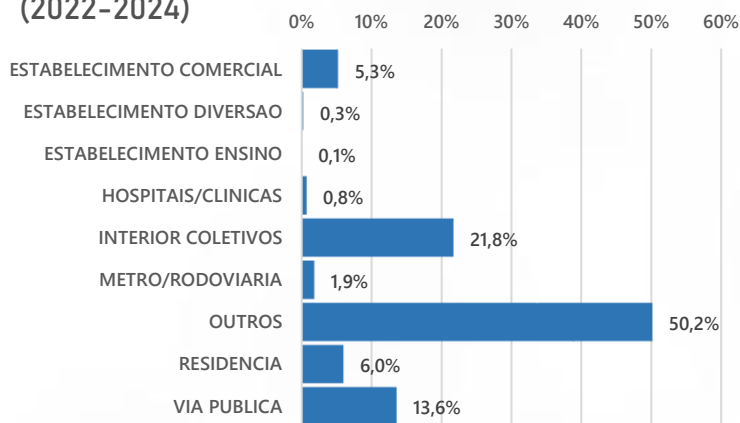
A maior parte das vítimas encontra-se na faixa de 60 a 69 anos (51%), seguida pelos idosos de 70 a 79 anos (38%) e por aqueles com 80 anos ou mais (11%). Esse predomínio dos mais jovens dentro do grupo idoso é consistente com o comportamento observado nos demais tipos de furto, evidenciando que quanto maior a mobilidade e a participação em atividades fora do domicílio, maior o risco de subtrações de documentos.

Figura 146 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 147 – Percentual de ocorrências por local (2022-2024)



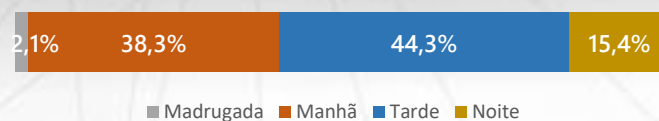
Fonte: SSP/RS

Os locais de ocorrência mostram forte concentração na categoria “Outros” (50,2%), que engloba ambientes variados e não especificados. O interior de coletivos (21,8%) aparece como segundo local mais frequente. A via pública (13,6%) também representa parcela significativa dos casos. Já residências (6%), estabelecimentos comerciais (5,3%), e metro ou rodoviária (1,9%) apresentam incidência menor, indicando que o crime se concentra principalmente em situações de circulação e fluxo urbano.

VIOLÊNCIAS CONTRA PESSOAS IDOSAS

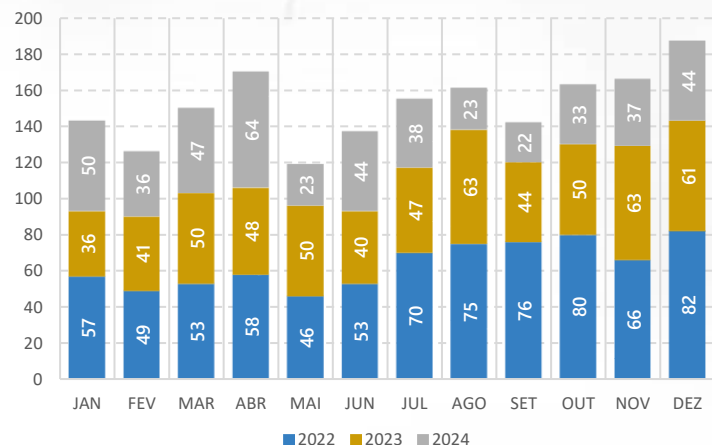
A análise por turno mostra que o crime ocorre majoritariamente à tarde (44,3%) e pela manhã (38,3%), períodos de maior circulação de idosos na cidade. A noite (15,4%) e a madrugada (2,1%) registram menos ocorrências, o que reforça o caráter diurno e associado a rotinas cotidianas desse tipo de crime.

Figura 148 – Percentual de ocorrências por turno (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 149 – Ocorrências por mês e ano (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

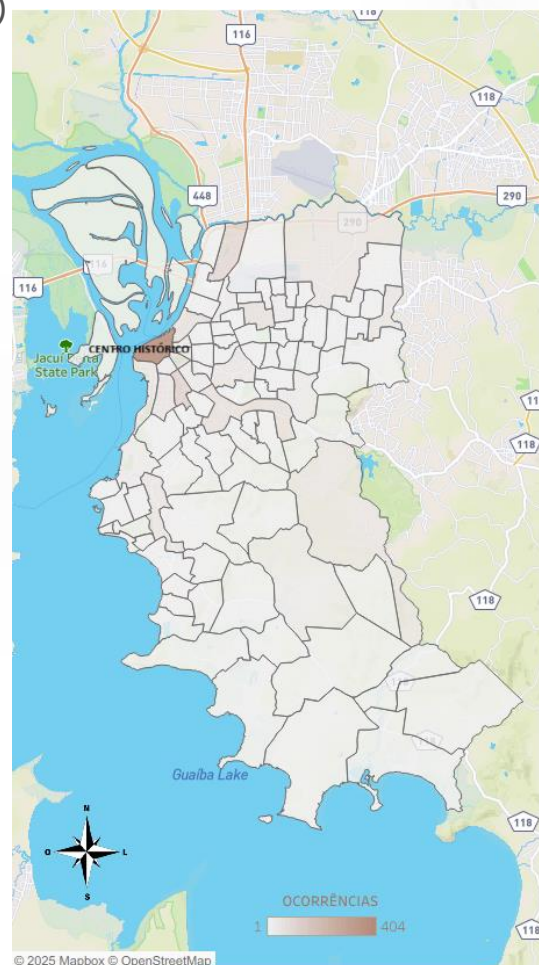
A análise das ocorrências de furto de documento em Porto Alegre revela um padrão territorial fortemente associado às áreas de maior circulação de pessoas, grande presença de comércio, serviços e transporte coletivo. O Centro Histórico, com 404 registros, aparece como o principal ponto de vitimização, refletindo sua intensa dinâmica urbana e a alta probabilidade de perda, subtração oportunista ou furtos relacionados a carteiras e bolsas. Outros bairros com expressiva concentração incluem Azenha (107), Humaitá (91), Passo da Areia (62), Floresta (60), Partenon (60), Farroupilha (55), Sarandi (47), Menino Deus (41), e Cavallhada (40).

O grupo Sem Identificação, com 103 registros, reforça limitações recorrentes no registro territorial e reduz a precisão da análise espacial completa.

No conjunto, os dados indicam que o furto de documento está profundamente ligado à intensidade da vida urbana, aos corredores de circulação e à presença de atividades comerciais e institucionais.

Os registros de furto de documento apresentam uma trajetória de queda contínua e expressiva representando uma redução acumulada superior a 39%. Em 2022, o mês mais crítico foi outubro. Em 2023, agosto e novembro tiveram mais ocorrências. Em 2024, a maior ocorrência foi em abril. No consolidado dos três anos, dezembro e abril foram os meses de maior incidência.

Figura 150 – Ocorrências por bairro (2022-2024)

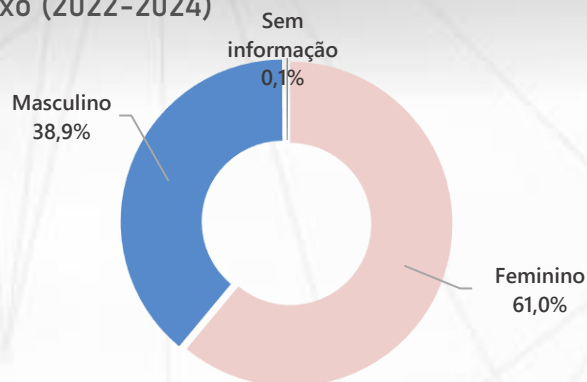


Fonte: SSP/RS

8. Perturbação do trabalho e/ou sossego alheio:

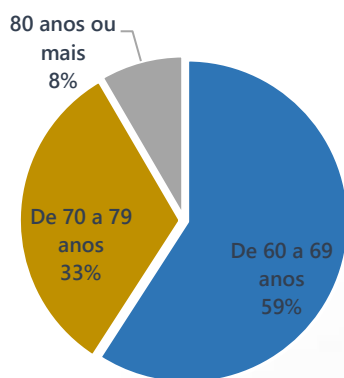
A perturbação do trabalho ou do sossego atinge, majoritariamente, mulheres idosas com 61% de ocorrências, enquanto os homens representam 38,9% dos registros e os casos sem informação 0,1%. Essa predominância feminina pode refletir a composição demográfica da população idosa e também a maior permanência das mulheres no ambiente doméstico, onde esse tipo de conflito costuma ocorrer com mais frequência.

Figura 151 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 152 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2022-2024)

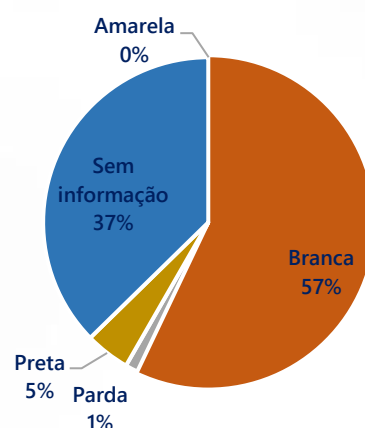


Fonte: SSP/RS

A maior parte das vítimas está na faixa de 60 a 69 anos (59%), seguida pelos idosos de 70 a 79 anos (33%) e por aqueles com 80 anos ou mais (8%). O predomínio entre os idosos mais jovens indica que aqueles mais ativos estão mais expostos a situações de conflito. Embora os idosos de 80 anos ou mais apresentem menor número de registros, a presença deles evidencia que o crime é transversal a todas as faixas de idades avançadas.

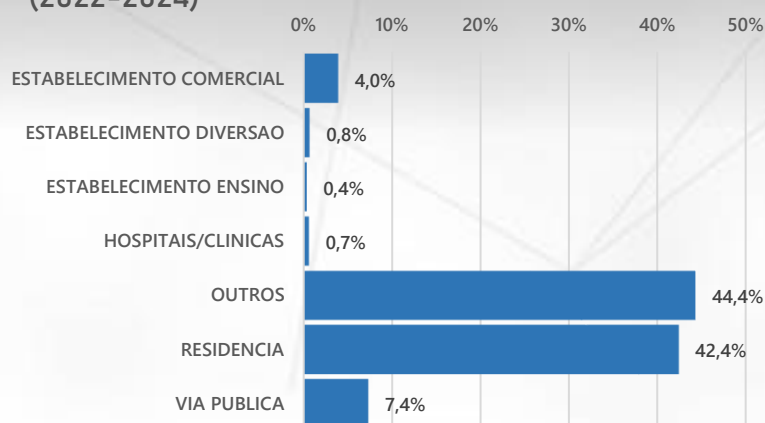
Entre os casos com informação registrada, observa-se predominância de vítimas brancas (57%), seguidas por pretas (5%) e pardas (1%). Há um volume expressivo de registros sem informação (37%), que limita análises mais robustas sobre possíveis desigualdades raciais. Ainda assim, a distribuição acompanha parcialmente o perfil demográfico da população idosa de Porto Alegre. A alta subnotificação do campo cor/raça reforça a necessidade de qualificação desse registro para análises mais aprofundadas das desigualdades na vivência de incômodos ambientais e conflitos de convivência.

Figura 153 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 154 – Percentual de ocorrências por local (2022-2024)



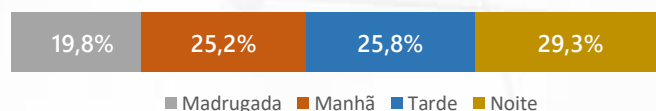
Fonte: SSP/RS

Os dados demonstram que a grande maioria das ocorrências ocorre na categoria “Outros” (44,4%), que engloba ambientes variados e não especificados, seguido por residências (42,4%), via pública (7,4%) e estabelecimentos comerciais (4%). Espaços de diversão (0,8%), hospitais (0,7%) e escolas (0,4%) têm baixo impacto.

O padrão confirma que a perturbação do trabalho e/ou sossego alheio é, sobretudo, uma violência que emerge da convivência cotidiana.

Os dados mostram que há maior incidência do crime à noite (29,3%) e uma distribuição relativamente equilibrada entre os períodos do dia: tarde com 25,8% e manhã com 25,2%. Embora o turno da madrugada tenha um percentual menor (19,8%), as ocorrências são bem maiores que outros tipos de crimes.

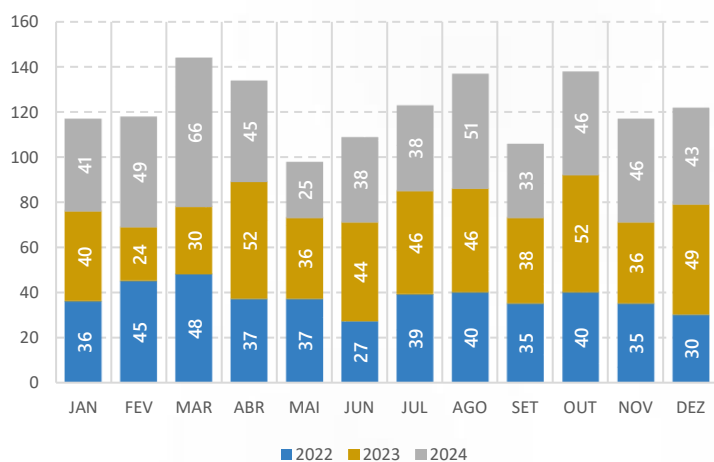
Figura 155 – Percentual de ocorrências por turno (2022-2024)



■ Madrugada ■ Manhã ■ Tarde ■ Noite

Fonte: SSP/RS

Figura 156 – Ocorrências por mês e ano (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

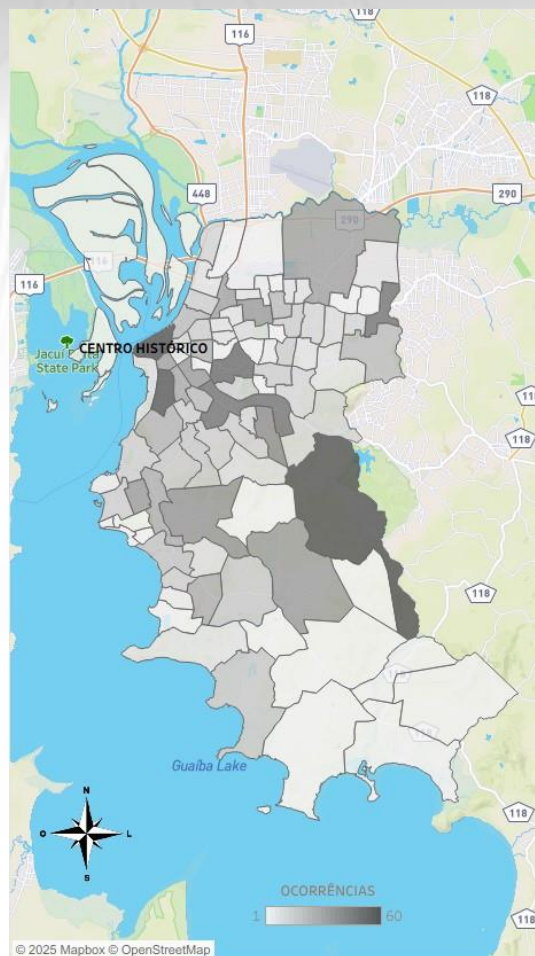
As ocorrências de perturbação do trabalho ou do sossego apresentam um crescimento progressivo ao longo do período analisado representando um aumento acumulado em torno de 16%. Em 2022, os meses mais intensos foram março e fevereiro. Já em 2023 observa-se picos expressivos em abril e outubro. Em 2024 março é o maior valor da série. No consolidado dos três anos, março, outubro, agosto e abril se destacam como meses mais críticos.

Figura 157 – Ocorrências por bairro (2022-2024)

A análise das ocorrências de perturbação do trabalho ou do sossego alheios em Porto Alegre mostra um padrão territorial ligado principalmente à densidade habitacional, à convivência comunitária intensa e a áreas com uso residencial misto, onde conflitos de vizinhança são mais frequentes. O Centro Histórico, com 60 registros, aparece como uma das áreas de maior incidência, seguido por Lomba do Pinheiro (59), Menino Deus (56), Petrópolis (49), Rubem Berta (48), Partenon (46), Vila São José (38), Vila Nova (35), Passo da Areia (34), Camaquã (33) e Restinga (33).

O grupo Sem Identificação, com 121 ocorrências, também é expressivo e indica fragilidades nos registros.

No conjunto, os dados mostram que a perturbação do sossego está diretamente relacionada à densidade demográfica, à proximidade física entre vizinhos e à vivência comunitária intensa.

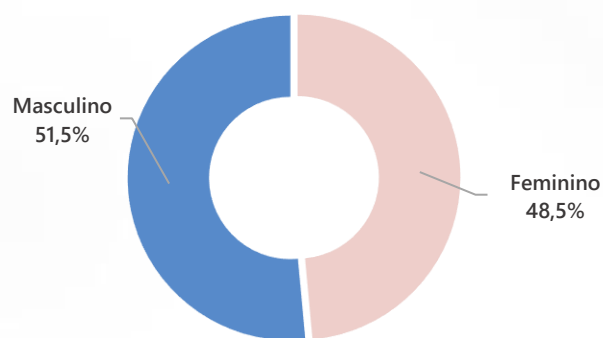


Fonte: SSP/RS

9. Lesão corporal:

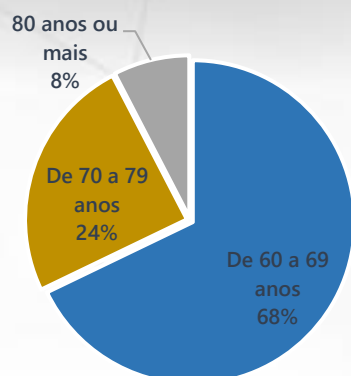
No crime de lesão corporal contra idosos, observa-se uma distribuição relativamente equilibrada entre os sexos: 51,5% vítimas são homens e 48,5% são mulheres. A maior participação de homens pode refletir maior exposição a conflitos interpessoais, brigas, desentendimentos em espaços públicos ou domésticos, além de padrões culturais que ainda associam homens (inclusive idosos) a maior presença em situações de enfrentamento ou risco físico.

Figura 158 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

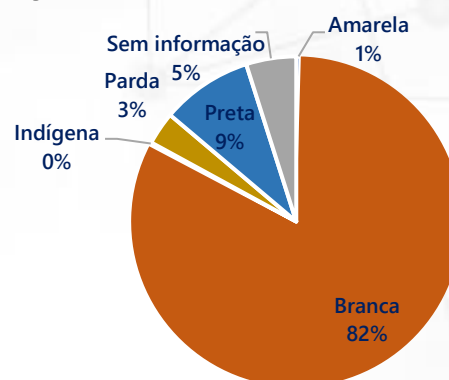
Figura 159 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

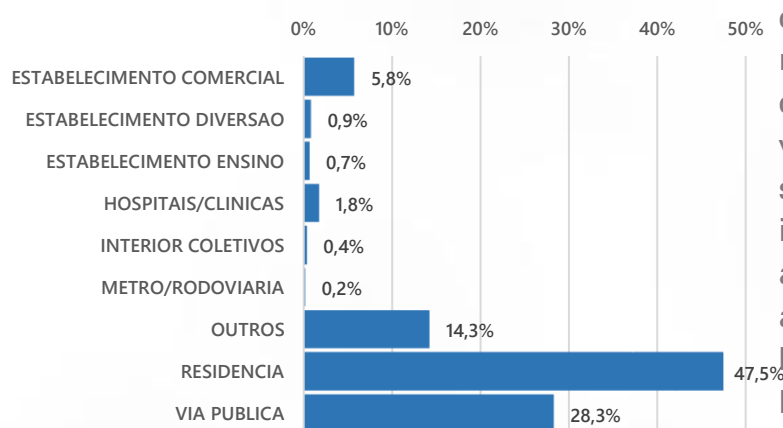
Há predominância de vítimas brancas (82%), seguidas por pretas (9%) e pardas (3%), com poucos casos envolvendo pessoas amarelas (1%). Apenas 5% dos registros estão sem informação. Essa distribuição acompanha a composição da população idosa de Porto Alegre, mas também aponta para a necessidade de qualificação dos registros para melhor compreender possíveis desigualdades raciais.

Figura 160 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)



Fonte: SSP/RS

Figura 161 – Percentual de ocorrências por local (2022-2024)

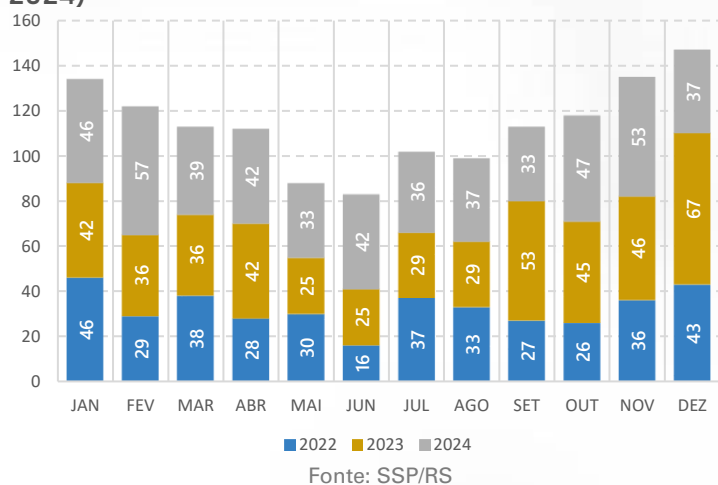


Fonte: SSP/RS

O local de ocorrência revela um dado crítico: 47,5% das lesões corporais ocorrem na residência, evidenciando fortemente o caráter doméstico e familiar desse tipo de violência. A via pública aparece em segundo lugar (28,3%), indicando que idosos também são agredidos em espaços abertos. A categoria “Outros” (14,3%) abrange espaços não especificados. Estabelecimentos comerciais (5,8%) e hospitais (1,8%) têm menor participação, enquanto ambientes de diversão, ensino, transporte coletivo e rodoviária representam incidências residuais.

As lesões corporais se concentram à tarde (37,1%) e à noite (32,2%), períodos marcados por maior circulação e convivência. Pela manhã, observam-se 22,5% das ocorrências, enquanto a madrugada representa 8,2%. O padrão demonstra que a lesão corporal é um crime presente ao longo de todo o dia, mas especialmente forte no período vespertino e noturno.

Figura 163 – Ocorrências por mês e ano (2022-2024)

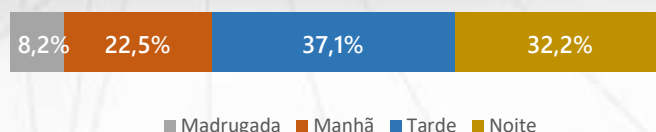


A análise das ocorrências de lesão corporal em Porto Alegre revela um padrão territorial associado principalmente a dinâmicas de convivência, conflitos interpessoais, densidade populacional e contextos socioeconômicos diversos. O Centro Histórico, com 89 casos, aparece como um dos principais pontos de incidência seguido por Restinga (68), Partenon (56), Lomba do Pinheiro (51), Rubem Berta (49), Sarandi (39), Cristal (32), Vila São José (31), Floresta (30) e Santa Tereza (30).

O grupo Sem Identificação, com 112 registros, representa parcela considerável e limita um mapeamento territorial mais preciso.

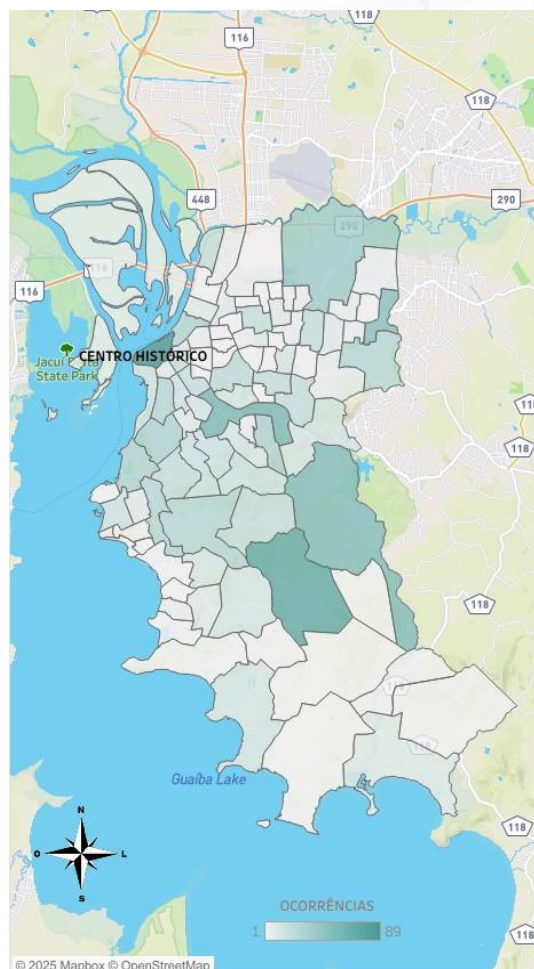
De modo geral, o padrão espacial da lesão corporal indica que o crime emerge sobretudo de relações sociais próximas — familiares, vizinhos, parceiros — e não apenas da circulação urbana.

Figura 162 – Percentual de ocorrências por turno (2022-2024)



Os registros de lesão corporal mostram um aumento acumulado superior a 29. Em 2022, meses como janeiro e dezembro se destacam. Já em 2023, há mais picos distribuídos ao longo do ano, especialmente em dezembro e setembro. Em 2024, a elevação se consolida, com fevereiro e novembro entre os maiores registros. No consolidado, dezembro, novembro e janeiro aparecem como os meses mais críticos, sinalizando risco ampliado na transição para o final do ano, período associado a aumento da convivência social e eventos festivos.

Figura 164 – Ocorrências por bairro (2022-2024)



10. Injúria:

Entre as vítimas idosas de injúria, observa-se forte predominância feminina com 72,8% enquanto vítimas masculinas ficam com 27,2%. Esse padrão reforça que as mulheres idosas estão mais expostas a violências de natureza moral e psicológica, muitas vezes associadas ao ambiente doméstico, relações de vizinhança e conflitos cotidianos. A injúria, por envolver ofensas e humilhações que ferem a dignidade, costuma ocorrer em contextos de convivência prolongada, o que pode explicar a maior vitimização feminina, já identificada também em outros crimes de natureza pessoal e relacional.

Figura 165 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)

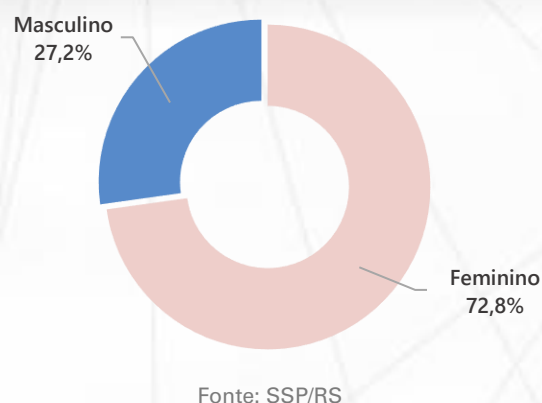
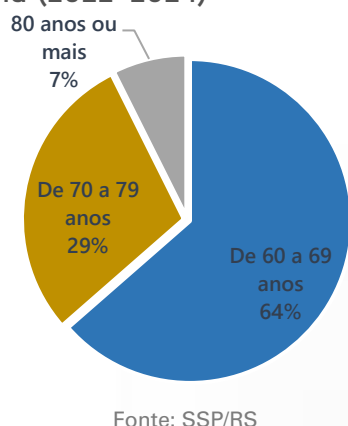


Figura 166 – Percentual de ocorrências por faixa etária (2022-2024)



A maior parte das vítimas tem entre 60 e 69 anos (64%), seguida pela faixa de 70 a 79 anos (29%) e, por fim, pelos idosos com 80 anos ou mais (7%). A predominância entre os mais jovens do grupo idoso é coerente com a maior participação desses indivíduos em atividades comunitárias, trânsito urbano e interações sociais diversas, ampliando a exposição a conflitos e situações de atrito.

O recorte racial mostra predominância de vítimas brancas (72%), seguidas por pretas (8%) e pardas (2%). Ainda que haja 18% de casos sem informação, a distribuição acompanha o perfil demográfico da população idosa de Porto Alegre. Entretanto, a proporção de vítimas negras pode ser significativa quando comparada ao total de idosos negros na cidade, especialmente em territórios onde conflitos de vizinhança e discriminações são mais frequentes. A qualificação do registro da variável cor/raça permanece essencial para análises mais precisas.

Figura 167 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)

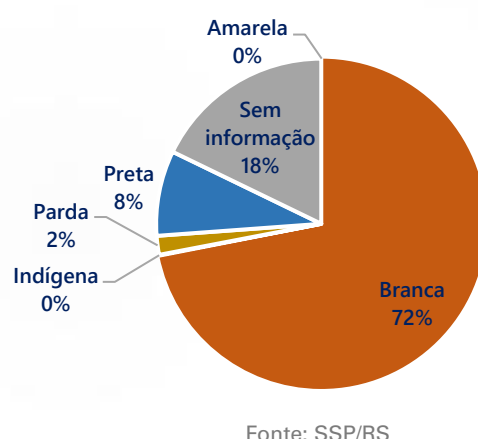
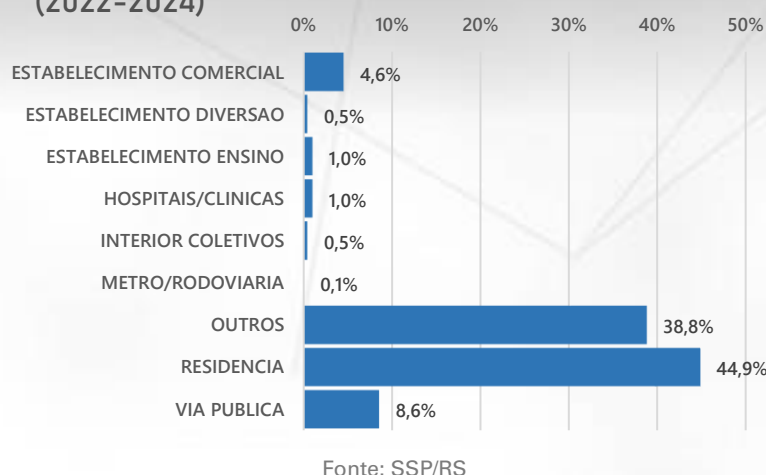


Figura 168 – Percentual de ocorrências por local (2022-2024)



A injúria ocorre majoritariamente em residência (44,9%), evidenciando seu forte caráter intrafamiliar e de convivência próxima. A categoria “Outros” (38,8%) também tem peso expressivo, incluindo espaços como áreas comuns de condomínios, vizinhança imediata, locais comunitários e interações não categorizadas. A via pública (8,6%) aparece como local de menor incidência, mas relevante. Estabelecimentos comerciais, hospitais, transporte coletivo, ensino, lazer e metrô apresentam incidência baixa.

O crime de injúria ocorre ao longo de todo o dia, com leve concentração à tarde (35,8%) e pela manhã (33,8%). A noite representa 25,8% dos casos, e a madrugada aparece com 4,7%, indicando que, embora menos frequente o crime pode ocorrer também nesse período. A distribuição reforça que a injúria é uma violência altamente relacional e vinculada ao cotidiano dos idosos.

Figura 169 – Percentual de ocorrências por turno (2022-2024)

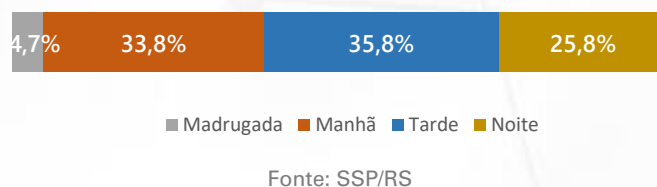
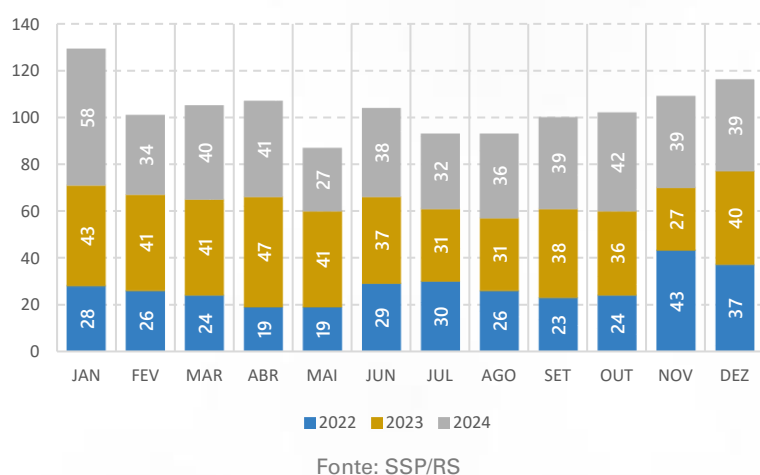


Figura 170 – Ocorrências por mês e ano (2022-2024)



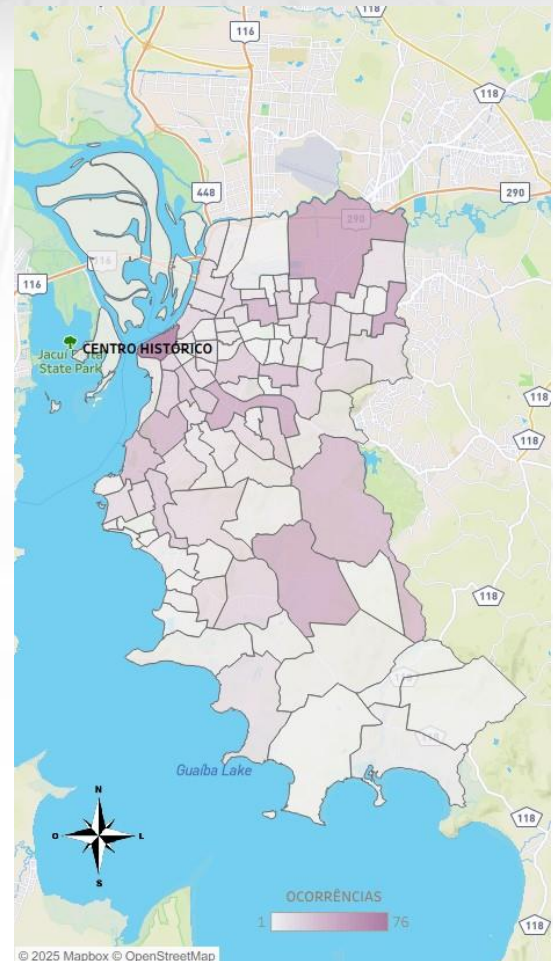
Os registros de injúria apresentam uma forte tendência de crescimento ao longo do período analisado com um aumento acumulado de aproximadamente 42%. Em 2022, o ano com menor volume, os registros se mantêm relativamente baixos e estáveis, com exceção de novembro, que já sinalizava pressão sazonal no final do ano. Em 2023, os aumentos tornam-se mais evidentes, com pico em abril e níveis elevados nos primeiros meses. Em 2024, a tendência ascendente se consolida com valores significativamente mais altos, especialmente em janeiro. No consolidado dos três anos, janeiro e dezembro concentram os maiores volumes de casos.

Figura 171 – Ocorrências por bairro (2022-2024)

A análise das ocorrências de injúria em Porto Alegre evidencia um padrão territorial fortemente associado à convivência cotidiana, conflitos interpessoais e densidade habitacional. O Centro Histórico, com 76 registros, destaca-se como uma das principais áreas de ocorrência, reflexo de sua elevada densidade social e mistura de usos residenciais, comerciais e institucionais, o que favorece situações de conflito. Logo após vem os bairros Sarandi (46), Rubem Berta (44), Partenon (41), Restinga (37), Passo da Areia (36), Santa Tereza (36), Lomba do Pinheiro (32), Cristal (29) e Azenha (26).

O grupo Sem Identificação, com 108 ocorrências, corresponde a uma parcela relevante e limita parte da análise territorial.

Em síntese, o padrão territorial da injúria em Porto Alegre segue a lógica dos crimes de convivência: maior incidência em bairros populosos, densos e com intensa interação entre moradores.



Fonte: SSP/RS

Os dados analisados mostram que a violência contra pessoas idosas em Porto Alegre permanece como um desafio significativo, com mais de 54 mil ocorrências registradas entre 2022 e 2024. Os crimes mais frequentes — especialmente estelionato, seguido por ameaças, furtos e agressões — evidenciam vulnerabilidades associadas tanto ao ambiente doméstico quanto à circulação urbana.

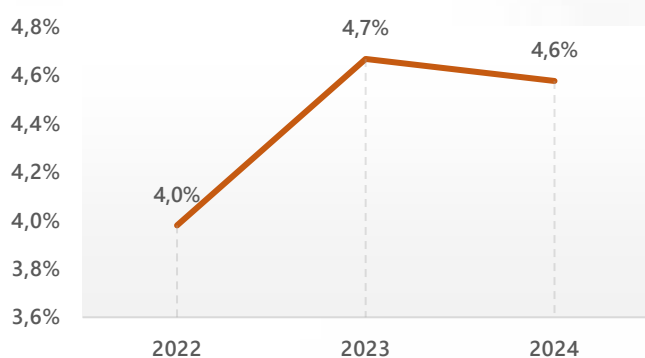
O perfil das vítimas revela predominância de mulheres, concentração na faixa de 60 a 69 anos e presença relevante de idosos negros, ao mesmo tempo em que o grande volume de registros sem informação racial aponta fragilidades importantes nos sistemas de registro. Territorialmente, bairros densos e socialmente diversos, como Centro Histórico, Partenon, Rubem Berta e Menino Deus, concentram os maiores volumes de casos, refletindo desigualdades e diferentes exposições ao risco.

A maior incidência nos turnos da manhã e da tarde, assim como em residências e vias públicas, reforça que a violência ocorre em contextos cotidianos e próximos à rotina dos idosos. No conjunto, os dados apontam para a necessidade de estratégias integradas de prevenção, fortalecimento das redes de proteção e políticas públicas sensíveis às vulnerabilidades do envelhecimento, garantindo segurança, dignidade e cuidado à população idosa.

Violências contra pessoas idosas

Das notificações de violências registradas em Porto Alegre no sistema Sentinela, da Secretaria Municipal de Saúde, de 2022 à 2024, 4,4% do total acumulado são de vítimas idosas. Por ano, os percentuais são os seguintes:

Figura 172 – Violências contra pessoas idosas em % (2022-2024)



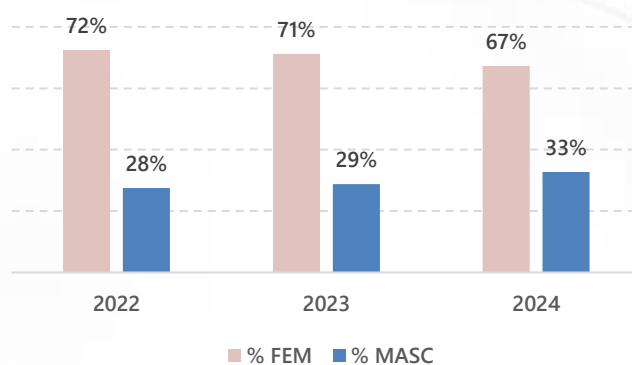
Fonte: Sentinela/SMS

Os dados de violências contra idosos indicam relativa estabilidade no triênio analisado, com leve variação anual. Observa-se um incremento entre 2022 (4,0%) e 2023 (4,7%), seguido de uma pequena redução em 2024 (4,6%), mantendo-se, porém, acima do patamar inicial. Esse comportamento sugere a necessidade de continuidade das ações preventivas, qualificação dos serviços e fortalecimento das estratégias intersetoriais, garantindo resposta permanente e monitoramento sistemático para proteção da população idosa.

Os dados evidenciam que, embora as mulheres idosas permaneçam como o grupo mais atingido pelas situações de violência, observa-se um movimento gradual de redução dessa predominância ao longo dos últimos três anos. Em 2022, as mulheres representavam 72% das vítimas, percentual que caiu para 67% em 2024. Paralelamente, a participação masculina passou de 28% para 33% no mesmo período.

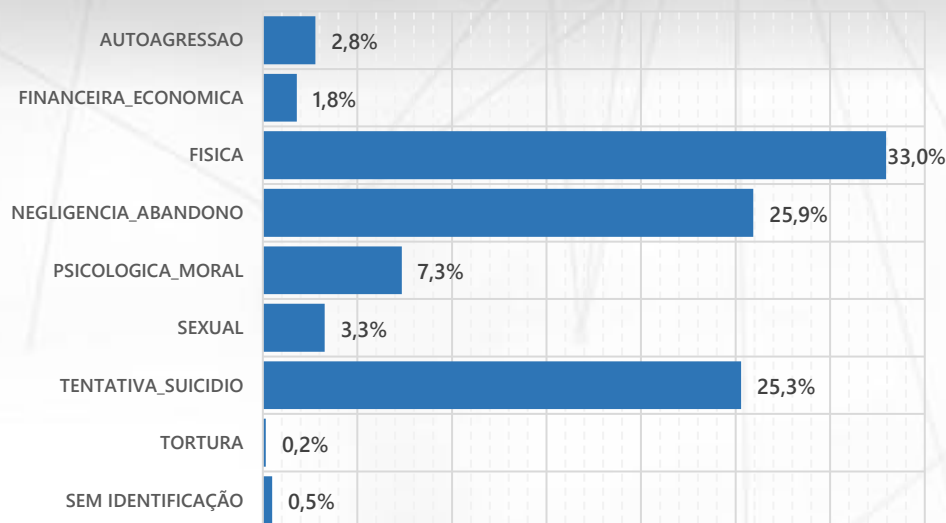
Esse comportamento indica uma mudança gradual no perfil das vítimas, sugerindo maior visibilidade das violências que afetam homens idosos e possível ampliação das notificações para esse público. Ainda assim, o predomínio feminino reafirma a necessidade de ações específicas de proteção, prevenção e cuidado voltadas às idosas, considerando sua maior exposição a vulnerabilidades sociais, econômicas e familiares.

Figura 173 – Violências contra pessoas idosas por sexo em % (2022-2024)



Fonte: Sentinela/SMS

Figura 174 – Violências contra pessoas idosas por tipo em % (2022-2024)



Fonte: Sentinela/SMS

Os dados apresentados evidenciam que as violências físicas constituem a forma mais recorrente de agressão contra pessoas idosas, representando 33,0% do total de ocorrências. Esse indicador aponta para situações de maior gravidade e risco imediato, demandando ações integradas de proteção, acolhimento e responsabilização dos agressores.

Em seguida, observa-se elevada incidência de negligência e abandono (25,9%) e de tentativas de suicídio (25,3%), ambas refletindo vulnerabilidades profundas associadas a fatores como isolamento social, fragilidade emocional, dependência funcional e ausência de redes de cuidado. Esses dados reforçam a necessidade de fortalecer políticas de atenção integral, visitas domiciliares e apoio psicossocial.

As violências psicológica/moral (7,3%) e sexual (3,3%), embora em menor proporção, revelam formas de abuso que muitas vezes permanecem ocultas, exigindo ampliação dos mecanismos de denúncia, capacitação de equipes e campanhas de conscientização para identificação precoce.

As categorias de autoagressão (2,8%) e violência financeira/ econômica (1,8%) indicam ocorrências relevantes, especialmente quando se consideram os impactos sobre a autonomia, dignidade e segurança patrimonial dos idosos. Já os registros de tortura (0,2%) e casos sem identificação (0,5%) aparecem em menor escala, mas ainda assim requerem atenção institucional.

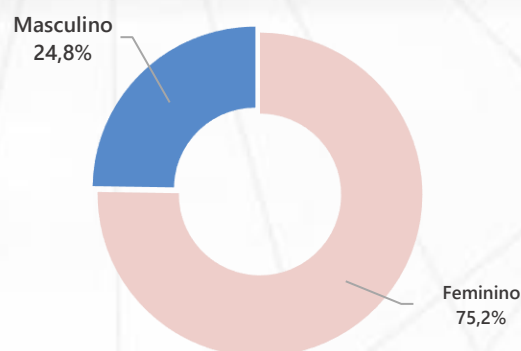
De forma geral, o conjunto dos indicadores reforça a importância de estratégias contínuas de prevenção, proteção social, fortalecimento das redes intersetoriais e ampliação do acesso a serviços que garantam o cuidado, a dignidade e a segurança das pessoas idosas.

1. Violência física:

Os dados indicam que, entre os casos registrados de violência física contra idosos, 75,2% das vítimas são mulheres, enquanto 24,8% são homens. Esse padrão evidencia uma maior vulnerabilidade das mulheres idosas à violência física, reforçando a necessidade de ações específicas de prevenção, acolhimento e proteção direcionadas ao público feminino idoso.

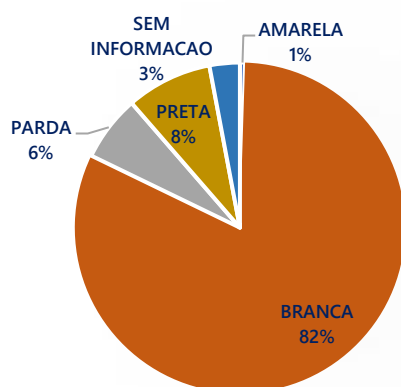
A expressiva diferença entre os sexos aponta para desigualdades de gênero que se mantêm também na velhice, exigindo que políticas públicas integrem perspectivas de gênero e envelhecimento. Além disso, o cenário reforça a importância de estratégias intersetoriais para fortalecimento das redes de apoio, identificação precoce de situações de risco e promoção de ambientes seguros às pessoas idosas.

Figura 175 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)



Fonte: Sentinela/SMS

Figura 176 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)



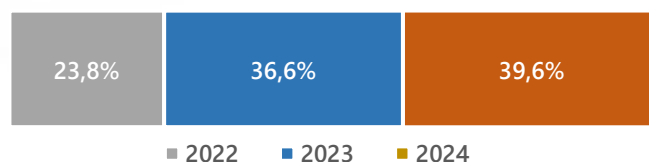
Fonte: Sentinela/SMS

Os dados indicam que a maior parte das vítimas idosas de violência física é branca (82%), representando a ampla maioria das ocorrências registradas. As vítimas pretas (8%) e pardas (6%), embora em números percentuais menores, merecem atenção institucional, considerando que esses grupos historicamente enfrentam maior vulnerabilidade social, menor acesso a redes de apoio e maior exposição a contextos de desigualdade, fatores que podem influenciar a subnotificação. Os registros de pessoas amarelas (1%) e sem informação (3%) são pontualmente menos representativos, mas reforçam a

necessidade de qualificação contínua do preenchimento das informações, garantindo maior precisão diagnóstica e aprimoramento das políticas públicas.

Os dados indicam um crescimento contínuo na proporção de ocorrências de violência física contra pessoas idosas ao longo do período analisado. Em 2022, esse tipo de violência representava 23,8% dos registros, avançando para 36,6% em 2023 e atingindo 39,6% em 2024.

Figura 177 – Percentual de ocorrências por ano (2022-2024)



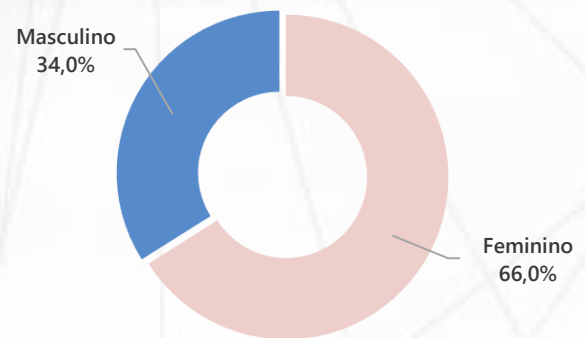
Fonte: Sentinela/SMS

2. Negligência/abandono:

Os dados indicam que, entre os casos registrados de negligência/abandono contra idosos, 66% das vítimas são mulheres, enquanto 34% são homens.

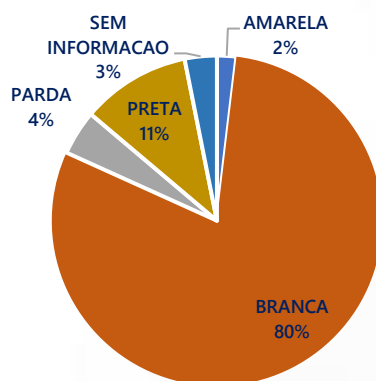
Essa distribuição reforça um padrão recorrente nas violências contra a pessoa idosa, em que as mulheres permanecem mais expostas a situações de vulnerabilidade, especialmente em contextos familiares e de cuidado. A maior proporção feminina evidencia a necessidade de estratégias específicas de proteção, qualificação das redes de apoio e ações preventivas sensíveis às desigualdades de gênero no envelhecimento.

Figura 178 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)



Fonte: Sentinela/SMS

Figura 179 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)

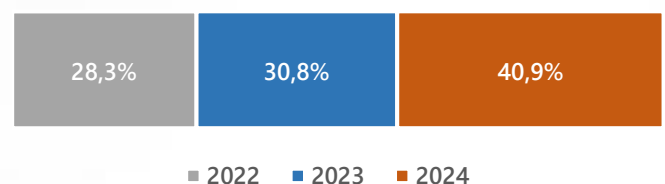


Fonte: Sentinela/SMS

Os dados indicam que a maior parte das vítimas idosas de violência física é branca (80%), representando a ampla maioria das ocorrências registradas. As vítimas pretas (11%) e pardas (4%), embora em percentuais menores, merecem atenção institucional. Os registros de pessoas amarelas (2%) e sem informação (3%) são pontualmente menos representativos. O cenário reforça a importância de qualificar a coleta de dados e de compreender diferenças territoriais, socioeconômicas e de acesso a serviços, garantindo que políticas de prevenção e proteção considerem desigualdades raciais e promovam atenção integral às pessoas idosas em maior situação de vulnerabilidade.

Os dados evidenciam uma tendência consistente de crescimento das ocorrências de negligência contra pessoas idosas ao longo dos últimos três anos. Em 2022, o indicador registrou 28,3%, avançando para 30,8% em 2023 e atingindo 40,9% em 2024. O aumento progressivo sugere agravamento das situações de vulnerabilidade enfrentadas por idosos. O crescimento mais acentuado entre 2023 e 2024 reforça a importância de fortalecer políticas intersetoriais de prevenção.

Figura 180 – Percentual de ocorrências por ano (2022-2024)



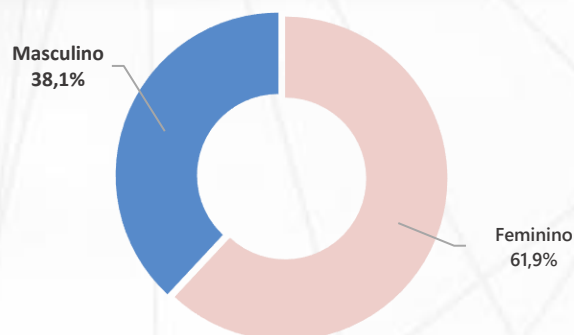
Fonte: Sentinela/SMS

3. Tentativa de suicídio:

Os dados apontam que a maior parte das ocorrências de tentativa de suicídio envolve mulheres idosas, que representam 61,9% dos registros enquanto os homens idosos correspondem a 38,1% dos casos.

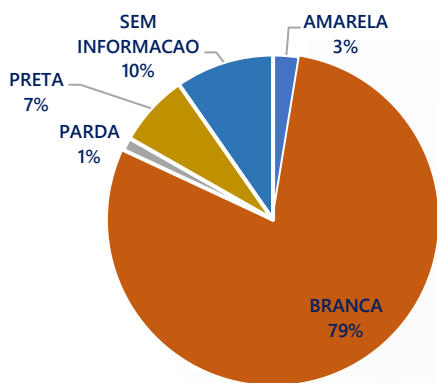
Essa distribuição evidencia que, embora ambos os sexos estejam expostos a fatores de risco relevantes, as mulheres idosas têm apresentado maior vulnerabilidade, o que reforça a necessidade de ações preventivas específicas, com enfoque em saúde mental, redes de apoio, identificação precoce de sinais de sofrimento emocional e fortalecimento dos serviços intersetoriais de proteção.

Figura 181 – Percentual de ocorrências por sexo (2022-2024)



Fonte: Sentinela/SMS

Figura 182 – Percentual de ocorrências por cor/raça (2022-2024)

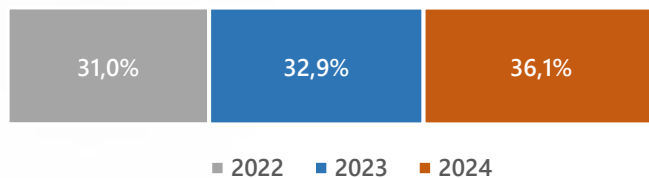


Fonte: Sentinela/SMS

A análise dos dados de tentativas de suicídio entre pessoas idosas revela um crescimento contínuo ao longo dos últimos três anos, passando de 31,0% em 2022 para 32,9% em 2023 e alcançando 36,1% em 2024. Esse avanço gradual indica um cenário que exige atenção redobrada do poder público, especialmente porque as tentativas de suicídio representam situações de extrema vulnerabilidade e risco. O aumento anual reforça a necessidade de fortalecer ações intersetoriais de cuidado, prevenção, acolhimento psicossocial e proteção social, com foco na identificação precoce de sinais de sofrimento, no suporte às redes familiares e comunitárias e na ampliação de políticas de promoção da saúde mental da pessoa idosa.

A análise por cor evidencia que a maior parte das vítimas é branca (79%), com ampla maioria das ocorrências registradas. As vítimas pretas (7%), amarelas (3%) e pardas (1%), embora em percentuais menores, merecem atenção institucional e políticas de prevenção que considerem desigualdades raciais. Os registros de sem informação (10%) são mais representativos e reforça a importância de qualificar a coleta de dados para garantir diagnósticos mais precisos.

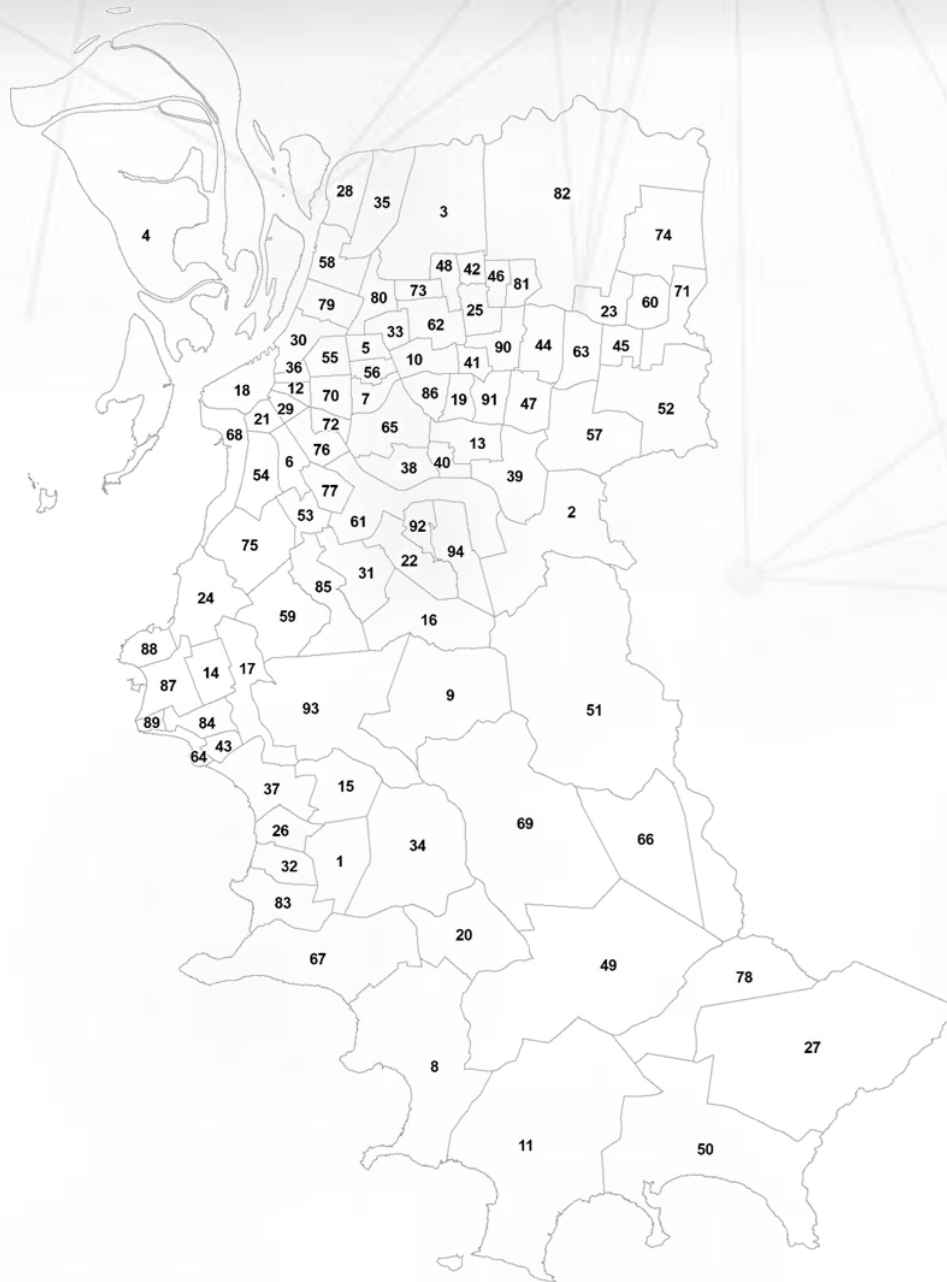
Figura 183 – Percentual de ocorrências por ano (2022-2024)



■ 2022 ■ 2023 ■ 2024

Fonte: Sentinela/SMS

Legenda de bairros



Nº	BAIRRO	Nº	BAIRRO	Nº	BAIRRO	Nº	BAIRRO	Nº	BAIRRO	Nº	BAIRRO
1	ABERTA DOS MORROS	17	CAVALHADA	33	HIGIENÓPOLIS	49	LAGEADO	65	PETRÓPOLIS	81	SÃO SEBASTIÃO
2	AGRONOMIA	18	CENTRO HISTÓRICO	34	HÍPICA	50	LAMI	66	PITINGA	82	SARANDI
3	ANCHIETA	19	CHÁCARA DAS PEDRAS	35	HUMAITÁ	51	LOMBA DO PINHEIRO	67	PONTA GROSSA	83	SERRARIA
4	ARQUIPÉLAGO	20	CHAPÉU DO SOL	36	INDEPENDÊNCIA	52	MÁRIO QUINTANA	68	PRAIA DE BELAS	84	SÉTIMO CÉU
5	AUXILIADORA	21	CIDADE BAIXA	37	IPANEMA	53	MEDIANEIRA	69	RESTINGA	85	TERESÓPOLIS
6	AZENHA	22	CEL. APARICIO BORGES	38	JARDIM BOTÂNICO	54	MENINO DEUS	70	RIO BRANCO	86	TRÊS FIGUEIRAS
7	BELA VISTA	23	COSTA E SILVA	39	JARDIM CARVALHO	55	MOINHOS DE VENTO	71	RUBEM BERTA	87	TRISTEZA
8	BELÉM NOVO	24	CRISTAL	40	JARDIM DO SALSO	56	MONTSERRAT	72	SANTA CECÍLIA	88	VILA ASSUNÇÃO
9	BELÉM VELHO	25	CRISTO REDENTOR	41	JARDIM EUROPA	57	MORRO SANTANA	73	SANTA MARIA GORETTI	89	VILA CONCEIÇÃO
10	BOA VISTA	26	ESPÍRITO SANTO	42	JARDIM FLORESTA	58	NAVEGANTES	74	SANTA ROSA DE LIMA	90	VILA IPIRANGA
11	BOA VISTA DO SUL	27	EXTREMA	43	JARDIM ISABEL	59	NONOAI	75	SANTA TEREZA	91	VILA JARDIM
12	BOM FIM	28	FARRAPOS	44	JARDIM ITU	60	PARQUE SANTA FÉ	76	SANTANA	92	VILA JOÃO PESSOA
13	BOM JESUS	29	FARROUPILHA	45	JARDIM LEOPOLDINA	61	PARTENON	77	SANTO ANTÔNIO	93	VILA NOVA
14	CAMAQUÃ	30	FLORESTA	46	JARDIM LINDÓIA	62	PASSO DA AREIA	78	SÃO CAETANO	94	VILA SÃO JOSÉ
15	CAMPO NOVO	31	GLÓRIA	47	JARDIM SABARÁ	63	PASSO DAS PEDRAS	79	SÃO GERALDO		
16	CASCATA	32	GUARUJÁ	48	JARDIM SÃO PEDRO	64	PEDRA REDONDA	80	SÃO JOÃO		

Mensagem de Encerramento

A segunda edição do boletim “Mapeando Violências em Porto Alegre”, dedicada à análise das violências contra pessoas idosas, reforça o papel estratégico da produção e utilização de evidências como base para a formulação, o monitoramento e a avaliação de políticas públicas municipais.

A sistematização de dados provenientes de múltiplas fontes permite a construção de um diagnóstico integrado, capaz de identificar padrões, tendências e vulnerabilidades. Essa abordagem evidencia a relevância do uso qualificado da informação como instrumento técnico para orientar decisões governamentais e fortalecer a capacidade institucional de resposta às diversas formas de violência.

Mais do que um panorama quantitativo, o boletim constitui um instrumento metodológico de análise e planejamento, alinhado aos princípios das políticas públicas informadas por evidências. A interpretação crítica dos dados possibilita compreender as intersecções entre fatores demográficos, sociais e territoriais, ampliando o campo de ação do poder público em direção à prevenção e à redução dos riscos sociais.

O Escritório de Prevenção às Violências (EPV), vinculado à Secretaria Municipal Geral de Governo (SMGG) da Prefeitura de Porto Alegre, consolida, por meio desta publicação, um modelo técnico de gestão da informação, fundamentado em métodos científicos e em cooperação intersetorial. O EPV atua como instância articuladora entre dados, políticas e práticas, promovendo uma cultura institucional voltada à evidência, à transparência e à efetividade das ações públicas.

A continuidade da série “Mapeando Violências” reforça o compromisso com a produção de conhecimento aplicado à gestão pública, contribuindo para o aprimoramento das estratégias de prevenção e para o fortalecimento das políticas locais de proteção social. O avanço nesse campo depende da integração entre pesquisa, gestão e participação social, princípios que orientam a atuação do EPV na consolidação de uma Porto Alegre mais segura, justa e inclusiva.

Denise Araujo Villas Bôas
Responsável Técnica

Este boletim foi elaborado para uso institucional do Escritório de Prevenção às Violências (EPV) da Secretaria Municipal Geral de Governo (SMGG), que detém os direitos institucionais sobre o material. No entanto, o tratamento dos dados, as análises, interpretações e reflexões aqui contidas representam contribuições autorais pessoais, realizadas pela responsável técnica. O uso, reprodução ou adaptação deste conteúdo por terceiros deve respeitar os direitos de autoria, com citação apropriada e, quando aplicável, mediante autorização prévia do autor.



**Prefeitura de
Porto Alegre**

SECRETARIA
GERAL DE GOVERNO